

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MARIO DOUGLAS TEIXEIRA BENTES**

**DAVID E SÉRGIO: VOZES DO HOMOEROTISMO EM CHARLES DICKENS E  
RAUL POMPÉIA**

**MANAUS-AM**

**2021**

**MARIO DOUGLAS TEIXEIRA BENTES**

**DAVID E SÉRGIO: VOZES DO HOMOEROTISMO EM CHARLES DICKENS E  
RAUL POMPÉIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de concentração em Estudos Literários.

Orientador: Lajosy Silva

**MANAUS – AM**

**2021**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B475d Bentes, Mario Douglas Teixeira  
David e Sérgio : Vozes do homoerotismo em Charles Dickens e  
Raul Pompéia / Mario Douglas Teixeira Bentes . 2021  
91 f.: 31 cm.

Orientador: Lajosy Silva  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Homoerotismo. 2. Instituições Totais. 3. Charles Dickens. 4.  
Raul Pompéia. I. Silva, Lajosy. II. Universidade Federal do  
Amazonas III. Título

**MÁRIO DOUGLAS TEIXEIRA BENTES**

**“DAVID E SÉRGIO: VOZES DO HOMOEROTISMO EM CHARLES DICKENS E RAUL  
POMPÉIA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em letras na área de Estudos Literários.

Aprovada em 22 de março de 2021.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof. Dr. Lajosy Silva (UFAM) - **Presidente**



---

Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva (UEA) - **Membro**



---

Profa. Dra. Vanúbia Araújo Laulate Moncayo (UEA) - **Membro**

Mario Douglas Teixeira Bentes

**DAVID E SÉRGIO: VOZES DO HOMOEROTISMO EM CHARLES DICKENS E  
RAUL POMPÉIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de concentração em Estudos Literários.

Orientador: Lajosy Silva

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Lajosy Silva – Presidente  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

---

Prof. Dr. Allison Leão da Silva – Membro  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>o</sup> Vanúbia Araújo Laulate Moncayo - Membro  
Universidade Federal do Amazonas – UEA

---

Prof. Dr. Fúlvio Torres Flores – Suplente  
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Ramos – Suplente  
Universidade de São Paulo – USP

Por todos os momentos de alegria que  
compartilhamos, dedico este trabalho ao meu  
melhor amigo.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto do fomento à pesquisa realizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) em parceria com o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), entre os anos de 2018 e 2020. Expresso meu agradecimento a essas duas instituições pelo apoio e pela oportunidade de contribuir com o avanço da pesquisa na área de Letras.

Em primeiro lugar, expresso minha gratidão a todos os professores que tomaram parte dessa trajetória acadêmica. Ao meu orientador, Lajosy Silva, por toda paciência em guiar esse trabalho até o fim. Ao Prof. Dr. Allison Leão, que desde a graduação me inspira e contribui para a minha formação; sua participação na banca de qualificação, assim como na de defesa, foi essencial para a elucidação de várias questões desse trabalho.

Um agradecimento mais que especial a minha querida Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Vanúbia Moncayo, que desde o primeiro momento em que nos conhecemos guiou meus passos e me acolheu como um filho. Obrigado por toda orientação durante minha graduação e por todo o carinho. Agradeço por ter me introduzido a obra *David Copperfield*, da mesma forma com que me apresentou a obra de William Blake. É muito provável que esse trabalho não existisse sem a sua participação.

Um obrigado especial a minha querida Sabrinna, que dividiu tristezas e alegrias que tomaram parte nesse árduo processo, você foi e continua sendo uma constante inspiração e fonte de ânimo nesse percurso que é a vida acadêmica.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, Karolinne, Beatriz, Márcio, Jaiana e Jandir por dividirem comigo a experiência da pós-graduação.

Aos meus queridos amigos mestres, Rebecca e Marcelo, Eduardo e Síndia. Cada um de vocês me inspira de uma maneira diferente e me ensina sempre como é grande o valor da amizade e também do amor. Também gostaria de agradecer ao meu amigo Anderson, por todos os incentivos e conselhos nesse caminho, por todo apoio e ombro amigo dado a mim até aqui.

Ao meu pai que, apesar de não conhecer as cores do ambiente acadêmico, sempre me deu todas as condições possíveis para dar continuidade a minha formação. Obrigado por todo amor e por todas as coisas que os livros não foram capazes de me ensinar.

Por fim, quero agradecer ao meu amigo Gustavo. Obrigado por todo amor, cumplicidade, refúgio e incentivo aos meus sonhos. Obrigado por desempenhar tantos papéis em minha vida e pela certeza que a falta da presença física não altera em nada a nossa jornada.

Agradeço profundamente a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

## The Lamb

*Little Lamb who made thee  
Dost thou know who made thee  
Gave thee life & bid thee feed.  
By the stream & o'er the mead  
Gave thee clothing of delight  
Softest clothing wooly bright  
Gave thee such a tender voice,  
Making all the vales rejoice!  
Little Lamb who made thee  
Dost thou know who made thee.*

*Little Lamb I'll tell thee,  
Little Lamb I'll tell thee!  
He is called by thy name,  
For he calls himself a Lamb:  
He is meek & he is mild,  
He became a little child:  
I a child & thou a lamb,  
We are called by his name  
Little Lamb God bless thee  
Little Lamb God bless thee*

## The Tyger

*Tyger Tyger, burning bright,  
In the forests of the night;  
What immortal hand or eye,  
Could frame thy fearful symmetry?*

*In what distant deeps or skies.  
Burnt the fire of thine eyes?  
On what wings dare he aspire?  
What the hand, dare seize the fire?*

*And what shoulder, & what art,  
Could twist the sinews of thy heart?  
And when thy heart began to beat,  
What dread hand? & what dread feet?*

*What the hammer? what the chain,  
In what furnace was thy brain?  
What the anvil? what dread grasp,  
Dare its deadly terrors clasp!*

*When the stars threw down their spears  
And water'd heaven with their tears:  
Did he smile his work to see?  
Did he who made the Lamb make thee?*

*Tyger Tyger burning bright,  
In the forests of the night:  
What immortal hand or eye,  
Dare frame thy fearful symmetry?*

William Blake

## RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar os romances *David Copperfield*, de Charles Dickens e *O Ateneu*, de Raul Pompéia, cotejando os pontos que, conforme acreditamos, são comuns a ambos. Os romances são narrados em primeira pessoa e estruturados a partir do exercício memorialístico dos narradores David e Sérgio que buscam reconstruir seu passado. Objetivamos, a partir disso, relacionar o arranjo narrativo com os significados possíveis através do romance. As relações ilustradas nas páginas de Dickens e Pompéia possibilitam leituras que trazem à tona a questão do homoerotismo, que é possível a partir do ambiente monossexual do internato. Por essa razão, colocaremos os pontos relacionados à família e a escola, assim como seu valor na formação identitária, em paralelo à emergência de condutas que podem ser interpretadas como homoeróticas. Trabalhando com base nessas fontes, o trabalho propõe-se a desvendar os possíveis elos relacionais entre família, escola e indivíduo. Para tanto, valemo-nos das teorias de Goffman (2010), que evidencia o caráter totalitário do ambiente institucional, assim como as propostas de Sandanello (2015) sobre o problema narrativo da obra de Pompeia, além de textos de caráter sócio-histórico, como os de Mary Del Priore (2016).

**Palavras-chave:** Homoerotismo; Instituições Totais; Charles Dickens; Raul Pompéia.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the novels *David Copperfield* (1850) by Charles Dickens and *O Ateneu* (1888) by Raul Pompeia, comparing the points that are common to both. The novels are narrated in the first person and its structure built from the memories of narrators David and Sergio who seek to reconstruct their past. We pursue to relate the narrative arrangement with the possible meanings based on the novel. The relationships illustrated by the pages of Dickens and Pompeia can be interpreted based on the concept of homoeroticism, which is possible because of the monosexual space of the boarding school. We point questions related to family and school, as well as their value in identity formation, in parallel with the emergence of behaviors that we can read as homoerotic. Based on these sources, the study proposes to unravel the possible links between family, school and individual. To achieve this, we use Goffman's (2010) theories, which show the totalitarian atmosphere of the institutional space, as well as Sandanello's (2015) texts about the narrative problem of Pompeia's novel, as well as social historical texts such as Mary Del Priore (2016).

**Keywords:** Homoeroticism; Total Institutions; Charles Dickens; Raul Pompéia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 DOIS AUTORES, DUAS PAISAGENS</b> .....	13
1.1 <i>Money talks</i> : a obra de Dickens e o capitalismo burguês.....	13
1.2 Raul Pompéia e o Império: imagens do Brasil oitocentista.....	30
<b>2 SONGS OF INNOCENSE: A MORALIDADE DO AMBIENTE FAMILIAR</b> .....	42
2.1 Palimpsesto memorialístico: a narração prospectiva de David e Sérgio.....	44
2.2 Laços e nós: uma análise das relações familiares.....	56
<b>3 SONGS OF EXPERIENCE: MORALIDADE E DISCIPLINA NA INSTITUIÇÃO</b>	
<b>TOTAL</b> .....	64
3.1 David e Sérgio: imagens da masculinidade, intimidade e desejo.....	77
<b>CONCLUSÃO</b> .....	87
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	89



## INTRODUÇÃO

O século XIX foi um período marcado por mudanças sociais em função das instituições religiosas e políticas. Na Europa, vivia-se um *boom* de desenvolvimento econômico em decorrência da Revolução Industrial. Ao mesmo tempo, a tradição ainda possuía grande influência. A figura da rainha Vitória, junto com seu marido, representava o padrão social que se instaurava gradualmente na Inglaterra, o mesmo padrão que, em seguida, seria difundido em outras partes do mundo. No Brasil, com o advento da corte imperial, muitas transformações ocorriam também. Os tratados comerciais firmados com a Inglaterra traziam por consequência o atraso do Brasil na corrida pela industrialização e causava também uma dependência comercial, política e, conseqüentemente, cultural. Nesse contexto histórico surgem na cena literária os romances *David Copperfield*, publicado em 1850, na Inglaterra, e *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado em 1888, no Brasil.

As obras ganham vida nas vozes dos narradores David e Sérgio, que reconstroem seu passado com base em suas memórias. Sérgio nos transporta por meio do exercício mnemônico ao ambiente d'O Ateneu, o internato da “fina flor da mocidade brasileira”<sup>1</sup> do século XIX, regido pela figura do diretor Aristarco. Sérgio nos traz à tona suas lembranças e sentimentos enquanto foi interno. Lá, ele é imerso em um ambiente integrado apenas por meninos e toma parte em uma série de situações que ensaiam a vida da sociedade imperial.

Já David, nos traz uma visão mais ampla de suas experiências, que são iniciadas desde seu nascimento e partem rumo às várias etapas de sua trajetória. David também experimenta ambientes de internato e vivencia experiências semelhantes às de Sérgio, quando desenvolve uma relação de intimidade com Steerforth, um dos internos da Salem House, que é o colégio interno administrado pelo Sr. Creakle.

David e Sérgio narram experiências vividas dentro do ambiente institucional, onde acabam fazendo parte de situações que desviam dos padrões morais em vigor na época. Ambos os narradores, a partir dessas experiências, descobrem novos rumos para a construção de sua identidade.

Nosso trabalho se dispõe em três capítulos que cotejam três objetivos principais. O primeiro procura resgatar o momento histórico do qual as obras são produtos. Apesar de tratarem-se de momentos históricos distintos, é possível percebemos correlações na configuração dos sistemas políticos e sociais da Inglaterra Vitoriana e do Brasil Imperial ao colocarmos ambos em paralelo. Por essa razão, debruçamo-nos sobre a história de ambos e

---

<sup>1</sup> POMPEIA, 2015, p. 30.

percebemos como os costumes e valores de toda uma época se transportam para dentro das narrativas propostas por Dickens e Pompeia.

A segunda etapa de nossa caminhada é centrada em três principais pontos: memória, narrativa e família. Inicialmente podem parecer completamente isolados, mas a partir dos romances, é possível compreender como se relacionam esses conceitos. *Verba volant, scripta manent*<sup>2</sup> é o provérbio latino que talvez melhor se relacione com a interpretação que fazemos do usufruto da memória pelos nossos narradores. Ao retomar o valor da escrita como superior ao que é apenas falado, ou pensado, podemos refletir sobre a natureza das obras que tomamos como base para a construção de nosso estudo, uma vez que ambos são estruturados a partir da escrita do passado, num processo de materialização da memória.

Além disso, buscamos elucidar questões a respeito do entrelace entre exercício memorialístico e foco narrativo, trazendo à tona teorias como a de Franco Baptista Sandanello (2015) para consolidar nosso enfoque. A estrutura narrativa estaria fortemente comprometida pelo envolvimento emocional do narrador, uma vez que os eventos passados se mostram como causa de problemas no presente. Dessa forma, os eventos são selecionados e dispostos em um arranjo à maneira dos intuítos pessoais do narrador.

Há um silenciamento do passado, que passa a ser uma massa disforme que será moldada pela voz narrativa. Em seguida, procuramos desvendar os motivos que levam os narradores a reformular sua narrativa de memórias e, para isso, colocamos ela como instituição capaz de realizar um efeito traumático sobre os indivíduos, o que teria levado nossos narradores em busca de uma nova forma de realização do passado.

No terceiro e último estrato de nossa pesquisa, procuramos entender como o internato se constrói como instituição totalitária dentro do corpo da sociedade, bem como observar a realização das relações entre os alunos num ambiente configurado como monossexual deságua na emergência de relações homoeróticas. Para tanto, faremos uso de textos ligados à Teoria Queer e os Estudos de Gênero e Identidade, como por exemplo *Problemas de Gênero*, da pesquisadora Judith Butler, *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*, de Michel Foucault, entre outros. Nossa intenção é reinterpretar o relacionamento dos meninos, tomando por base a ideia de subversão dos padrões de masculinidade hegemônicos para o período retratados em seus enredos.

Percebemos que os romances tornam possíveis a construção de analogias que perpassam os seus eixos narrativos e temáticos. David e Sérgio são narradores memorialísticos que narram

---

<sup>2</sup> Provérbio latino que significa “palavras faladas voam; palavras escritas permanecem”.

seu passado a partir de algum ponto de sua vida a adulta. Ambos passam pelo ambiente institucional do internato em seus modelos iniciais, da mesma forma que os dois enfrentam grandes desafios decorrentes desse estágio da vida que é a escola. Percebemos, então, como esses aspectos de rememoração se relacionam com o fio narrativo construído pelos narradores e como a intenção de ambos pode ser revelada por meio da descoberta da inter-relação que o presente dos dois tem com o passado, conforme perceberemos a seguir.

## CAPÍTULO I

### DOIS AUTORES, DUAS PAISAGENS

*So we beat on, boats against the current,  
borne back ceaselessly into the past.*

F. Scott Fitzgerald

Charles Dickens e Raul Pompéia são nomes significativos para suas respectivas literaturas nacionais. Ambos contribuíram de forma notável para a literatura da segunda metade do século XIX. Em virtude do tempo e do espaço dos quais tratam os romances, a saber, *David Copperfield*, de Charles Dickens e *O Ateneu*, de Raul Pompéia, surge nosso questionamento se é possível que realizemos analogias entre os textos, mesmo que separados por um oceano e trinta e oito anos de diferença entre suas datas de publicação.

Os escritores fazem parte de cenários históricos distintos, no entanto, semelhantes. Dickens traduziu dentro de suas páginas muitas cenas do cotidiano inglês que era vivido no longo reinado da Rainha Vitória. Já Pompéia, imergiu dentro da vida da elite brasileira de fins de século e transpôs para dentro de seus escritos os anos finais do império de D. Pedro II. Por essa razão, podemos notar em um e no outro o ar de transformações políticas e sociais. Para além disso, é possível perceber como as obras se impregnam do estilo de vida da época e como uma série de valores são perpetuados por meio das tramas. Sendo assim, debruçar-nos-emos agora sobre os aspectos que constroem o cenário dos romances: a Era Vitoriana, em Dickens, e o Brasil Imperial, em Pompéia.

#### **1.1 *Money talks*: a obra de Dickens e o capitalismo burguês**

O período conhecido popularmente como Era Vitoriana se relaciona com a ascensão da Rainha Vitória ao trono inglês, fato que ocorreu no ano de 1837. Além disso, seu reinado dividiu paralelamente o espaço com a revolução de aprimoramento técnico e industrial que teve seu início na capital britânica. Nesse período em que a Inglaterra era palco de uma grande transformação urbana, o berço do capitalismo europeu caminhava em ritmo acelerado rumo à formação de um centro econômico mundial e a industrialização ocupava um papel de destaque nesse processo. Com o advento das novas tecnologias, a busca por mão de obra para as linhas de produção cresceu e, com ela, a desigualdade social também. Por um lado, via-se o crescimento dos cenários urbanos, do surgimento de fábricas e da formação de aglomerados de homens trabalhadores. De outro, percebia-se fortemente o aumento da oposição entre ricos e pobres, que acontecia de forma progressiva. A pirâmide social era formada na base por

trabalhadores que testemunhavam entre farrapos e sujeira o crescimento da miséria, enquanto no topo, a nobreza e a nova burguesia viviam em meio ao luxo e conforto, por conta da exploração da indústria e do mercado colonial. Com isso, a sociedade britânica experimentou desde cedo os desafios da modernidade, sendo uma das primeiras grandes potências mundiais. Lá se instaurou um verdadeiro *boom* de desenvolvimento e, por essa razão, o trânsito pelas principais artérias urbanas da metrópole dividia espaços que colocavam o campo e a cidade num embate por mais território e, rapidamente, Londres se tornou a capital mundial da época.

Por outro lado, surgia o mundo subterrâneo de Londres, formado por espaços propícios para práticas pouco apreciadas pela moral vitoriana que se consolidava na Inglaterra. A prostituição, as drogas, o alcoolismo e sexualidades consideradas desviantes concretizavam o contraste da nação inglesa. De um lado, luxo, riqueza e prosperidade, além, é claro, de “pureza”. Do outro, miséria, abandono e “sujeira”. A sede do nascimento e consolidação do capitalismo colocou em evidência os perigos da desigualdade social.

Além da Revolução Industrial, a Europa fazia parte de um processo de renovação cultural que estava intimamente ligado com a moral vitoriana que era perpetuada através da imagem da rainha Vitória e do príncipe Albert, modelo para a família burguesa do século XIX. O puritanismo inglês daquele século concorre com o que Foucault (1988, p. 12) aborda quando propõe que a sexualidade teria sido encerrada dentro do âmbito familiar e reprodutor por meio de uma conduta repressiva resultante da lógica capitalista.

Ao voltarmos nosso olhar para o período anterior ao vivido no vitorianismo inglês, estaremos diante do século XVIII e de todas as condutas e práticas que chegaram até ele desde a Idade Média e seus anos antecessores. É sabido que nesse período os códigos da moral e dos costumes tinham regulamentos mais frouxos e as práticas relacionadas à sexualidade ocorriam sem muita procura por esconderijos. Michel Foucault (1988, p. 37) aponta que o puritanismo burguês segue uma lógica atrelada ao capital. Quando surge o proletariado, resultado do êxodo rural causado pela industrialização urbana, surge um aglomerado de força de trabalho ainda bruta, que se coloca como disponível para a produção em massa que acontecia de forma embrionária na Inglaterra Industrial. Desse modo, os prazeres carnavais passam a ser vistos como um obstáculo a maior produtividade da indústria. O sexo passa a ter um fim único: a reprodução. A depravação e a promiscuidade são vistas como um desperdício de forças no processo produtivo. Por essa razão, a sexualidade passa a ser dominada, encerrada dentro do lar conjugal, exclusiva ao casal vitoriano para o principal e uno propósito de reproduzir. O mesmo raciocínio é aplicado a sexualidades infrutíferas, que não geram filhos, não continuam a linhagem, não dão continuidade à produção.

Foucault (1988, p. 90) encara a sexualidade como um dispositivo resultante de práticas, instituições e políticas que agem em função das relações de poder vigentes. A ideia de sexo ligado à proibição é equivocada na visão do autor. Na verdade, o processo se estrutura a partir do controle e disciplinamento dos discursos a respeito da sexualidade. No entanto, o filósofo ainda coloca à mostra como essas condutas pudicas são norteadas por uma lógica baseada no capital. As práticas consideradas ilícitas dentro do ambiente tido como puritano protagonizariam seus papéis em ambientes que poderiam gerar ganhos ao sistema. Nesse contexto se inserem as tão estigmatizadas figuras das prostitutas, dos compradores do sexo, que ofertam e buscam o ilegítimo. Se as práticas desviantes não podem deixar de existir, que pelo menos sejam reinscritas em ambientes de surdina, gerando lucro ao sistema do capital. Foucault (1988, p. 14) salienta que a sociedade exhibe sua hipocrisia como reflexo de seu zelo pela pureza.

O filósofo francês também afirma que daí surge uma preocupação inicial com as crianças, que antes disso tagarelavam e andavam livremente em meio aos adultos (1988, p. 10). Durante a infância, a sexualidade ainda não está definida de forma concreta na identidade de um indivíduo. Por essa razão, surge a necessidade de isolá-las cada vez mais do mundo dos adultos e essa iniciativa tinha uma força motriz tanto moral quanto intelectual.

Era necessário preparar as crianças para o mundo que as cercava e o mecanismo possível para ser usado em tal tarefa já estava posto, mas precisava de reparos e aprimoramento. Eis que surge então uma nova instituição: a escola. Com isso, conforme sinaliza Philippe Ariès (2017, p. 170), a instituição escolar passa a desempenhar o papel de preparar o aprendiz para a vida em sociedade. Esse processo, com o passar dos anos, se transformou em uma das instituições sociais a serviço do Estado, logo depois da família, pois esse espaço passa a ser visto não apenas como ambiente de ensino, mas também de vigilância e disciplinamento.

A sociedade inglesa fez parte do pioneirismo no surgimento do sistema econômico dominante no mundo ocidental. Por ter sido a primeira a se envolver num processo de desenvolvimento industrial, a terra da Rainha despontou muitas vantagens diante de outros territórios, uma vez que os países que não tinham dado início ao processo de industrialização ficariam reféns dos que já tinham avançado nesse caminho. É o que ocorre com o Brasil, que em função desse atraso, fica para trás em muitos anos, assumindo a condição de dependência de tratados comerciais e de financiamento de recursos econômicos.

Estamos diante de uma renovação das práticas consuetudinárias. O homem, a mulher, a criança, todos estão inseridos num processo de ressignificação social das práticas e dos costumes. O homem passa a ser o líder nessa transformação, devido a consolidação de um pensamento coletivo de matriz patriarcal. A mulher encontra-se submissa à dominação

masculina e as crianças ocupam um lugar de desenvolvimento, recebem a insígnia de serem a face do futuro. É importante lembrar que a estrutura familiar já consolidada nesse período finissecular ainda era considerada novidade, pois mesmo com a herança trazida dos tempos medievais, a ideia de um núcleo social formado por um homem, uma mulher, seus filhos e seus agregados ainda era consideravelmente nova. A taxa de mortalidade infantil é um ponto muito presente nessa reflexão, pois a falta de cuidado e as diversas situações de abandono eram grandes fatores que determinavam se uma criança viveria o suficiente para alcançar a próxima idade de sua vida. O sentimento de pertencimento das crianças só passa a surgir de forma muito tardia no pensamento ocidental.

O mundo burguês pode ser observado como a emergência para um novo status na pirâmide social, uma vez que a classe burguesa possuía certa estabilidade, porém, as chances de ascender para o patamar dos altos aristocratas da época, era quase nula. A lógica da vida dessa nova classe era pautada em uma série de incoerências e hipocrisias, como observa Eric Hobsbawn (1996), quando chama atenção para toda a orientação que configurava o funcionamento e consolidação do mundo burguês. Segundo o autor, pode-se conceituar a classe burguesa como:

[...] consistia num corpo de pessoas com poder e influência, independentemente de poder e influência derivados de nascimento ou *status*. Para pertencer a ela, um homem tinha de ser “alguém”; uma pessoa que contasse como indivíduo, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar outros homens, ou de influenciá-los (HOBSBAWN, 1996, p. 339).

Percebemos, então, o apelo para a conquista de poder. Esse ponto desemboca numa outra questão importante que foi muito discutida no período oitocentista: o darwinismo social. A partir dessa corrente de pensamento, toma-se como fator determinante para que o homem alcance poder e influência perante o sistema do capital a ideia de uma raça humana superior, reinscrevendo aspectos biológicos no âmbito social. Conforme lemos na obra de Hawkins (1997, p. 34), a corrente pode ser vista de duas perspectivas, uma reducionista, que “argumenta a evolução social como dependente de propriedades biológicas humanas”, e outra que entende que a evolução social “embora não seja redutível à biologia, ocorreu, no entanto, através de processos análogos de adaptação, seleção e herança”.<sup>3</sup>

O homem burguês era uma imagem de independência e poder, sujeito somente às vontades divinas e minimamente às estatais. Ademais, gozava de poder e superioridade para

---

<sup>3</sup> No original: “They could be completely reductionist and argue that social evolution was dependent on the biological properties of humans, or they could argue that social evolution, while not reducible to biology, nonetheless took place through analogous processes of adaptation, selection and inheritance”.

dominar os que não estavam no mesmo nível que o seu. Era um homem que dava ordens, não as recebia; seja na esfera pública, para com seus funcionários, por exemplo; seja no âmbito privado, dominando sua mulher, filhos e criados. O lar burguês encontra sua lógica de funcionamento nessa configuração hierárquica, o que pode ser confirmado ao com base no que postula Morais (1999), ao se referir à organização do lar familiar:

Esta visão de comportamento ideal, aceitável, levou à separação da vida cotidiana em duas esferas distintas de atuação. Uma, regida pelo homem e o trabalho fora do lar, outra, completamente diferente, em que atuava a mulher com seus deveres de esposa e dona de casa. A família nunca foi tão reverenciada e sentimentalizada quanto na Era Vitoriana. O lar transformou-se num templo de perfeição, regido por aquela que representava o ideal de fidelidade, maternidade, zelo pelo grupo familiar; era uma espécie de refúgio onde os homens podiam deixar de lado suas máscaras de advogados, soldados, etc., para serem apenas homens (MORAIS, 1999, p. 35).

A família burguesa é um reflexo da contradição do mundo capitalista, pois ia de encontro a tudo que integrava a lógica do capital: individualismo, igualdade entre homens e liberdade. A família, então, era o abrigo para o senhor, líder patriarcal, agir e não agir, impondo sua autoridade como marido, pai e patrão. Em seguida, tínhamos a figura da esposa, anjo do lar, cujas únicas implicações eram ser gentil, cuidar dos filhos, ou seja, ensiná-los as crenças e os bons costumes, e aceitar a inferioridade que lhe era imposta pelo marido, salvaguardado o direito de se impor e dar ordens aos funcionários da casa, para concretizar a imagem de senhora do lar. Os filhos representavam a perpetuação da linhagem, do patrimônio. Eram também subordinados a vontade do pai, até o momento que seguissem por conta própria, seja formando sua própria família ou por ingressarem no colégio interno. Havia uma grande preocupação em perpetuar a autoridade sobre os demais membros do lar, para garantir sua subordinação.

Muito comum era minar as práticas de estudos das mulheres para que não superassem a intelectualidade dos homens, pois acreditava-se que para além do controle e posse do corpo feminino, teria de se garantir o domínio sobre suas mentes, que eram uma grande ameaça em potencial a ordem patriarcal, tanto que anos mais tarde emergem as primeiras manifestações de movimentos em prol da causa das mulheres, quando surge de fato o feminismo. Essa conduta é construída frente ao perigo que a liberdade feminina poderia representar frente a chamada ordem natural das coisas.

Conforme exposto por Perrot (2009, p. 44), o pensamento social se moldava de maneira a aprisionar a figura feminina dentro do ambiente doméstico, fomentando uma corrente de pensamento que colocava as mulheres como sujeitos que possuíam fraquezas físicas e intelectuais e que sua posição na sociedade se justificava por conta dessa inferioridade em

relação aos homens. Os primeiros rituais familiares pequeno-burgueses como, por exemplo, a ceia, como produto e reunião de todos os elementos formadores do lar, dispostos hierárquica e harmoniosamente ao redor da mesa de jantar, mostram a preocupação em estabelecer uma limitação aos ideais revolucionários, criando uma teia que interliga tradição e revolução.

Acerca de toda essa miscelânea de relações, surge a discussão a respeito do trânsito realizado entre a vida pública e a vida privada, de maneira a perpetuar ou não os valores de uma sociedade que ficou conhecida não apenas pela sua riqueza, mas também pela capacidade de segregação de pessoas.

A vida pública, de acordo com Michelle Perrot (2009, p. 7), cumpre a missão de renovar o homem em seu ânimo e em suas práticas consuetudinárias, trazendo-lhe uma nova imagem, linguagem e sentimentos, para seguir o ritmo de um novo tempo e espaço. Chama-se a atenção para a reserva que se tinha para questionar a vida privada à época da burguesia vitoriana, em função da guarda em alto valor da conduta pública dos homens e a visão deste como herói, diante de um corpo social unificado e em busca de homogeneidade.

A partir do momento em que se adentra no mundo de dentro, ocorre uma publicização do lar, de como as relações de poder estão ali dispostas numa espécie de microcosmo social. Ali ocorre uma ação coletiva e inata de higienização social. A “feiura” dos corpos, as necessidades físicas e a sexualidade são retiradas da esfera pública para, dentro do lar familiar, serem reinscritas e controladas.

A dissociação das vidas públicas em esferas independentes foi um fenômeno que acompanhou a ascensão e consolidação da alta burguesia oitocentista e, junto a isso, consagrou-se um processo amplo de renovação moral dentro do ambiente familiar. O princípio da isonomia que reverberou durante o Iluminismo é ressignificado através da religiosidade, pois os homens podem sim ser iguais, mas apenas no plano espiritual. Na vida social, homens e mulheres, jovens e crianças, ricos e pobres encontram lugares pré-determinados para atuar.

A família passou a simbolizar de forma ampla todo o ideal do mundo burguês e a realeza devia se prostrar ao papel de difundir e concretizar essa imagem do lar da burguesia. O papel da mulher como anjo do lar e o do homem como senhor e protetor da esposa e dos filhos se tornou o modelo de vida que devia ser protegido e propagado. O lar passaria a ser o refúgio do homem para se ver livre da corrupção do mundo, seu espaço para se reintegrar ao divino. Havia se instaurado uma guerra ao pecado e à imoralidade do mundo, corroborando uma grande preocupação com o refinamento das sensibilidades e cerceamento das liberdades que poderiam ser alcançadas no espaço da vida pública.

A busca pelo equilíbrio entre o público e o privado está no cerne das preocupações do capitalismo burguês. A partir disso, há toda uma transformação da atmosfera urbana inglesa, uma vez que não era mais benquisto misturar fábricas e/ou empresas familiares com as moradias, e isso deu origem às primeiras áreas exclusivamente residenciais da vida urbana. Lá nesse espaço, o homem público podia se reencontrar com a pureza divina presente em seu lar e representada pela sua esposa, que viria a desempenhar unicamente o papel da boa dona de casa. Há aqui uma das grandes separações do mundo ocidental: o masculino e o feminino já não podem ocupar os mesmos espaços.

As mulheres não existiam no âmbito jurídico, somente mulheres solteiras e viúvas poderiam se embrenhar nos negócios comerciais e, mesmo assim, eram malvistas pelos demais membros desse corpo de comerciantes, banqueiros, manufactureiros, fazendeiros ou negociantes em geral. De um lado, ouvia-se os primeiros discursos pela igualdade entre os sexos, mas de outro, percebia-se um forte ideal conservador de colocar as mulheres como grupo inferior aos homens.

Do outro lado da equação, na classe proletária, a moral não tinha códigos tão rígidos. Era comum que membros do proletariado se deixassem levar por discursos e práticas mais libertinas, que davam margem para os relatos sobre bordéis e órgãos sexuais à mostra em concursos de força viril. Os operários ainda não se viam forçados a aderir ao código moral da Elite Vitoriana naquele primeiro momento, mas não tardaria a cederem à pressão social que viria de cima. Um dos primeiros efeitos desse fenômeno social foi a atitude dos altos membros do operariado de desaprovarem a devassidão de seus companheiros de classe. Os prazeres carnavais eram vistos como um obstáculo para a produtividade burguesa, seguindo a máxima de que “o sucesso era incompatível com o prazer” (HOBSBAWN, 1996, p. 327).

Os representantes da classe operária acreditavam que a pureza e o pudor os levariam a serem respeitados pelas classes dominantes. Ou seja, uma das forças motrizes para a renovação cultural e a moralização dos pobres se dá com vistas à aceitação dessa classe pela elite. A pornografia, as sexualidades desviantes são exemplos de práticas rejeitadas, vistas como obstáculo para a formação do industrial casto e reto.

A virilidade do corpo trabalhador deve ser vigiada e controlada nesse momento. A partir disso, surge uma grande preocupação com a força do homem como fator distintivo interno. A verdade é que a figura viril se configura como um fator de hierarquização, a partir da qual pode-se “contornar, compensar ou contestar as relações de dominação” (PIGENET, 2013, p. 263).

A virilidade é um conceito que parte do biológico e se reinscreve no social. O homem, para ser respeitado, precisa ser viril. A concretização dessa virilidade se realiza de forma

dissolvida e fragmentada em diversos aspectos, pois o homem industrial traz uma série de características viris, porém, em estágio limitado, devido a sua posição social. Já o homem burguês traz alguns traços de prestígio social, mas peca no que tange ao físico. Ou seja, a virilidade encontra-se, nesse momento, dissolvida no meio das diversas esferas sociais que se moldam gradualmente na sociedade capitalista. Os papéis designados a cada sexo dela derivam, assim como as relações entre os homens. Portanto, a virilidade coloca-se como uma palavra-chave para a compreensão do período vitoriano do qual tratamos e, por essa razão, voltaremos um olhar mais diligente a essa questão.

A virilidade é um ponto distintivo importante na educação dos meninos e meninas oitocentistas. A preocupação com a posição sucessória dos meninos frente a seus pais ocupa grande espaço na educação dos garotos. Durante a infância, não há muita preocupação com esse aspecto da formação das crianças, mas ele está ali, dissolvido entre as brincadeiras de espadas dos meninos e os jogos de boneca das meninas, ensaios da organização social sólida que acompanha o mundo ocidental há muito tempo. Entretanto, é preciso que a virilidade seja administrada de maneira gradual, para que não assuma uma natureza vil e transforme o homem em um produto da tirania e da insensibilidade.

Para Alain Corbin (2013), tomando por base os preceitos dos quais se impregna a ideia de virilidade, confundida muitas das vezes com a legitimidade da masculinidade, pode-se questionar se a virilidade:

Não é, antes de tudo, uma rede de obrigações ansiogênicas, frequentemente contraditórias, diante das quais convém, de uma maneira ou outra, dobrar-se, quer seja pelo domínio das pulsões, ou por um exercício desenfreado do vigor sexual. Isto, para reafirmar para si a sua identidade biológica, psíquica e sensual e, principalmente, para manifestar para os outros e para si um soberbo domínio sobre os órgãos (CORBIN, 2013, pp. 460-461).

A virilidade, conforme nos sinaliza Pigenet (2013), conjuga ideias que partem dos âmbitos moral e físico, pois relacionam-se com aspectos da força física, mas também com a coragem, que é uma das características impostas aos homens desde muito cedo. A condição viril atua como fator diferencial entre os gêneros, assim como entre os próprios homens, hierarquizando os detentores dos maiores ou menores graus de poder.

A sociedade oitocentista exposta até aqui encontra-se impregnada de ideais que podem ou não se frustrar no materializar das relações. As famílias compostas pelos atores sociais se configuram como células-base para uma sociedade moderna ainda em estágio embrionário. O indivíduo inserido no corpo social percebe-se como elo na tríplice formada por ele, ser individual, a sociedade civil e o Estado, conforme o pensamento de Hegel, retomado por

Michelle Perrot. A família surge como elo integrador de indivíduos, dando-lhes pertencimento, através de laços de consanguinidade. As relações familiares desse período assumem uma missão social que é o de perpetuar a moralidade entre os homens e mulheres vitorianos. É necessário que se instaure o ideal da relação monogâmica, na melhor das hipóteses, produto de um casamento arranjado, pois segundo essa lógica, é melhor que a afeição entre cônjuges seja construída posteriormente, inibindo os perigos da paixão que podem levar a escolhas contingentes e que ameacem a harmonia da organização social.

A perpetuação da moral acontece dentro do âmbito familiar, ou seja, dentro do lar. A casa da família é berço da ordem social e dos valores morais propagados hereditariamente. O pai é o detentor de todo poder, capaz de impor submissão à esposa e aos filhos, juntamente aos criados, para que a estrutura privada permaneça firme e sólida.

A família desempenha o papel de elo integrador entre os indivíduos e a sociedade. Michelle Perrot (2009) afirma que:

A família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade. Cabe-lhe um sem-número de funções. Elemento essencial da produção, ela assegura o funcionamento econômico e transmissão dos patrimônios. Como célula reprodutora, ela produz as crianças e proporciona-lhes uma primeira forma de socialização. Garantia da espécie, ela zela por sua pureza e saúde. Cadinho da consciência nacional, ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. É a criadora da cidadania e da civilidade (PERROT, 2009, p. 91).

Percebemos novamente esse papel útil da família frente à sociedade. Assumindo significados sociais, econômicos e biológicos, a família é o seio da sociedade vitoriana. Ali nascem e se perpetuam os valores e a tradição se consolida ainda mais diante dos novos tempos. A família está agindo como força unificadora de agentes sociais distintos. Mas ela está presente de forma mais sólida nas classes superiores, pois os pobres são o elo fraco no sistema imposto pelo Estado. É uma ordem homogeneizante que se perpetua de cima para baixo e é evidenciada pelas desigualdades sociais de um período de grande desenvolvimento econômico, mas também de grandes injustiças, sejam elas dentro do setor econômico, sejam dentro de esferas sociais que se solidificam, transformando seres humanos em força de trabalho.

As práticas desviantes, no entanto, desafiam a moralidade. Desde os primórdios, existem registros de práticas corporais que fogem aos princípios heterossexual e reprodutivo das sociedades consideradas modernas. Com base no exposto por Spencer (1996), as práticas sexuais e afetivas entre sujeitos do mesmo sexo podem ser percebidas desde as tribos primitivas no período pré-histórico. O autor descreve de maneira não exaustiva a trajetória pela qual as práticas relacionadas à homossexualidade perpassam os períodos históricos da espécie humana

e como, durante muito tempo, houve silenciamento sobre a existência de condutas homossexuais.

Ao termos como ponto de partida o período pré-histórico, percebemos a construção de uma série de práticas ritualísticas de natureza homossexual nas tribos primitivas. Um conjunto de cerimônias coloca os anciãos das aldeias como mestres dos meninos mais novos e os incumbe no papel de iniciá-los na maturidade, processo que está intimamente ligado com a iniciação sexual. Sobre essas ocorrências, Spencer escreve:

Cada uma das tribos estudadas tinha mitos e rituais, com relação à sexualidade muito diferentes; mas muitas delas baseavam sua ideologia na inseminação homossexual dos meninos. Nas tribos Marind e Kiman, todo menino, passada a infância, era separado da mãe e tirado da casa das mulheres, para dormir com o pai na casa dos homens. Aos primeiros sinais de puberdade, o tio materno era designado para penetrar o menino analmente, fornecendo-lhe dessa maneira o esperma que o tornaria mais fortes. Os meninos permaneciam nessa fase por cerca de três anos (SPENCER, 1996, p. 20).

Portanto, percebe-se que as práticas acompanham desde cedo a evolução da espécie humana, sendo constantemente reinscritas e ressignificadas através dos povos e culturas. Ao saltarmos temporalmente rumo ao período oitocentista, encontramos uma resistência no que diz respeito às práticas da homossexualidade, movimento que vai se intensificando com o advento da reforma protestante, em especial na Europa, e a consolidação do capitalismo. Começa também a ser esboçado o sentimento de repulsa e repressão da bissexualidade, que até ali era abertamente tolerada socialmente. Nesse processo, todas as práticas que fogem à matriz heterossexual, reprodutora e reconhecida diante da divindade cristã, passam a ser subjugadas. No entanto, evidencia-se que continua a ser admitida a presença de bordeis e a prática da prostituição feminina.

A criação da expressão “amor masculino”, como sinaliza Spencer (1996, p. 120), para designar a ocorrência de envolvimento sexual e emocional entre homens, mostra a contradição que a sociedade da época suscitava ao acreditar que até aquele momento, a homossexualidade era dificilmente exercitada no corpo social. É provável que a origem da expressão esteja pautada na relação estabelecida entre homens e garotos, fenômeno que pode ser analisado como um reflexo de certos valores sociais burgueses.

O ideal que se estabelecia diante da imagem de um homem é que ele fosse capaz de se colocar como líder familiar, provendo e protegendo os membros de seu lar. No entanto, a ocorrência desse fim se dava na maioria das vezes após os anos finais dos vinte anos e início dos trinta. Até esse momento, a expressão sexual desse indivíduo se encontrava minada por

essas convenções. A alternativa era a relação homoafetiva com garotos mais jovens, que seriam iniciados sexualmente, em muitos casos, no ambiente institucional, configurado como monossexual.

Ao ampliarmos nosso olhar, percebemos como as condutas desviantes estão entrelaçadas com as questões de classe na sociedade inglesa do período, o que direciona as ações moralizantes a priorizar a difusão de seus ideais entre os grupos menos favorecidos. A grande preocupação burguesa se centra na moralização e controle social das classes menos inferiores, conforme sinaliza Catherine Hall (2009), uma vez que a revolta e reclame de possíveis exigências operárias poria em risco a hegemonia da classe dominante.

Spencer (1996, p. 240) salienta que a maior parte dos consumidores de serviços sexuais era formada por trabalhadores fabris que frequentavam bordeis, casas de orgias, etc. Muitos desses indivíduos foram acusados do crime de sodomia, a maior parte absolvida pela ausência de provas. Outros, em contrapartida, condenados ao pelourinho e até mesmo a forca, como em 1806, quando foram enforcados cinco homens por se reunirem regularmente na casa de um deles e terem relações sexuais coletivas. A preocupação com a moral fica clara ao lermos que o juiz “lamentou que tal assunto tivesse de vir a público dessa forma e, acima disso, que as mentes desinformadas e ingênuas dos jovens estivessem sujeitas a ser corrompidas por tão horríveis acontecimentos” (SPENCER, 1996, p. 242).

É interessante salientar que os registros históricos dessas práticas se entrelaçam com os registros policiais. A homossexualidade interpretada sob o prisma do crime de sodomia acompanha uma série de privações de liberdade dentro da sociedade inglesa do século XIX. Um nome muito importante para a literatura que foi tomado como alvo desse processo de criminalização da homossexualidade: Oscar Wilde, escritor inglês de grande renome até os dias de hoje, fora ele próprio preso por conta de acusações ligadas a envolvimento homossexuais.

O escritor foi condenado a prisão por dois anos, juntamente com a obrigação de realizar trabalhos forçados, após um longo e exaustivo embate com o Marquês de Queensberry, pai de Alfred Douglas, que daria inspiração para Wilde na criação de Dorian Gray, o personagem mais popular entre seus leitores até os dias de hoje. O caso se deu entre uma série de denúncias e retiradas de queixas que desaguaram na prisão final de Wilde, após se confirmar seu envolvimento com o filho do marquês e de um conjunto de evidências que surgiram para comprovar que o escritor incentivava os homens da aristocracia inglesa a procurarem prostitutas da classe trabalhadora ao invés de mulheres.

Seu caso serviu de precedente para um terror que se disseminou entre os homens da cidade de Londres. Como podemos ler no trabalho de Spencer (1996):

Os julgamentos ajudaram a produzir uma enorme mudança na percepção do alcance da paixão pelo mesmo sexo. A essa altura, o completo e vagamente desconcertante nexos entre efeminação, lazer, preguiça, imoralidade, luxúria, despreocupação, decadência e esteticismo, que recordava Wilde, de repente se transformou numa imagem brilhantemente nítida (SPENCER, 1996, p. 272).

Percebemos nisso, como o desfecho de Wilde reverberou na sociedade inglesa do período. Muitos homens das classes mais altas migraram para a França após a condenação do escritor, solidificando ainda mais a aura maléfica que se atribuiu a homossexualidade. Esses e outros aspectos compuseram a Inglaterra do século XIX, e aqui, nesse espetáculo urbano, se inseriu o escritor inglês Charles Dickens.

Nascido em 7 de fevereiro de 1812, filho de John Dickens e de Elizabeth Barrow, Dickens viveu o começo de sua infância no vilarejo de Landport, localizado na cidade de Portsmouth, no interior da Inglaterra. Além de Charles, os dois tiveram mais seis filhos, dois desses falecendo ainda crianças. Dickens experimentou desde muito cedo, os dissabores de ser uma criança pobre no mundo burguês da Inglaterra do século XIX, coletando o mote para muitos episódios de seus romances. Muitos críticos elencam exaustivamente as reentrâncias da vida de Dickens dentro de seus romances, afinal de contas, o autor fora ele próprio, uma criança inglesa inserida na parcela menos favorecida da população, forçado a abandonar seus estudos em razão da necessidade de trabalhar.

A criança inglesa dos fins de século foi alvo de uma série de preocupações, antes ignoradas, e Dickens, após sua ascensão e conquista de grande popularidade ainda em vida, feito raro para autores do período, preocupou-se intimamente com esse fator da sociedade inglesa. Charles Dickens possuía uma vívida imagem de como era ser parte da sociedade inglesa nos primeiros anos do século XIX desde a infância e isso retornara a ele anos mais tarde como mote para muitos de seus romances. Desde os tempos de criança, nas caminhadas pela cidade de Londres, na companhia de seu pai, ele se deparava com um panorama pouco animador das condições de vida de pessoas das classes mais baixas, sua atenção se voltava principalmente às crianças que vagavam pelas ruas. Conforme podemos ler em sua biografia, escrita por Claire Tomalin (2012):

As ruas pelas quais ele caminhava ao lado de seu pai eram lotadas, barulhentas e sujas. Havia fumaça no ar e sujeira no chão, mas também agitação e alvoroço. Carrinhos, cavalos e porcos faziam parte do cenário, homens montados a cavalo, armadilhas para pôneis, carruagens, e entre a multidão de homens e mulheres havia muitas crianças, a maioria pobres, esfarrapadas e descalças. As ruas eram seu parquinho, onde sempre havia algo para ver e alguém para conversar, e seu local de trabalho também, porque eles podiam ganhar centavos entregar recados, pedir esmolas ou roubar (TOMALIN, 2012, p. 17).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Tradução do original: “The streets through he walked beside his father were crowded, noisy and dirty. There was smoke in the air and filth on the ground, but also excitement and bustle. Carts, horses and pigs were part of the

Percebemos, então, os primeiros contatos com a realidade que seria transportada para suas páginas através de sua pena. Para além de observar essas situações de negligência e abandono, chegaria o momento de o próprio Charles vivenciar contextos similares. A trajetória da família de Dickens é composta por uma série de altos e baixos. Esse período inicial de sua vida é marcado por mudanças através de várias residências que sua família ocupou, assim como as questões financeiras que vieram a envolver seu pai, John Dickens, e os levaram a passar por períodos de extrema dificuldade.

O pai de Charles era filho de funcionários de uma família bem posicionada socialmente e isso foi um fator que propiciou sua pequena ascensão social. Pela proximidade com os patrões, algumas oportunidades foram geradas para o filho do mordomo e da governanta dos Crewe. John ingressou no Escritório de Pagamento da Marinha e essa posição o fez galgar alguns degraus na escala social. No entanto, o pai do futuro escritor tinha gostos caros e uma tendência a realizar extravagâncias financeiras, o que o levou a uma constante abertura de débitos decorrentes de empréstimos que realizava junto a seus parentes e conhecidos. No ano de 1824, depois de muito adiar a situação, John Dickens foi levado à prisão por conta de suas dívidas, fator esse que desencadeou outras desventuras ao pequeno Charles, que contava na época apenas 12 anos. A situação financeira da família fez com que Elizabeth Dickens se dispusesse de muitos bens para sustentar os filhos enquanto o pai estava na prisão, chegando a um ponto no qual a casa que ocupavam tinha vários cômodos praticamente vazios.

Foi nesse momento que um amigo da família veio à residência da mãe do escritor e propôs que o menino passasse a trabalhar numa pequena fábrica em Londres para ajudar a família com as necessidades. Essa notícia não foi recebida sem uma dose de indignação da parte do jovem Dickens, que sempre pensava no quanto seus pais se esforçavam para investir na carreira artística de sua irmã mais velha, Fanny, negligenciando a ele e sua educação. Foi assim que Dickens, aos 12 anos, passou a integrar o grupo de meninos que eram empregados em fábricas, longe dos pais e se distanciando de sua infância pueril. É notável a semelhança desse episódio descrito em sua biografia com o excerto no qual o jovem David, personagem do romance que leva seu nome, passa pela mesma situação que o jovem Dickens vivenciara. Conforme podemos ler a seguir:

Conheço o suficiente do mundo agora para quase ter perdido a capacidade de me surpreender muito com qualquer coisa; mas ainda hoje é motivo de alguma surpresa para mim que eu tenha sido abandonado em tão tenra idade. Um menino de excelentes

---

scene, men on horseback, pony traps, carriages, and among the throng men and women there were a great many children, mostly poor, ragged and barefoot. The streets were their playground, where there was always something to look at and someone to talk to, and their workplace too, because they could earn pennies by running errands, or beg, or steal.

habilidades, com forte poder de observação, rápido, interessado, delicado e logo machucado física e mentalmente, me parece incrível que ninguém tenha feito nenhum gesto em meu favor. Mas nenhum gesto foi feito; e aos dez anos de idade me tornei um trabalhador empregado na Murdstone e Grinby (DICKENS, 2018, p. 208).

A criação artística de Dickens está firmemente apoiada na visão que o autor tinha sobre o mundo a sua volta e muito do que vemos em sua obra é resultado de certo sentimento de indignação com muitos aspectos da sociedade de sua época. Dickens e sua produção integram um período de intensa transformação econômica e urbana. Sua obra acompanhou de perto a ascensão da burguesia e a formação do sistema capitalista que seguiria até nossa época atual. Sua literatura acaba por ser um reflexo disso, assim como sua vida. O autor nunca passa despercebido em estudos que analisam o conceito de narrativas autoficcional, em razão dos muitos pontos de convergência entre a sua figura como escritor e o que encontramos dentro de sua obra.

Autoficção é um conceito que acaba flutuando sobre uma série de ideias comuns da crítica literária. Philippe Gasparini (2014, p. 183) salienta que textos de natureza autoficcional traduzem o desejo de autores de publicar textos autobiográficos que possam ser reconhecidos pelo seu rigor artístico. Dessa forma, podemos ler obras cujo corpo apresente uma série de reentrâncias da vida do autor, mas que almejem uma estrutura estética bem trabalhada. Em Dickens percebemos uma série de releituras dos episódios de sua vida dentro de seus romances. O trecho do romance *David Copperfield* transcrito anteriormente pode ser facilmente reconhecido como o desabafo do autor para seu amigo John Foster sobre o momento em que seus pais decidem enviá-lo para trabalhar em uma fábrica:

Ninguém fez sinal algum. Meu pai e minha mãe estavam muito satisfeitos, dificilmente estariam mais do que isso, se eu tivesse vinte anos de idade, me destacasse na escola primária e estivesse indo para Cambridge. [...] Nenhuma palavra pode expressar a agonia secreta de minha alma enquanto eu afundei nesta companhia... a sensação que tive de estar totalmente abandonado e sem esperança; do mesmo modo, eu senti na minha posição. Toda a minha natureza foi invadida pela dor e humilhação (TOMALIN, 2012, p. 24).<sup>5</sup>

A relação que se estabelece entre Charles e David evidencia o quanto o autor tinha consciência de seus talentos, ainda que não tivesse tido a chance de desenvolvê-los. Em seus romances, percebemos as reminiscências desse período de abandono. Na sua biografia,

---

<sup>5</sup> No original: “No one made any sign. My father and mother were quite satisfied. They could hardly have been more so, if I had been twenty years of age, distinguished at grammar-school, and going to Cambridge[...] no words can express the secret agony of my soul as I sank into this companionship... the sense I had of being utterly neglected and hopeless; of the same I felt in my position. my whole nature was penetrated with grief and humiliation”.

encontramos a relação que pode ser feita entre a trajetória de vida do escritor e a forma como se construiu uma série de personagens, órfãos que empreendem uma jornada de conquistas, mesmo em meio a turbulências contínuas:

E Dickens invocou para si mesmo os momentos infelizes de sua infância para explicar, durante a grande crise de sua vida, o reaparecimento do personagem então formado nele. Mas se a experiência causou algum dano, ela fortaleceu seu caráter também. Também deu a ele um assunto que ele usou repetidamente em seus livros, onde uma criança vulnerável e sofredora é mostrada sucumbindo a maus tratos e morrendo, como Nell, Paul e Jo, ou resistindo e triunfando sobre isso, como Oliver, a Marquesa, Florence, Esther, Sissy e Little Dorrit fazem de suas maneiras diferentes (TOMALIN, 2012, p. 30).<sup>6</sup>

A partir desses pontos, percebemos o quanto a obra do escritor vitoriano se aproxima do conceito autoficcional. Sobre esse aspecto, podemos ainda perceber em Dickens traços de uma autoficção que transita nas esferas biográfica e especular, conforme a classificação proposta por Vincent Colonna (2014). Nessa categorização:

O autor continua sendo o herói de sua história, o pivô em torno do qual a narrativa se ordena, mas fabula sua existência a partir de dados reais, permanece mais próximo da verossimilhança e atribui a seu texto uma verdade ao menos subjetiva ou até mais que isso. Alguns reivindicam uma verdade literal e afirmam verificar datas, fatos e nomes. Outros abandonam a realidade fenomênica, mas permanecem plausíveis, evitam o fantástico; fazem de modo que o leitor compreenda que se trata de um “mentir-verdadeiro” (COLONNA, 2014, p. 44).

É perceptível essa a questão dos nomes que se mostram no romance dickensiano, objeto de nosso estudo. *David Copperfield* narra a vida de um personagem que empresta seu nome ao romance. Disso podemos observar que o nome do protagonista possui as iniciais invertidas do autor. Um rastro intencional que pode guiar a narrativa rumo a autoficcionalidade. Além disso, se levarmos em conta as idiossincrasias de David, perceberemos que a narrativa apresenta a ideia de ser um reflexo do autor, uma silhueta que reflete sua presença dentro da obra, como sinaliza a autoficção especular.

A narrativa como um todo se desdobra a instigar o leitor a descobrir o enigma proposto por Dickens nas páginas iniciais do romance. David, assim como Dickens, compartilham entre si diversos atravessamentos. O drama da criança triunfante revela como a obra do autor reflete as suas vivências entre outros aspectos. Porém, superado esse período de tribulação inicial,

---

<sup>6</sup> No original: “And Dickens invoked himself the unhappy time during his childhood to explain, during the great crisis in his life, the reappearance of the character formed in him then. But if the experience did some damage it strengthened his character too. It also gave him a subject he used again and again in his books, where a vulnerable and suffering child is shown either succumbing to ill-treatment and dying, as Nell, Paul and Jo do, or enduring and triumphing over it, as Oliver, the Marchioness, Florence, Esther, Sissy, and Little Dorrit do in their different ways.”

Charles viria a se tornar um dos autores mais ricos da Inglaterra e sua personalidade uma das mais influentes na sociedade britânica, tanto que a notícia de sua morte foi lamentada pela própria rainha anos mais tarde. O autor chegou a acumular um capital, conforme podemos ler em Hobsbawn (1996), de 10 mil libras anuais entre os anos de 1848 até a década de 1860 quando, em 1868, passou a movimentar 33 mil libras em função da expansão de suas publicações para o mercado americano, uma conquista não muito comum para escritores da época.

Temos em Dickens, então, um cronista de sua época, registrando por meio da literatura todo um processo de metamorfose de uma sociedade em ascensão, transportando para suas páginas as inúmeras situações da vida urbana das quais era testemunha. O tom narrativo de Dickens apoiava firmemente no sentimento de indignação com as idiossincrasias da vida burguesa do período conforme fora observado por Raymond Williams (2011), quando afirma que:

O método de Dickens está intimamente relacionado à sua época histórica. Foi justamente por causa dessa capacidade de refazer o mundo, do processo que resumimos com o termo Revolução Industrial, que os homens chegaram a essa crise de escolha, da forma humana que deveria estar por trás da criação física (WILLIAMS, 2011, p. 270).

O autor ainda acrescenta:

Todo o orgulho inspirado pelo poder – o novo poder da Revolução Industrial – está expresso na linguagem: a circulação de pessoas e produtos na ferrovia é como sangue [...] A ferrovia é ao mesmo tempo “sangue vital” e o “monstro triunfante, a morte”. E nessa dramatização Dickens exprime as reais contradições – o poder de dar vida ou destruí-la, de desintegrar, impor ordem ou uma ordem fala – das novas forças socioeconômicas de seu tempo. Sua preocupação é sempre no sentido de manter vivos o reconhecimento e a bondade humanos, apesar dessas transformações sem precedentes e dentro dessa paisagem irreconhecivelmente alterada (WILLIAMS, 2011, p. 276).

Todos esses aspectos que transportam a Inglaterra oitocentista para dentro da obra de Dickens trazem à tona a ideia da crítica que exaustivamente elenca uma série de convergências entre sua biografia e sua obra, corroborando a aura deveras autoficcional dos romances dickensianos, sobretudo, *David Copperfield*, o qual tomamos como objeto de estudo dessa dissertação. Quando se fala de autoficção, é necessário ter em mente a ideia de dissimular a experiência enquanto sujeito sob o prisma do romance. O texto de caráter autoficcional atende à necessidade de escritores de “publicar textos de caráter autobiográfico cuja qualidade artística possa ser reconhecida” (GASPARINI, 2014, p.183). Para além disso, é preciso colocar a possibilidade de romper com partes indesejadas ou pouco queridas do passado. E é esse ponto que faz com que Dickens abandone o desejo de se autobiografar para, ao invés disso, mostrar

sua vida em moldes romanescos, como ocorre em *David Copperfield*. Kleber García Ramos (2001) chama a atenção para os motivos que levaram o escritor a abandonar o gênero autobiográfico, como podemos ver:

Quanto às intenções de Charles Dickens de se autobiografar, é certo que elas datam de muito tempo. Perdeu a coragem de fazê-lo quando teve que se defrontar com o problema da prisão de seu pai por dívidas, um período muito doloroso que ele jamais aceitou. [...] Evitando, pois, escrever sobre si mesmo, Dickens criou um personagem para representá-lo na história que seria recriada a seu estilo. Deu a seu personagem um nome que leva as iniciais invertidas de seu próprio nome. *David Copperfield* passou a narrar em primeira pessoa do singular episódios que o autor vivera, de alguma forma, em seu passado. Ocupou um tempo e um espaço que, dantes, foram os de Charles Dickens (RAMOS, 2001, pp. 40-41).<sup>7</sup>

Dessa forma, podemos depreender que a ficção dickensiana está apoiada em sua experiência individual. Podemos, a partir disso, depreender que Dickens era um homem que estimava o passado e procurava recapturá-lo para assim, revivê-lo.

Dickens estreou em sua carreira jornalística cedo, ainda com 15 anos, quando mais uma vez se viu forçado a largar os estudos por questões financeiras, que tornaram inevitável a necessidade de que ele começasse a trabalhar. Sua primeira publicação data de 1834, escrita sob o pseudônimo de Boz, nome que se origina de um apelido que o escritor deu a um de seus irmãos mais novos. Esse sendo apenas o primeiro passo para a grande ascensão do escritor que viria a ser conhecido mundialmente.

É observável que a trajetória do escritor inglês se estrutura a partir de uma série de tentativas, umas bem-sucedidas, outras não. A partir do momento que ingressa no ramo jornalístico, Dickens envereda por um conjunto de bifurcações em seus caminhos, chegando a ser repórter na Câmara dos Comuns e na Câmara dos Lordes também. Além disso, esteve presente em escritórios jurídicos prestando assistência em casos menores. Dedicou tempo se preparando para o teatro, sem sucesso, infelizmente. Ainda demoraria para se estabelecer como escritor e consolidar sua posição social de forma segura para ele e sua família. Alguns fatores corroboram a grande popularidade do escritor. Um dos principais pontos é a facilidade de acesso à sua obra. A publicação folhetinesca fez com que a produção de Dickens tenha tido liberdade para ir desde as classes mais populares até as mais elevadas.

Daniel Puglia (2006) chama a atenção para o fato de o escritor vitoriano, mesmo que com sua conduta contrária aos privilégios aristocráticos, higienizava sua obra, limpando-a de qualquer subversão dos costumes e do decoro oitocentista. O pesquisador ainda acrescenta a isso a facilidade com que Dickens adicionava um aspecto plural às suas produções, dando vida

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

a personagens que viviam desde o suspense à imensas alegrias e também tristezas, fisingando uma gama de leitores de gostos diversos nesse processo. A obra dickensiana apresenta uma faceta histórica muito evidente, construindo-se por meio de um grande prisma de observação da realidade vitoriana pequeno-burguesa.

É possível observarmos a obra do escritor a partir de dois eixos, o primeiro firmado no processo social inglês no século XIX e seus desdobramentos. Quanto ao segundo, podemos caracterizá-lo dentro do seio da família. Esta última como uma oferta de abrigo às turbulências da vida exterior. E Dickens muito contribuiu para que essa imagem do conchego familiar fosse assimilada pelo imaginário social vitoriano: o núcleo familiar exposto nos romances como uma salvação as relações de corrupção e violência vividas na vida pública. Por essa razão, é possível ler nos romances dickensianos essa aura utilitarista que, ao passo que reflete a sociedade, também a molda. Assim acontece no romance o qual nos propomos a construir uma análise.

O romance *David Copperfield* foi publicado por Dickens em 1850, nele encontramos detalhadamente os momentos da vida de seu narrador que empresta seu nome a obra. É sobre ele que nos debruçaremos a partir de agora, mas antes, retornaremos ao tempo do Brasil Imperial para concebermos duas esferas em nossa pesquisa: a primeira embasada na Inglaterra do século XIX e a outra sustentada pelos ares do Império brasileiro. Essa última materializada nesse estudo por meio do romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, do qual trataremos a seguir.

## **1.2 Raul Pompéia e o Império: imagens do Brasil oitocentista**

Raul de Ávila Pompéia nasceu no ano de 1863 em Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Parte do corpo de famílias abastadas, teve uma série de privilégios característicos da elite brasileira que se desenvolvia no período. Filho de Antônio de Ávila Pompéia e de Rosa Teixeira Pompéia, o futuro escritor permaneceu até o ano de 1872 em sua cidade natal para, no ano seguinte, partir para a sede da Corte com sua família. Nesse tempo, ingressou, aos dez anos de idade, no Colégio Abílio, uma das primeiras instituições educacionais da sociedade imperial. Sua carreira na literatura iniciou-se ainda nos tempos de colégio, com a publicação de *Uma tragédia no Amazonas* (1880). Suas produções ainda contam com inúmeros escritos políticos publicados em colunas jornalísticas e periódicos. Além de *O Ateneu*, seu romance de maior renome, publicado no ano de 1888, o escritor legou à posteridade as obras *Joias da Coroa* (1882), *Alma morta* (1886), *Canções sem metro* (1900), publicado cinco anos após sua morte.

Richard Miskolci (2012, p. 19) sinaliza o receio que se disseminou entre as elites brasileiras em função da abolição. Esse sentimento estava relacionado com a ideia de

degeneração racial que amedrontava os membros da classe dominante. Para eles, a libertação dos negros colocava em xeque a possibilidade da criação de uma civilização nos trópicos, moldada a partir da importação de “hábitos higiênicos e de valores supostamente universais, vindos dos países mais civilizados” (MISKOLCI, 2012, p. 21). Esse temor cultivado em meio a nobreza fez com que uma série de condutas da classe dominante se difundissem em busca de protegê-los da impudícia. A essa altura, ainda não se tinha consolidado um modelo institucional de escola dentro do cenário nacional, não havia preocupação dos órgãos governamentais de investir no ramo educacional, dando margem para a iniciativa privada que traz o internato como a proposta inicial.

As relações entre o Brasil e a Europa vinham se estreitando a essa altura, principalmente em função da expansão dos mercados europeus. Por essa razão, muitos setores da sociedade brasileira tomavam o modelo europeu como ponto de partida, como acontece com o ramo educacional, que segue as estruturas em voga no antigo continente, com especial influência do modelo inglês. Kleber Garcia Ramos (2001, p. 49) pontua que a partir da iniciativa privada, surgiram os primeiros internatos, que configuravam uma medida a curto prazo para atender a pequena quantidade de alunos que poderia pagar pelos serviços. Logo, esse modelo de instituição se colocou como o ideal, pois possibilitava a concentração de alunos provenientes de diversas regiões, os quais isoladamente, não poderiam prover os recursos para manutenção dos colégios.

Pompéia integrou esse regime educacional quando fez parte do corpo de alunos do Colégio Abílio, comandado pelo dr. Abílio César Borges, barão de Macaúbas, e afamado por ser o grande educador da sociedade imperial. O escritor concluiu suas atividades escolares no Colégio Pedro II, de onde saiu para iniciar o curso de Direito, na cidade de São Paulo. Porém, no ano de 1884, mesmo ano da morte de seu pai, o escritor, conforme Ivan Marques (2015, p. 8), se transferiu para Recife, em função de um conjunto de reprovações, possivelmente estimuladas por questões políticas. Aqui se revela outra face do escritor, que funcionou como força motriz para suas produções.

O engajamento político esteve como ponto central dos escritos de Pompéia, ativista da causa abolicionista e, mais tarde, dos ideais republicanos, lutava pelas transformações que acreditava serem necessárias para poder-se “dizer que existe nação brasileira” (FERRAZ, 2016, p. 48). O autor fluminense era grande adepto da causa abolicionista e isso fez com que se tornasse discípulo de Luís Gama. Após a morte do revolucionário, publicou o texto *A mão de Luís Gama* (1883), um dentre vários textos de natureza política.

De acordo com o texto *Raul Pompéia, político*, de Afrânio Coutinho (2016, p. 432), o nome de Pompéia, muitas das vezes, passa despercebido quando se volta o olhar para os nomes por trás do movimento abolicionista. No entanto, o escritor era muito ativo na frente da campanha. Com artigos, falas em comícios, publicação de periódicos dava voz ao sentimento de combate ao escravagismo brasileiro. Conforme salienta Coutinho (2016, p. 433), o movimento abolicionista, nas suas esferas mais jovens, andava de mãos dadas com o movimento em prol da república. No entanto, os ativistas da causa republicana eram formados, em maioria, por grandes fazendeiros, que não concordavam com a abolição em razão de seus interesses particulares. Tal divergência deu margem a uma cisão dentro dos movimentos. De um lado, existiam republicanos que anseiam por maior autonomia econômica, sem, no entanto, abraçar a causa abolicionista. Na outra extremidade, encontravam-se os ativistas mais radicais, aderindo aos ideais republicanos e abolicionistas, este grupo possuindo maior proximidade com as classes populares.

O Brasil desse período vivia em meio a grande efervescência de novos ideais políticos e sociais e a sociedade que havia se construído sobre a estrutura escravocrata começara a dar os sinais de seu desmoronamento. Sendo assim, deixando a esfera biográfica de Pompéia momentaneamente, podemos direcionar nossa atenção a algumas questões que se evidenciam como basilares da sociedade oitocentista brasileira.

Mesmo depois da Independência, o Brasil não sofreu mudanças severas no arranjo das relações sociais. Sob o ponto de vista de Mary Del Priore (2016, p. 22), o ideal liberal pelo qual se deu o rompimento com a metrópole não passou de um movimento da elite, que mudara os rumos da economia. Antes, a produção era enviada à Portugal, depois, passa a ser comercializada com os ingleses, que precisavam de matérias-primas para sua atividade industrial. Além disso, a face escravocrata permaneceu, enriquecendo grandes proprietários de terra, que eram o grande aporte do sistema monárquico.

A influência inglesa se multiplicava, o princípio do *laissez-faire* passava a ser fetichizado por grande parte dos senhores da economia brasileira que ansiavam por mais autonomia. Uma série de reivindicações de todas as camadas da sociedade classista causava instabilidade no novo sistema político. A descentralização do poder não aconteceu da forma que era almejada pelas elites e pelos grandes agricultores, ávidos por mais poder de ação.

O cenário sociopolítico se delineava a partir de constantes especulações tanto intelectuais quanto econômicas. Richard Miskolci (2012, p. 30) projeta a ideia de desejo da nação, para tratar desse período no qual ainda não há consolidada uma identidade para o povo brasileiro. Para o autor, existia a ambição da elite brasileira em firmar o Brasil como uma grande

economia, mas uma série de fatores se entrelaçava entre os ideais de aspecto modernista e a superação do conservadorismo político.

O processo de transição do regime de trabalho escravista para o mercado livre é um ponto que se revela de grande preocupação para as classes superiores do século XIX. Percebe-se que as políticas abolicionistas em nenhum momento previam medidas de inclusão do negro na sociedade como homens e mulheres livres. Os apoiadores do abolicionismo davam preferência a iniciativas de incentivo à imigração, preferencialmente europeia, em vez de ceder a possibilidade de assalariar o trabalho da população negra.

Miskolci (2012, p. 43) chama a atenção para a preocupação da elite em embranquecer a população brasileira, principalmente depois da realização do primeiro censo, realizado em 1872, o qual contabilizou a população branca como apenas 38% dos dez milhões de pessoas que viviam no território brasileiro. O autor pontua que uma das grandes preocupações das classes superiores da sociedade brasileira em formação era a homogeneidade racial e o desejo de que o Brasil se consolidasse como uma nação predominantemente branca, uma vez que a mestiçagem surge como um fator que ocasiona a dinâmica nas relações de classe e raça.

Em alguns graus, o processo de transição política materializou uma série de temores que a elite nacional desenvolvia, principalmente no que tange a possibilidade de libertação dos escravos. Uma das frentes da resistência ao movimento abolicionista era o medo de revoltas e vinganças da população negra contra seus antigos senhores. As classes mais abastadas ansiavam por progresso e modernidade. Existem aqui dois pontos de interesse político que ora atuam como complementares, ora como opostos. A ideia de criar uma civilização nos trópicos, corrobora a libertação da mão de obra escrava, conforme ocorrera nos países europeus. Contudo, daí surge também a necessidade de que o imigrantismo fosse capaz de combater a ansiedade gerada pela possível libertação dos escravos, atuando como ação convergente na formação da identidade nacional como branca e civilizada. Em outras palavras, o Brasil desejava assumir moldes europeus, ignorando as idiossincrasias do povo brasileiro. Dessa forma:

A passagem de uma sociedade monárquica e escravista para uma republicana e de trabalho livre, será apresentada como um acontecimento histórico marcado por medos de revoltas ou vinganças negras, assim como por fantasias elitistas de um embranquecimento populacional (MISKOLCI, 2012, p. 29).

O projeto nacional se delineava seguindo uma série de interesses particulares das classes dominantes, conjugando uma série de fatores, entre eles o preconceito racial e o sentimento de repugnância pelo trabalhador livre nacional. O cogito da elite encontrava-se pautado numa corrente intelectual que teve grande influência no pensamento científico do Brasil de fins de

século, no caso, a ideia do darwinismo social. Ao tratar desse conceito, Balieiro (2009) descreve-o da seguinte forma:

Neste referencial, fenômenos, comportamentos e processos sociais são compreendidos a partir de um paradigma naturalista, segundo o qual a base explicativa da sociedade ancora-se na composição biopsicológica dos indivíduos ou raças. Esta perspectiva “biologizante” se ancora em alguns pressupostos explicativos: a ideia de “luta pela existência” frente a recursos limitados e a crença na hereditariedade de traços físicos e comportamentais como essencial a esta competição que resultaria na “sobrevivência dos mais aptos” (BALIEIRO, 2009, p. 26).

Percebemos, então, que a recusa geral em relação a população negra vem fortemente apoiada nessa conduta que leva a um ideal homogeneizante. A recusa pelo negro encontrava nessa linha de pensamento, de matriz naturalista, uma justificativa que se pautava na incapacidade do negro de se integrar à sociedade, por conta de suas desabilidades inatas de sua formação biológica. Isso se transfere para todas as camadas sociais, inclusive para dentro da própria elite, que se vê imersa em uma atmosfera de disputa constante entre os detentores dos poderes político e social. No romance de Pompéia, lemos o seguinte trecho: “olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem, os fracos perdem-se” (POMPÉIA, 2015, p. 54), no qual é perceptível como a ideia da diferença entre os homens está fortemente presente na sociedade brasileira do *fin-de-siècle*.

Podemos ilustrar um possível paralelo a essa sentença com o romance de Charles Dickens. Apesar de que, para a Inglaterra do período, esses pensamentos já se encontravam, de certa forma, ultrapassados, ainda é possível notar como essa perspectiva de encarar a trajetória de cada sujeito como uma luta individual contra a sociedade ainda se faz presente no ideário popular inglês oitocentista. Conforme podemos ler a seguir, no qual o padrasto de David comunica-o que ele deve ser enviado para Londres para trabalhar em sua fábrica de graxa:

– Acho que sabe, David, que não sou rico. De qualquer forma, agora ficou sabendo. Você já recebeu uma educação considerável. Educação é caro; e mesmo que não fosse e eu pudesse pagar, sou da opinião de que não seria nada vantajoso para você continuar numa escola. O que você tem pela frente é uma luta com o mundo; e quanto mais cedo começar, melhor (DICKENS, 2018, p. 206).

Ademais, aqui pode ser destacado um ponto de dúvida interpretação das leituras da corrente de pensamento darwinista-social. O que na Europa era concebido como uma perspectiva para entender e classificar os comportamentos considerados desviantes socialmente, aqui foi reinterpretado como uma questão puramente racial, colocando a supremacia branca acima de todas as outras raças que viriam a ser produto de nossa inevitável

miscigenação. Richard Miskolci (2012) tenta resumir a questão do desejo da nação brasileira oitocentista da seguinte maneira:

É o conjunto de discursos e práticas histórica e contextualmente constituídos entre fins do século XIX e início do XX por nossas elites políticas e econômicas como uma verdadeira biopolítica assentada, extremamente, no incentivo à vinda de imigrantes europeus para o Brasil e, internamente, em uma demanda por medidas moralizantes e disciplinadoras voltadas para um progressivo embranquecimento da população. O desejo da nação era, portanto, um projeto político autoritário conduzido por homens de elite visando criar uma população futura, branca e “superior” à da época, por meio de um ideal que hoje caracterizaríamos como reprodutivo, branco e heterossexual (MISKOLCI, 2012, p. 50).

Para esse projeto político, surgiram diversas formas de ação orquestradas pela elite por meio do uso de estruturas do biopoder. Uma das mais evidentes era a que possibilitava o agenciamento da sexualidade. É sabido que as elites tinham grande interesse em embranquecer a população do futuro por meio da miscigenação e pelo imigrantismo. Em contrapartida, temia-se que os resultados caminhassem em rumo contrário, aumentando a população negra. O modelo político-social que apresentamos na sessão anterior, popularmente conhecido como vitoriano, era almejado por grande parte das classes dominantes, mas para alcançá-lo, era necessário um processo de regeneração social executado paulatinamente e paralelamente ao de modernização do país. Era necessário reconfigurar a face do povo brasileiro sem que, no entanto, alterar os arranjos da hierarquia e das ordens do poder. Conforme o pensamento do sociólogo Richard Miskolci (2012):

O ideal de nação que se cristalizou neste período primava pelo autoritarismo, por um modernismo de ideais associado a um forte conservadorismo político, um desejo de mudança sem alterar hierarquias e privilégios. [...] O progresso, portanto, é um ideal de civilização futura a ser alcançada por meio da evolução humana. Seu culto por nossa elite modernizante do XIX mostra – ao mesmo tempo – a avaliação negativa sobre seu próprio povo e as esperanças nutridas no futuro (MISKOLCI, 2012, p. 66).

A família passa a ser alvejada como uma importante instituição a serviço do Estado para o controle dos indivíduos – fato a ser melhor discutido no capítulo seguinte – tomando para si a missão de propagar os ideais higienizantes prezados pela elite política e econômica, visto que a ansiada regeneração do povo brasileiro se daria sobre os eixos familiar e reprodutor. Para tanto, surge a grande preocupação com o controle da sexualidade, uma vez que ela, ao invés de coadunar com os objetivos da elite branca, poderia na mesma velocidade, distanciá-los.

A constante observação das relações íntimas se deu em função de garantir a realização do sonho da elite que era a de metamorfosear o Brasil em um exímio país cujos costumes e valores baseavam no modelo europeu, assegurando que a ordem social não seria sacrificada.

Gênero, raça e classe sublinhavam as relações sociais no Brasil do Império. A sociedade brasileira se arranjava num grande oxímoro que se construía sobre o olhar para o futuro, rumo ao progresso sem, no entanto, ocasionar a alteração da ordem já consolidada nas classes dominantes.

Um aspecto a ser observado nos contextos histórico-políticos do qual viemos tratando até aqui é o fato de que ambos estão pautados em uma lógica de preservação da hegemonia das classes dominantes, mas sob diferentes exegeses dos problemas sociais. A questão da desigualdade na Europa encontra-se solidamente firmada sobre os eixos econômicos, enquanto que no Brasil, é uma questão construída deveras racialmente. A figura do negro não foi em nenhum momento pensada para ser reinscrita na sociedade sonhada pela elite de dois séculos atrás. Antes fora idealizada para ser apagada de nossa trajetória, como parte de um passado que deveríamos relegar ao esquecimento.

De certa forma, o Brasil renovava-se material e culturalmente, com o intuito de assumir ares europeus. As importações iam de vento em popa e tudo que aportava no país era recebido com olhos de fascínio e desejo. Utensílios domésticos, roupas, ferramentas, materiais industrializados, como o ferro e o vidro, tudo isso em conjunto transformavam a face da sociedade brasileira.

Uma nova ordem econômica se configurava e a busca pelo chique e pelo luxo faziam com que os brasileiros consumissem qualquer mercadoria, independente da utilidade, desde que advinda das grandes indústrias europeias. O lar brasileiro imitava o europeu, ou pelo menos ensaiava uma tentativa. Aqui, assim como na Europa, o homem tinha uma conduta pública, enquanto que a mulher se detinha no ambiente privado, na vida doméstica.

A sociedade brasileira se erguia conjuntamente à formação de sua moralidade, que tendia a seguir os passos da moral vitoriana e burguesa da Inglaterra. A organização dos estilos de vida entre homens e mulheres era muito distinta. Para elas, reservava-se os direitos de cuidar do lar e ser exibida diante dos outros membros da aristocracia. A educação das mulheres era minada para atender às necessidades do homem, que se sentia mais forte e poderoso diante da ideia da fragilidade feminina.

A moral brasileira se apoiava numa série de valores transferidos do Antigo Continente, configurando-os sob uma reinterpretação própria. Aqui, o homem público encontra facilmente abrigo para seus prazeres nas ruas. O puritanismo brasileiro inibia a sexualidade das mulheres do lar, mas, em contrapartida, incentivava o mercado sexual. A prostituta surge como resposta às necessidades oriundas de uma sexualidade familiar retida e controlada. A mulher e esposa

que estava inserida na aristocracia não poderia conceber nem mesmo a ideia de qualquer prática sexual que superasse os limites médicos do sexo.

As relações sexuais entre os casais eram extremamente higienizadas e construídas sobre um conjunto de regras aplicáveis somente a sexualidade conjugal, que restringia apenas o desejo feminino, que devia ser saciado com a iminência de uma gravidez. À mulher cabia somente esse papel, ser esposa e ser mãe. O pudor era o grande traço formador do caráter feminino, que era passado como herança de mãe para filha, preparando-a para ser desposada pelo marido, que passava a deter todo domínio sobre sua vida.

O universo brasileiro configurava regras rígidas para seus dois cenários: o masculino e feminino, colocados gradativamente como opostos completos. Esse processo revela traços das incidências do poder na sociedade brasileira, percebe-se como se sistematizam as vertentes do poder, figurado como exclusivamente masculino. Essa face masculinizada e branca de nossa sociedade traz consigo uma perspectiva pouco animadora para outros sujeitos sociais, ocupantes de outras esferas da vida pública de outrora. É possível depreendermos quais as cores do pensamento oitocentista sobre a questão do gênero, no que tange à organização social entre homens e mulheres. Percebe-se que a masculinidade, assim como a branquitude, conforme Miskolci (2012) coloca, eram pilares de alto grau de importância na formação dessa rede de relações.

Dáí podemos questionar outros pontos relacionados à sexualidade: as relações entre pessoas do mesmo sexo, para sermos mais específicos. Uma série de questões podem ser levantadas para suscitar essa discussão a partir do cenário brasileiro do período histórico que se reflete dentro das páginas do romance de Raul Pompéia. É desse período que data a tomada da homossexualidade pela ciência, quando deixa de ser encarada estritamente como pecado ou crime divino e passa a ser encarada como uma doença a partir do saber médico. A homossexualidade era tida por muitos como uma parte da má formação moral dos indivíduos, conforme é sublinhado por Mary Del Priore (2016, p. 332).

No entanto, é curioso pensar a homossexualidade inserida na sociedade dita civilizada do Império vista como abjeta e repudiada, enquanto que a ocorrência da homossexualidade em tribos primitivas era tolerada até que com certa folga. Pierre Clastres (1978, p. 76), ao escrever sobre a tribo dos Guaiaguais, analisa como o homossexual se reinscreve dentro da tribo e sua presença é por vezes percebida pelos outros homens e até valorizada. Em contrapartida, a imagem do homem que perde sua honra, concretizada na atividade da caça, é vergonha para si e para com quem ele se relaciona. A homossexualidade se apresenta de formas constantes e

diversas entre as mais variadas etnias indígenas. Muitas das vezes está ligada às repetidas situações de homosociabilidade, como a caça, por exemplo.

Trevisan (2018, p. 63), destaca que a cultura indígena em sua forma selvagem e livre em nada se assemelhava aos códigos de conduta domesticados do velho continente. Os indivíduos autóctones mostravam o seu pouco apreço a virgindade feminina e até mesmo a condenação da prática do celibato. Diversas crônicas de portugueses registram como a sodomia, a sujidade ou pecado nefando grassava entre os indígenas. Não só o indígena, como também o negro tinha sua prática sexual escancarada pelo olhar examinador do europeu.

É sabido, de acordo com Trevisan (2018, p. 124), que escravos eram usados até para auxiliar em “pormenores mais íntimos” na hora de ir ao toalete. É resultante disso uma organização falocrática na relação entre o branco e o negro. O colonizador, muitas vezes, apresentava traços feminizados em função de não praticar nenhuma atividade de natureza mais pesada, que eram todas atribuídas aos braços e ao grande porte dos escravos. O sexo transitava em diversas esferas e se materializava num jogo de relações constantes. Devido a isso, desde a colônia, o Brasil consolidou a sífilis como a maior doença brasileira. Isso porque a atividade sexual era intensa:

Era transmitida pelos senhores às escravas e destas para os filhos dos senhores – tanto durante a amamentação dos bebês como quando da iniciação sexual dos mocinhos brancos, já que as mucamas negras cumpriam ambas as funções, em diferentes épocas da vida. [...] A sífilis era tida como sintoma de virilidade, de modo que os homens ostentavam com orgulho os sinais sifilíticos presentes em seus corpos. Os rapazes sem essas marcas eram, ao contrário, ridicularizados e considerados virgens ou menos machos (TREVISAN, 2018, p. 125).

As doenças venéreas resultantes dessas trocas sexuais também se inseriram dentro do ambiente institucional do seminário e dos colégios brasileiros. Além da ocorrência de doenças como a supracitada, a gonorreia também se espalhava dentro desses espaços. A pederastia já se esboçava, junto com o onanismo, uma prática popular entre os membros do corpo dessas instituições.

Entramos com isso num tópico recorrente na questão da homossexualidade: a escola. Spencer (1996, p. 242) chama a atenção para a consolidação de um sentimento homoerótico conhecido como “amor romântico”. Materializado por meio da amizade especial entre dois homens, esse arquétipo da relação homoafetiva se consolida dentro dos limites territoriais do ambiente escolar. Ao transcrever o seguinte trecho do romance *Coningsby* (1844), de Disraeli, Spencer ilustra como essa prática se caracteriza:

Na escola, amizade é uma paixão (...) Nenhum amor posterior pode trazer o mesmo encanto ou desgraça; não há felicidade mais envolvente, pontada de ciúme (...) mais aguda! (...) que amargas brigas e que ternas reconciliações; quantas cenas de selvagem recriminação, de agitadas explicações, quanta correspondência apaixonada (...) quantos terremotos no coração (...) são confirmados nesta simples expressão: a amizade de um colega de escola! (DISRAELI *apud*. SPENCER, 1996, p. 242).

Assim como Dickens, Raul Pompéia também possui pontos de contato entre a sua trajetória de vida e a personagem criada em seu romance. Ele próprio integrou o corpo de jovens filhos de uma elite brasileira em ascensão. Essa fase de sua trajetória se insere no processo modernizador do país de então, ou seja, o autor tomava parte nessa cadeia de transformações que moldavam uma nova e inédita nação brasileira.

É importante frisar a educação do escritor que foi dada através de grandes instituições de ensino, já renomadas na Corte Imperial. Revela-se assim, como surgiam os primeiros esboços de um sistema educacional com traços evidentes de utilitarismo, uma vez que tomou para si o papel de formar os grandes herdeiros da elite brasileira. Seu suicídio culminou toda uma atmosfera de angústia que se desenvolvia há tempos na personalidade do autor. No dia 25 de dezembro de 1895, Pompéia se despedia dessa sociedade que tanto era alvo de suas críticas e de seus ideais renovadores. Ao escrever sobre a morte do escritor, Machado de Assis descreve-o da seguinte maneira:

Sobravam-lhe talentos, não lhe faltavam aplausos nem justiça aos seus notáveis méritos. Estava na idade em que se pode e se trabalha muito. A política, é certo, veio dado transeunte ou do adventício namorado um amante perpétuo. [...] Raul era todo letras, todo poesia, todo Goncourts (ASSIS, 2016, p. 43).

Como Carlos Ferraz (2016, p. 51) escreve a respeito da tragédia de Pompéia: “Pobre Raul!”.

*O Ateneu* foi publicado por Raul Pompéia no ano de 1888, nas páginas do jornal *Gazeta de Notícias*. O livro concretiza-se como um exímio exemplar de uma conjugação de gêneros como a ficção, a poesia e o ensaio. Sua filiação a uma escola literária específica escapa de forma escorregadia por entre os dedos do sistema classificatório da história literária. A crítica se divide entre aqueles que acreditam no naturalismo da obra e os que discordam afirmando que está mais para moldes impressionistas e até mesmo, realistas. Classificações à parte, voltaremos nosso olhar a proposta de leitura do romance enquanto testemunho, levando em consideração aspectos da figura do narrador e do uso da memória.

O romance é, sem dúvida alguma, reconhecido como a grande obra-prima de Pompéia. Nele encontram-se expostas, veladamente ou não, grandes críticas a situações de uma sociedade que se encontrava em estágio embrionário. Ao retomarmos a fortuna crítica do romance de Raul

Pompéia, é perceptível que existe uma linha divisória entre as duas principais abordagens analíticas da obra. Uma das primeiras preocupações dos estudos primários sobre *O ateneu* ocupou-se exaustivamente com os elos relacionais entre o enredo da narrativa e a figura física do autor Raul Pompéia.

Muitos textos elencaram uma série de argumentos que comprovam a equiparação entre aspectos presentes na estrutura textual e dados biográficos do autor. Essa percepção do universo narrativo construído a partir das memórias do internato, muitas das vezes, vem carregada de insinuações a respeito de um suposto tom de vingança da obra, colocando o autor como uma figura ressentida e amargurada pelo contexto de sua época. No entanto, essa linha de pensamento perdeu força a partir do ano de 1920, quando começam a emergir outras óticas para se observar as memórias de Sérgio. A partir desse momento, o romance passa a se libertar da figura de seu autor, uma vez que, mesmo que a obra tenha surgido a partir do estrato autobiográfico de Raul Pompéia, aos poucos conseguiu se configurar independente em função de suas especificidades técnicas. A partir desse momento, passa-se a ser esboçada a discussão voltada ao cunho social.

A obra ganha vida na voz de Sérgio que reconstrói seu passado com base em seus retrospectos. Ele nos transporta ao ambiente d'*O Ateneu*, o internato da “fina flor da mocidade brasileira”<sup>8</sup> do século XIX, regido pela figura do diretor Aristarco. O narrador nos traz à tona suas lembranças e sentimentos enquanto foi interno. Narrado em primeira pessoa, a “crônica de saudades”<sup>9</sup> assume aspectos do *Bildungsroman*. No entanto, notam-se características que nos levam a questionar o modo como Sérgio expõe suas experiências. O fato do narrador ter conhecimento dos pensamentos de outros personagens, por exemplo, foge aos limites da narração autodiegética, sem falar na sua capacidade de transcrever *sic erat scriptum* as conferências do Dr. Cláudio. Esses detalhes permitem depreendermos da anamnese de Sérgio um aspecto potencialmente dúbio. A maneira demasiada do narrador de empregar reticências evidencia certa disparidade entre sua inocência infantil e sua experiência adulta posterior.

Outro ponto de importância é o aspecto funcional das instituições dentro da narrativa. O Ateneu, assim como o internato Salem House para David, é um ambiente que pode ser caracterizado como “instituição total”<sup>10</sup>. Com base nas palavras de Goffman (2010), as instituições que abrigam um número considerável de indivíduos, num regime de estudo ou trabalho, isolado da sociedade, de forma reclusa e controlada podem ser consideradas totais.

---

<sup>8</sup> POMPÉIA, 2015, p. 30.

<sup>9</sup> Idem., p. 260.

<sup>10</sup> Cf. GOFFMAN, 2010, p. 11.

O internato onde os meninos experimentam determinadas situações é regido pelo diretor que representa a voz de autoridade que perpetua uma cadeia de valores morais, com vistas a formar as identidades dos internos dentro de moldes pré-estabelecidos. Sendo assim, podemos colocar a voz regente das instituições como propagadora dos dispositivos sociais externos ao ambiente de reclusão social. Conforme podemos ler no excerto a seguir, uma das grandes preocupações de Aristarco era a conduta moral de seus aprendizes:

Um trabalho insano! Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sítios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos de compaixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um labor ingrato, titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã... Ah! meus amigos, concluiu ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade! [...] A imoralidade! (POMPÉIA, 2015, pp. 47-48, grifos do autor).

A leitura que intentamos construir baseia-se numa reinterpretação dos aspectos formais e dos valores sociais dos romances selecionados. As etapas humanas ilustradas pelos romances dialogam com grandes estudos sociais, tornando possível encará-los como grandes registros históricos de sociedades que, num primeiro contato, mostram-se evidentemente díspares, mas ao serem percebidas sob um olhar mais diligente, revelam grandes convergências de práticas e valores. A seguir, destrincharemos como as relações familiares, institucionais e pessoais ilustradas pelas narrativas de Dickens e Pompéia corroboram todo um reflexo das sociedades que os produzem.

Em última instância, o que justificaria ou como se poderia entender a escolha dos autores em dar ênfase a família e a escola para construção de romances de autoficção sobre jovens oitocentistas na Inglaterra e no Brasil, com narrativas permeadas por problemas de relacionamentos pessoais e velada homossexualidade das personagens de centrais, David e Sérgio, transitando entre a autoridade patriarcal e o desejo? Ao nortearmos nosso pensamento a partir desse ponto, passaremos agora a discutir sobre as acepções feitas sobre essas instituições dentro dessas sociedades.

## CAPÍTULO II

### **SONGS OF INNOCENSE: A MORALIDADE DO AMBIENTE FAMILIAR**

*Happy families are all alike;*

*every unhappy family is unhappy in its own way*

Leo Tolstoy

Publicado em 1888, *O ateneu* constitui objeto de expressiva relevância para o cenário literário brasileiro, uma vez que possui valor histórico, cultural e estético de natureza ímpar, o que, portanto, dificulta o esgotamento de novas interpretações dessa que é a obra-prima de Raul Pompéia. O mesmo acontece com *David Copperfield*, romance publicado por Charles Dickens no ano de 1850.

Walter Benjamin no ensaio intitulado “O narrador”, afirma que ele, o narrador, possui o poder de “contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (BENJAMIN, 1994, p. 221). David, personagem dickensiano que empresta seu nome ao romance, trilha esse caminho descrito por Benjamin. Publicado em formato folhetinesco, *David Copperfield* narra a trajetória de um homem desde o primeiro momento de sua vida, o parto.

A partir daí caminhamos e vemos o mundo ao redor pelos olhos de David, protagonista e narrador do romance, que nasce órfão do pai e carrega desde o ventre de sua mãe o fantasma da ideia de que seus pais aguardavam uma menina, o que volta e outra retorna ao cerne da trama. Seu mundo natal é limitado à casa e ao pequeno vilarejo no interior da Inglaterra e o lar é um ambiente calmo e feliz nos primeiros anos da vida do garoto. “Se serei o herói de minha própria história, ou se essa posição será ocupada por alguma outra pessoa, é o que essas páginas devem mostrar” (DICKENS, 2018, p. 15). Nesse excerto, o anúncio do rumo que seguirá o romance, ou pelo menos quem será o guia, já que o futuro de David é encoberto por uma névoa de incertezas e reviravoltas.

David é criado por sua mãe, a jovem Clara, que se casou com o seu pai ainda muito jovem e com uma grande diferença de idade entre eles. Clara tornou-se viúva seis meses antes de dar à luz ao pequeno herdeiro. Foi ela quem dividiu a árdua tarefa de administrar a casa e cuidar do filho com a criada Peggoty. Mas o ambiente maternal não custou a ser profanado pela figura do futuro padrasto de David. Clara, então, torna a se casar, dessa vez com o Mr. Murdstone, e a partir disso, a infância de seu filho transforma-se e é envolvida em sombras de violência e hostilidade.

David passa a ser subjugado e perseguido dentro do próprio lar até o momento de ser enviado a Londres para estudar no internato Salem House, administrado pelo perverso Mr. Creackle. Com isso, a vida do pequeno David passa a assumir uma aura pessimista e pouco animadora; o futuro surge distante como uma promessa de libertação e o passado se materializa como seio do ressentimento e saudade do que foi vivido.

Após pouco mais de um semestre no internato, a volta de David é ordenada para que tome conhecimento da morte de sua mãe e é abandonado pelo padrasto, que o envia novamente a Londres para começar a trabalhar, quando o menino contava apenas oito anos de idade. O menino vaga pelas ruas de Londres e observa, constantemente, as pessoas que ali estão presentes, compondo o mosaico da cidade. Nesse período, conhece outras personagens, como o Sr. Micawber, figura associada ao pai do escritor, por conta de seus problemas financeiros. Pouco tempo depois, David decide fugir e tentar reencontrar a srta. Betsey, tia de seu falecido pai, na esperança de que interceda em seu favor e o salve dos tormentos encontrados até ali. A narrativa se constrói sobre a trajetória desse personagem-narrador, seguindo seus altos e baixos, como é típico da escrita de Dickens.

Quanto a Sérgio, narrador de *O Ateneu* (1888), toma-nos como receptores de sua vivência durante apenas um estágio de sua vida. Os anos vividos no internato são resgatados da memória do narrador e traduzidos dentro do romance de Raul Pompéia.

Sérgio chega ao internato munido de expectativas criadas e alimentadas em visitas breves realizadas antes de seu ingresso no Ateneu. Lá, ele experiencia uma série de situações que colocam à prova sua resistência, integrando um processo de formação moral implacável, fruto dos primeiros esboços do sistema educacional brasileiro. Ali, Sérgio tem a chance de ser inserido em um ambiente monossexual e a partir do contato que tem com os outros meninos, vai produzindo seu caráter e ensaia uma série de relações que são reais na vida adulta. Ali se constrói um verdadeiro microcosmo social do Império brasileiro.

Os narradores David e Sérgio experimentam o ambiente do internato, o que corrobora um traço comum à formação da subjetividade de ambos. As duas personagens imergem no passado a partir de suas memórias remanescentes da infância, evidenciando toda uma interpretação individual da realidade exterior, assim como sua ressignificação. O aspecto subjetivo da memória molda uma dúbia natureza da narrativa dos garotos. O uso da memória como artifício narrativo configura ponto especial na análise dos textos. Por essa razão, a seguir, procuraremos destrinchar as relações entre a memória e a escrita do passado de nossas personagens.

## 2.1 Palimpsesto memorialístico: a narração prospectiva de David e Sérgio

Ao lermos os textos de Henri Bergson, temos acesso a um amplo aparato para que se analisem os processos que envolvem a memória. Um de seus pensamentos conflui exatamente com o que pressupomos da narrativa memorialística de aspecto retrospectivo. O autor afirma: “para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 1999, p. 90).

Quando acessamos a fortuna crítica de Pompéia, temos em mãos um aparato vasto e complexo de estudos que se desdobram em diversas ramificações. Entretanto, é possível que se realizem determinados agrupamentos em razão de traços em comum encontrados nas revisões críticas feitas.

Franco Baptista Sandanello (2015, p. 67) reflete sobre esses pontos de contato ao propor um arranjo das análises da obra *O Ateneu* em três principais vieses. Desses três grupos, emergem dois solidamente construídos e desenvolvidos. O primeiro de natureza biográfica, preocupado em estabelecer “nuanças da personalidade do escritor, entendido como sinônimo de autor” (SANDANELLO, 2015, p. 69). Essas abordagens caminham de maneira a destrinchar onde os caminhos de Sérgio se entrelaçam aos de Pompéia e qual o valor dessa mescla de perspectivas dentro do conjunto do romance. Esses elos relacionais entre autor e obra seriam a chave que desvenda a narrativa de memórias de Pompéia.

Autores como Araripe Jr., José Veríssimo, Olívio Montenegro e, também, Mário de Andrade são exemplos dos que endossaram essa perspectiva ao analisar a crônica de saudades. A afirmação de Veríssimo (2016, p. 209) pode confirmar a natureza de tal corrente interpretativa quando diz que “o autor, homem-feito, com sua ciência da vida e o seu saber dos livros, a sua experiência de adulto, substitui-se ao narrador”. Desta forma, para o autor, existem uma série de equivalências no plano textual das sensações e ideias do autor. Mário de Andrade (2016, p. 215) diz sem eufemismos que “o autor vazou a sua vingança contra o seu internamento no Colégio Abílio”.

Segundo Andrade, o texto romanceado de *O Ateneu* caricaturiza de maneira sarcástica e relativamente dolorosa, a vida psicológica dos internatos. O escritor modernista ainda salienta que o traço caricatural se evidencia na maneira como Pompéia voluntariamente exagerou na expressão dos caracteres dos sujeitos inseridos ali naquele ambiente institucional ficcionalizado. É interessante perceber como a análise da obra sob o molde do autor configura, por vezes, uma aura de ressentimento em torno do texto e de sua leitura. Mário de Andrade (2016), dá destaque a essa perspectiva de interpretação quando observa que:

Raul Pompéia se vinga. Se vinga do colégio, com uma generalização tão abusiva e sentimental que chega à ingenuidade. Realmente era preciso que o grande artista tivesse excessiva consciência de sua constituição de tímido e irrealizado, enorme falso respeito dos princípios morais da família, pra brotar toda a culpa de sua tragédia pessoal no processo educativo do internato (do seu internato) e, mais que odiá-lo, vingar-se dele com tamanha e tão foga exasperação. Há trechos no romance que esta exasperação chega a desesperada (ANDRADE, 2016, p. 215).

Com isso, notamos como se estrutura uma das principais tendências de interpretação do romance de Pompéia, que elencaram uma série de argumentos que comprovam a equiparação entre aspectos presentes na estrutura textual e dados biográficos do autor. A outra interposição de leitura do romance orienta-se de acordo com uma significação sociológica do romance, partindo em direção aos círculos da História e da Literatura, focando principalmente nos pontos interseccionais entre as duas esferas. Sandanello (2015) delimita a natureza desses trabalhos de viés social colocando como o objetivo comum a esses textos o elenco de “dados narrativos do romance a partir de sua significação social, i.e., enquanto “microcosmo” do Brasil monárquico” (SANDANELLO, 2015, p. 87).

Tomar o internato como o microcosmo do Brasil Imperial consolidou-se como um ponto inevitável na trajetória de observação do romance. A palavra que passou a definir a obra foi denúncia, um grito republicano no Brasil do século XIX. Um exemplo dessa perspectiva social é a observação de Alfredo Bosi (2013), na qual o autor comenta:

A descrição da experiência colegial é feita em termos de requisito: a criança que subsiste no homem é o promotor e, vantagem do romancista, pode ser também o juiz final, manipulador do apocalipse. No primeiro plano de ataque, a fachada composta e brilhante do processo educativo, onde se pode ver em miniatura o decoro das instituições do Império que o ardente republicano Raul Pompéia então combatia [...] A escola é microcosmo em vários níveis. No da direção, onde a mola do divino Aristarco é o dinheiro; mas também entre os alunos cujas atividades tecem uma rede de interesses econômicos. Mas o trágico é que a escola, como a sociedade, na sua dinâmica de aparências, finge ignorar a iniquidade sobre que se funda. Tomando hipocritamente o dever-ser como a moeda corrente e o que é como exceção a ser punida, a praxe pedagógica não baixa o tom virtuoso que se ouve nos discursos de Aristarco e se perpetua nas máximas gravadas nos ladrilhos do colégio (BOSI, 2013, p. 196).

Com isso, é perceptível que o próprio texto do romance dá vazão aos argumentos interpretativos de cunho social. A última conferência do Dr. Cláudio se mostra como um argumento irrefutável do valor social das experiências ali retratadas. Nas palavras da personagem, o internato “é a escola da sociedade” (POMPÉIA, 2015, p. 224).

Ao lado de Alfredo Bosi, nomes como Nestor Victor, Flávio Loureiro Chaves, Zenir Campos Reis, Benjamin Abdala Júnior, Ivan Teixeira, Rubens Arantes Corrêa (2001, 2010),

Kleber Garcia Campos (2001), Fernando Balieiro (2009), entre outros, contribuem com esse mosaico de leituras sociais da trama do internato dirigido por Aristarco.

Por fim, Sandanello (2016, p. 99) traz uma conciliação entre as duas principais propostas e as lacunas por elas ignoradas. A terceira tendência de interpretação crítica privilegia uma omissão dos teóricos em problematizar e destrinchar a estrutura narrativa do romance. O ponto norteador aqui seria questionar a confiabilidade da narração em primeira pessoa de Sérgio e verificar como os episódios da trama estão dispostos conforme os interesses do narrador que rememora seu passado no internato.

Silviano Santiago (2016, p. 251) elenca um conjunto de contradições possíveis de serem encontradas nas leituras do romance e sinaliza como os trabalhos que se dispõem a analisar algum dos aspectos da obra, seja de natureza social ou biográfica, se configuram como satisfatórios, mas, ainda assim, limitados. A primeira contradição apontada pelo autor se relaciona com a infidelidade do gênero em primeira pessoa que o romance de Pompéia se enquadrou de forma tão voluntária. Dito de outra forma, não há a preocupação de que a voz narrativa seja adaptada ao tempo da narração, que, em *O Ateneu*, é regido pela figura de Sérgio-menino. Para isso, o crítico faz uso de um conceito chamado de falso-natural, que seria “a busca de um estilo que não se adapta ao autor, mas ao narrador-personagem” (SANTIAGO, 2016, p. 251).

Dentro da obra de Pompéia, a posição de Sérgio-adulto, sua cognição, consciência e personalidade deveriam, em tese, ser obscurecidas para que não se tornasse inverossímil a história do personagem, no caso, Sérgio-menino. Em segundo lugar, o texto se contradiz novamente ao se anunciar como uma “crônica de saudades”. A verdadeira face do romance seria a de um texto vingativo, que abandona a natureza da primeira pessoa para se inscrever na observação do outro, que neste caso se apresenta como Sérgio-menino:

*O Ateneu* não é, pois, uma crônica de saudades no sentido mais imediato e romântico do termo, mas a busca de um milagre. Sérgio-narrador tentando ressuscitar Sérgio, fazendo-o personagem, para que de novo entre os vivos seja passageiramente o espectro shakespeariano a acusar os seus carrascos, isentando-os de todo e qualquer compromisso com o Mal. Suas ações não foram ditadas pelo seu discernimento, mas vêm tolhidas e explicadas pela auréola das circunstâncias e do outro. A vingança consumada, Sérgio-personagem poderia descansar em paz, e deixaria em paz o narrador no presente, pronto para enfrentar livre e desimpedido o futuro. A escrita d’*O Ateneu* é vingativa, assassina e, por isso, [...] vai pouco a pouco matando as testemunhas, únicos que poderiam pela só presença e pela só possível narrativa incriminá-lo (SANTIAGO, 2016, p. 262).

Santiago (2016) constrói a direção de uma nova perspectiva de interpretação crítica da obra em que Sérgio expõe seu drama de narrador e que almeja “[...] sem o poder, ir até o fundo

da integridade, mentindo apenas para si e não para os outros, arquitetando um romance fantástico e cheio de contradições” (SANTIAGO, 2016, p. 279). Com isso, percebemos a natureza dúbia da narração de Sérgio, o que nos faz questionar o seu arranjo das memórias ali selecionadas e inseridas na crônica, trazendo à luz toda uma gama de novas possibilidades antes ignoradas pelas correntes biográfica e social.

Quanto à fortuna crítica de Charles Dickens, no que tange à sua obra completa, o seu reconhecimento junto ao cânone foi fruto de um demorado processo em função de seu grande público, conforme observado por Daniel Puglia (2006, p. 3). O autor ainda recupera entre os comentários da obra dickensiana as imagens construídas por críticos como G. H. Lewes, G. Gissing e Virginia Woolf, muitos de caráter depreciativo em função do formato folhetinesco, que seria a chave para o alcance de um público leitor exageradamente vasto. Disso, é possível depreender uma visão elitista do cânone, que desmerece a literatura de alcance popular.

A situação assume aspectos mais favoráveis a partir de estudos realizados a partir do século XX, quando surgem novas tendências críticas advindas do *New Criticism*, que colocam em evidência olhares mais complexos sobre os escritos de Dickens, visualizando pioneiramente características da configuração estética das obras do autor. Outra corrente que se concretiza é a propagada por Alexander Welsh, que ocasiona o resgate das personagens femininas para além de sua condição de submissão na sociedade burguesa da Inglaterra, reinterpretadas a partir de esferas da psicanálise.

Assim, Puglia (2006, p. 5) aponta as novas abordagens que se apropriam dos ramos da psicanálise, do materialismo histórico e das teorias marxistas. Em relação à primeira, estudos que partem do viés psicanalítico passam a enxergar em Dickens e em seus personagens grandes débitos com passados ressentidos e ocultos, revelando novas óticas de análise dos sujeitos elaborados pela pena do autor. No que tange à esfera do materialismo cultural, grandes textos foram dedicados à consolidação dessa corrente crítica. Um dos mais importantes, já citado anteriormente neste trabalho, foi o texto de Raymond Williams (2011), *O campo e a cidade*, publicado originalmente em 1973 e traduzido pela primeira vez em 1989. Essa perspectiva, recupera os romances de Dickens sob um viés que observa as relações entre a sociedade burguesa e o capitalismo industrial.

A última corrente se preocupou em delinear traços relacionais entre aspectos políticos e sociais presentes nas narrativas e os aparatos estéticos empregados por Dickens. Dessa forma, Dickens alcançou o panteão dos grandes nomes da literatura mundial. Virginia Woolf (2018) atribui a ele algumas características positivas, como podemos perceber no trecho a seguir:

Sutileza e complexidade, está tudo lá se soubermos onde procurar, se superarmos a surpresa de encontrá-las nos lugares errados. Como criador de personagens, sua peculiaridade é que ele cria onde quer que pouse os olhos – tem o poder extremo da visualização. Suas pessoas ficam marcadas em nossos olhos antes que as ouçamos falar, pelo que ele as vê fazendo, e parece que é a visão que põe seu pensamento em ação (WOOLF, 2018, p. 1154).

Otto Maria Carpeaux (1999, p. 648) tece um ensaio dedicado a obra do autor inglês. Para o crítico, nenhum outro romancista alcançou os feitos de Dickens. Carpeaux sinaliza como Dickens apreendeu dentro de suas linhas toda a sociedade da Rainha:

Com realismo tão impressionante, descreveu os cárceres para os devedores insolventes, as casas de trabalho forçado, o trabalho dos menores, o sadismo nas escolas, os abusos nos tribunais, nas repartições públicas, nas eleições, que contribuiu poderosamente para a abolição daquelas injustiças, e ajudou a criação da Inglaterra moderna. [...] Dickens transformou a própria noção do romance. Criou o romance moral, cuja leitura as pessoas de ambos os sexos, de qualquer idade e de qualquer classe podiam confessar (CARPEAUX, 1999, p. 648).

É interessante perceber os caminhos comuns às obras de ambos os autores. Dickens, assim como Pompéia, produziu uma literatura capaz de refletir o mundo. De seus textos, é possível depreender leituras das sociedades das quais foram produto. Ambos possuem esse traço bem consolidado na produção crítica que se debruçou sobre suas produções. À sua maneira, cada um deles contribuiu amplamente com possíveis acepções sobre o que é estar no mundo, transportando para dentro de suas páginas uma considerável parcela de suas respectivas sociedades.

É sabido que ambos os autores, há muito tempo, têm sido analisados exaustivamente e que praticamente todos os caminhos possíveis para destrinchar os significados múltiplos de cada narrativa já foram trilhados. No entanto, uma abordagem que há muito tem sido ignorada se relaciona com a questão da estrutura narrativa dos romances, arranjo que se mostra deveras problemático no tocante a certos pontos de sua realização. *David Copperfield* e *O Ateneu* são narrativas memorialísticas que retomam o passado como força motriz para sua concepção.

David e Sérgio oscilam entre seus papéis nas obras. A oscilação entre narrador e personagem é o principal ponto do trabalho de Franco Baptista Sandanello (2015), no qual o autor elabora um valioso estudo que questiona a voz narrativa de Sérgio. O que o autor propõe é uma revisão da credibilidade da narrativa em primeira pessoa, que se realiza através da memória, o que também pode ser observado no romance de Dickens. Com base nisso, colocando as duas obras em paralelo e levando em conta o traço memorialístico comum a ambas, percebemos esse fenômeno como um reflexo do advento da memória como artifício narrativo. A memória narrativa se configura, na verdade, como um reordenamento e

ressignificação dos fatos ficcionais. É válido destacar que o narrador aqui é mais do que meramente contador de histórias fictícias. Ele é maestro, coordenando a organização do concerto, uma vez que os eventos narrados dependem da sua ação narrativa para existir, para serem evocados do passado e ressurgir no presente. James Wood (2012) coloca a seguinte proposta:

A casa da ficção tem muitas janelas, mas só duas ou três portas. Posso contar uma história na primeira ou na terceira pessoa, e talvez na segunda pessoa do singular e na primeira do plural, mesmo sendo raríssimos os casos que deram certo. E é só. Qualquer outra coisa não vai parecer muito uma narração, e pode estar mais perto da poesia ou do poema em prosa (WOOD, 2012, p. 17).

No entanto, escapa, de certa forma, ao pensamento do teórico, os modos como a narração onisciente pode se mesclar à primeira pessoa. O modo que questionamos a confiabilidade da narrativa de Sérgio e David coloca-se como um exemplo à parte do fenômeno proposto por Wood. Sérgio narra seu passado a partir de sua ótica presente. O narrador não demonstra ter a preocupação de adequar a linguagem aos olhos infantis do seu próprio eu menino. O foco dessa discussão seria, então, voltado ao que o narrador não diz de si mesmo e o que esse silenciamento evidencia da relação de seu eu atual com seu eu passado. Para analisar esse processo de reconstrução memorialística empreendido por David e Sérgio, é interessante expormos a distinção exposta por Sandanello (2015, p. 120) entre a memória retrospectiva, memória presentificativa e memória prospectiva.

Segundo o autor, a narrativa de memórias de caráter retrospectivo assinalaria, por assim dizer, um contrato de fidelidade para com as regras pressupostas de uma imersão no passado. O narrador memorialista em momento algum se rende ao capricho de intervir no decurso de suas experiências, elencando opiniões ou juízos de valor. Sendo assim, há um isolamento da figura do narrador, ficando este no tempo presente e respeitando sempre os limites da cognição de seu eu personagem, isto é, a narrativa atém-se somente às informações do passado do narrador. Constitui-se, dessa maneira, uma relação de independência entre tempo narrado e tempo vivido, deixando-se falar por si o primeiro. Nas palavras de Sandanello (2015):

Deve ser aquela em que concorre um mínimo de participação efetiva do olhar atual do narrador para a estruturação dos eventos narrados. [...] a narrativa retrospectiva, a fim de simular certa independência para com o presente da voz narrativa, depende de uma forte causalidade interna entre os elementos da diegese, respeitando sempre as “normas” ou “regras” mais gerais da narrativa de memórias (SANDANELLO, 2015, p. 97).

No que tange à segunda classificação exposta por Sandanello (2015), na narrativa de memórias presentificativa existe certa maleabilidade dos preceitos da categoria anterior

(retrospectiva). Estamos, então, a meia distância do narrador e de seu eu personagem. O narrador pode gozar de certa liberdade para com os elementos que compõem seu retorno ao passado, como narrar episódios aos quais esteve ausente. Além disso, o fato passado pode evocar momentos de reflexão construídos na voz do narrador no presente. O relato segue rumo a uma ressignificação dos episódios passados a partir do presente. Nas palavras de Sandanello (2015, p. 101):

É aquela orientada para a ressignificação presente dos eventos já encerrados no tempo de acordo com a visão de mundo atual do narrador. A narrativa de memórias presentificativa deve apontar para um desenvolvimento simultâneo dos atos narrados e da recepção desses mesmos atos pelo narrador, que a um só tempo revisita seu passado e atribui a ele um sentido fortemente particular (SANDANELLO, 2015, p. 101).

Sendo assim, a narrativa se coloca num meio-termo em que há uma coparticipação das vozes do narrador no presente e de seu eu personagem na estrutura dos relatos. Os dois se colocam como atores partilhando o mesmo “palco” narrativo.

Por fim, a terceira classificação possível das perspectivas adotadas em romances de tom memorialístico, à qual daremos mais atenção por colaborar com a análise que intentamos realizar, é a narrativa de memórias de caráter prospectivo. A narrativa prospectiva se constitui como aquela que apresenta em níveis avançados a participação da voz narrativa na construção do juízo acerca daquilo que narra.

A narrativa segue as páginas segundo o rumo ditado pelo ressentimento do narrador, que se coloca evidente diante do modo como se arranjam os episódios de maneira a consolidar os seus argumentos. A estrutura narrativa estaria fortemente comprometida pelo envolvimento emocional do narrador, uma vez que os eventos passados se mostram como causa dos problemas que possui no presente. Dessa forma, os eventos são selecionados e dispostos em um arranjo à maneira dos intuitos pessoais do narrador, há um silenciamento do passado, que passa a ser uma massa disforme que será moldada pelo narrador. Essa configuração da narrativa de memórias acaba por condenar o narrador justamente a seu maior temor, a perda de credibilidade:

A ênfase reiterada da narração em uma única versão dos fatos parece revestir-se de algo redutor, pois ao buscar legitimar sua crítica ao passado, o narrador prospectivo tende a condenar a si próprio, ignorando que, de uma maneira inteiriça, ao narrar seu passado de acordo com uma ideia ou um argumento, demonstra o quanto é vulnerável ao oposto do que procura defender, e que lhe assoma como tão inaceitável a ponto de demandar-lhe um longo texto narrativo por refutação. A postura do narrador, por conseguinte, torna-se um apelo ao beneplácito do leitor, de quem depende para fazer triunfar seu argumento ou sua ideia a partir do uso de certos recursos narrativos (SANDANELLO, 2015, p. 115).

Observamos esse aspecto em Sérgio que, ao retornar ao Ateneu, não imerge uma única vez no tempo passado em sua totalidade. Do começo ao fim quem nos fala é o narrador adulto, do qual não sabemos nada a respeito. Além disso, Sérgio, ao relatar os três envolvimento que teve com internos, o faz de maneira tendenciosa e parcial. Leiamos um trecho do romance no qual o narrador equipara e distingue as naturezas das relações que tivera com três alunos no internato:

A convivência do Sanches fora apenas como o aperfeiçoamento aglutinante de um sinapismo, intolerável e colado, espécie de escravidão preguiçosa da inexperiência e do temor; a amizade de Bento Alves fora verdadeira, mas do meu lado havia apenas gratidão, preito à força, comodidade da sujeição voluntária, vaidade feminina de dominar pela fraqueza, todos os elementos de uma forma passiva de afeto, em que o dispêndio de energia é nulo, e o sentimento vive de descanso e de sono. Do Egbert, fui amigo. Sem mais razões, que a simpatia não se argumenta. Fazíamos os temas de colaboração; permutávamos significados, ninguém ficava a dever. Entretanto, eu experimentava a necessidade deleitosa da dedicação. Achava-me forte para querer bem e mostrar. Queimava-me o ardor inexplicável do desinteresse. Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho (POMPÉIA, 2015, pp. 198-199).

Sérgio se depara com suas limitações: em pouco tempo, ele se descobre mau aluno e vê que depende da ajuda dos outros. Para apagar os rastros de tal dependência, ele se vale dos colegas sem escrúpulos, manipulando o sexo como moeda de troca. Veja-se o caso de Sanches: ele se vale do colega (tutor particular) até que melhorem suas notas e, em seguida, desfaz a amizade abruptamente. Veja-se o caso de Bento Alves: ele se vale do colega (guarda-costas particular e, depois, bibliotecário particular, a ponto de separar e escolher os livros para Sérgio); quando não necessita de sua ajuda (já veterano do internato, acostumado aos livros e ao ambiente), briga e desfaz a amizade, abruptamente.

Sérgio descarta as pessoas (inclusive Ema, que lhe serve de enfermeira particular por algum tempo, quando está com sarampo). É uma demonstração de poder, que encontra eco em sua posição única de dono de suas memórias (elevadas ironicamente a “crônica de saudades”). Com isso, podemos perceber que, ao tratar de seus envolvimento pessoais, o narrador escolhe o tom com que trata os episódios vividos. No que concerne a seu envolvimento com Sanches, é perceptível a natureza pernicioso desse relacionamento, pela forma com que o narrador fala a respeito de sua convivência com a personagem.

Sérgio constrói no presente uma imagem de si indefeso e ingênuo, para compor o ideal pessoal que alimenta por ter caído nas armadilhas a que foi exposto pela má índole de outrem. O narrador intenta convencer o leitor de sua versão para legitimá-la para seu eu, sendo assim, distorce de maneira tendenciosa os episódios, para que ornem com o seu argumento. Em outra passagem do romance, após ser salvo de um afogamento por Sanches, o narrador assevera: “tive depois motivo para crer que o perverso e a peste fora-o ele próprio” (POMPÉIA, 2015, p. 64),

o que mais uma vez se mostra como uma tentativa perene de colocar Sanches como o algoz e, por consequência, a si mesmo como a vítima. Os narradores prospectivos seriam então aqueles que “tentam provar excessivamente sua inocência revendo as circunstâncias de suas faltas” (SANDANELLO, 2015, p. 110). Podemos perceber esse aspecto na maneira parcial com que Sergio lida com esses episódios.

Da mesma forma, é perceptível que essa configuração da narrativa de memórias ocorre no romance de Dickens, trazendo consigo a ideia de não confiabilidade na perspectiva do narrador, relacionada com a percepção de um adulto narrando a experiência da infância. Além de aspectos subjetivos como esquecimento, existem marcas textuais que impregnam a narrativa de incerteza sobre os acontecimentos narrados. Em um trecho dos primeiros capítulos do romance, David narra um evento de quando dava seus primeiros passos e que percorria a distância entre sua mãe e Peggoty, e sugere que não tem certeza se de fato se lembra ou se apenas imaginou, conforme podemos observar:

Creio que consigo me lembrar dessas duas um pouco separadas, aos meus olhos diminuídas por se curvarem ou ajoelharem no chão, e eu indo com passo incerto de uma para outra. Tenho em minha mente uma impressão que não consigo distinguir da lembrança de fato, do contato do indicador de Peggoty, que ela costumava estender para eu segurar, e que era áspero pelo trabalho com agulha, como um pequeno ralador de noz-moscada. Isso pode ser fantasia, embora eu ache que a memória da maioria de nós é capaz de recuar a esses tempos mais do que muitos supomos (DICKENS, 2018, p. 30).

Dessa maneira, David admite que não consegue distinguir o que narra a partir de memórias reais ou impressões incertas. O narrador parece estar ciente do fato de o mote para sua narrativa ser de natureza incerta e turva, mas, mesmo assim, tenta convencer o leitor de suas habilidades de retornar ao tempo passado com grande destreza.

Henri Bergson (1999, p. 158) afirma que “imaginar não é lembrar-se”. Sendo assim, podemos reavaliar a credibilidade do relato de David e Sérgio, uma vez que usam de silêncios e informações incompletas para o favorecimento de seus pontos de vista. Quando Sérgio se refere a Bento Alves, percebemos uma mudança no seu tom, porém, mais uma vez, o narrador isenta-se de quaisquer responsabilidades sobre os eventos ao afirmar: “do meu lado havia apenas gratidão” (POMPÉIA, 2015, p. 198). No entanto, retornando às páginas nas quais Sérgio se debruça em trazer à tona sua relação com Bento Alves, podemos ler: “estimei-o femininamente” (POMPÉIA, p. 133), o que pode apontar certa contradição nas palavras do narrador. Quanto a Egbert, notamos que, pela primeira vez, o narrador é a parte mais experiente no elo da amizade, uma vez que fora o mais novo em relação a Sanches e também a Bento

Alves. Sérgio agora é o mais velho. Notamos então o modo amigável e positivo com que os episódios subsequentes passam a ser revividos pelo narrador.

Victor Leandro Silva (2011), ao tratar de aspectos da memória na obra de Milton Hatoum, realiza uma leitura dos textos de Bergson. Com base nisso, o autor salienta que:

O cérebro, como canalizador de eventos passados, é o grande responsável pela descontinuidade da lembrança desses acontecimentos. No intuito de selecionar somente aquilo que é útil ao presente, ele se restringe a materializar o necessário, o que impede que o passado surja em sua plenitude (SILVA, 2011, p. 44).

Dito isso, o que podemos perceber é que Sérgio filtra o seu passado através de sua perspectiva presente. O narrador com sua voz presente acaba por comprometer consideravelmente sua credibilidade em razão do aspecto seletivo e manipulador que podemos notar no resgate que realiza das partes de seu passado. Sérgio acaba empregando dois valores e duas medidas para episódios superficialmente semelhantes, como é o caso de seus relacionamentos de intimidade com os três meninos. O modo como interpreta de forma mais saudável e amigável a sua relação com Egbert mostra o quão tendenciosa e dissimuladora é a voz do narrador presente, mas isso se constitui como resultado dos danos emocionais causados ao menino pelo regime institucional, danos que ecoam no homem já adulto.

A narrativa de caráter prospectivo seria então uma forma na qual o narrador “capta os eventos passados e extrai deles o necessário para as situações do agora” (SILVA, 2011, p. 43). Sérgio, ao configurar seu ponto de vista de maneira prospectiva, não abandona a ideia fixa do olhar que tem sobre si mesmo e, com isso, embarca no intento dramático de convencimento do leitor para alcançar a legitimação de sua concepção.

Potencialmente, os intuitos de Sérgio mostram-se como uma forma de reconstrução de seu passado de um modo que o acometa de maneira menos comprometedora, uma vez que tangencia a responsabilidade dos episódios aos quais tomara parte para outras personagens. Podemos relacionar esses fenômenos do passado de Sérgio a partir do contexto institucional da narrativa. Por essa razão, discutiremos como a representação do Ateneu pode ser encarada como fator propiciador dos problemas narrativos do romance.

James Wood (2017, p. 6) fala de como a escrita da vida é uma atividade redutora do viver em si, contar uma vida é limitá-la. Partindo desse pressuposto, podemos inferir que a vida de Sérgio no período do internato é mostrada em miniatura, sem contemplar a totalidade de perspectivas e significados de suas vivências individuais e coletivas. O autor pontua que o romance é um exercício no qual podemos observar essa limitação dos episódios da vida através

de seres ficcionais. No entanto, o teórico salienta a posição de vantagem do leitor em relação ao narrador, uma vez que:

O romance frequentemente nos fornece essa percepção formal da configuração da vida de alguém: podemos ver o começo e o fim de muitas vidas ficcionais; seus desenvolvimentos e equívocos; estagnações e derivas. [...] Na ficção temos o grande privilégio de ver como as pessoas se inventam – como elas se constroem com ficções e fantasias e então optam por reprimir ou esquecer esse elemento que faz parte delas mesmas (WOOD, 2017, p. 40).

Ao lançarmos mão sobre os escritos da crítica da obra *David Copperfield*, é inevitável que se faça menção ao estrato autobiográfico do romance. Uma vez que o texto é expostamente uma autobiografia realizada pelo personagem de David, é necessário que tenhamos em mente a ação de duas perspectivas da voz narrativa, dispostas em dois períodos distintos na temporalidade do romance. Portanto, existe uma oscilação entre as figuras da criança e do adulto que revezam a condução da linha narrativa. É necessário que seja alcançado o equilíbrio entre a experiência já vivida pelo adulto e o desconhecimento e inocência da criança, resistindo à tentação da distorção e por meio da qual se pode borrar as fronteiras entre memória e fantasia.

“É inútil lembrar o passado, Trot, a menos que exerça alguma influência sobre o presente” (DICKENS, 2018, p. 447). É interessante pensar que todo o retrospecto autobiográfico de David denota uma atmosfera de acerto de contas com o próprio eu, trazendo momentos de felicidade, de trauma para reinscrevê-los em seu eu sob um novo significado. Ou seja, para que ajam sobre o presente, transformando-o. O intervalo de tempo que separa a infância de David do seu presente alcança décadas. Por essa razão, David é detentor do poder de reorganizar o arranjo de suas memórias, dos acontecimentos vividos, remodelando-os de acordo com sua percepção do que é mais palatável para o seu eu presente. Além disso, o narrador caracteriza suas memórias do tempo mais remoto de sua trajetória como sombrias e enevoadas em sua mente, o que traz consigo uma atmosfera de imprecisão e incerteza sobre o conhecimento que foi preservado sobre o que foi vivido.

Outro artifício empregado pelo narrador se organiza com base em uma série de memórias associativas. No trecho supracitado do romance, no qual David compara o dedo de Peggoty a um ralador, percebemos um elemento sinestésico sendo empregado por ele, quando mistura memória com sensações. Em contrapartida, no mesmo trecho, há uma confissão na qual ele afirma que não consegue realizar a distinção do que ali é, de fato, uma lembrança, do que não é, ou seja, de memórias criadas por ele mesmo.

Essa iniciativa de reorganização, remodelação e até mesmo criação de eventos no passado permite denotar que David, ao recuperar seu passado, busca reconstruir seu eu no

presente, levando em conta, a convicção de que seus leitores acreditam no que ele narra. No trecho subsequente percebemos mais uma vez a incerteza que paira sobre a voz narrativa de David:

Quando meus pensamentos retornam àquela lenta agonia de minha juventude, quanto das histórias que inventei para essas pessoas paira como uma névoa sobre fatos bem lembrados! Quando trilho o velho chão, não me surpreende ver diante de mim e sentir pena de um inocente menino romântico construindo seu mundo imaginativo com experiências tão estranhas e coisas tão sórdidas! (DICKENS, 2018, p. 227).

Quando o narrador se refere à “névoa” que paira sobre suas lembranças e sobre como ela se consolida pela presença de histórias inventadas por ele próprio, toda a narrativa se impregna da indistinção do que de fato fora vivido e do que fora inventado por David. É inevitável que o conhecimento futuro permaneça imóvel diante da recuperação do passado, mas o ideal de uma narrativa de memórias é que o narrador seja sábio em mediar a distância entre as temporalidades que faz uso. Colocaremos mais um exemplo dessa falta de compromisso de David em munir sua narrativa de confiabilidade, agora quando descreve o período de tempo no qual fora funcionário da fábrica na qual seu padrasto era sócio:

Assim comecei minha nova vida, com nome e com tudo novo em torno de mim. Agora que o estado de dúvidas estava superado, me senti, durante muitos dias, como alguém que está sonhando. Nunca pensei que tinha uma curiosa dupla de guardiões em minha tia e no sr. Dick. Nunca pensei em nada indistintamente. As duas coisas mais claras em minha cabeça eram que a antiga vida em Blunderstone se tornara remota – que parecia estar numa névoa a distância incomensurável; e que uma cortina havia baixado sobre a vida na Murdstone e Grinby. Ninguém nunca mais ergueu essa cortina desde então. Eu a ergui por um momento nesta narrativa, mas com mão relutante, e a deixei baixar com alegria. A lembrança daquela vida está tão envolta em dor pra mim, em tal sofrimento mental e desesperança, que nunca tive a coragem de examinar por quanto tempo eu estive condenado a levá-la. Se durou um ano, mais ou menos, eu não sei. Só sei que aconteceu e deixou de acontecer; e isso escrevi e nisso ficamos (DICKENS, 2018, p. 284).

O narrador expõe mais uma vez que suas memórias estão suscetíveis à ação de suas emoções. Percebemos que o temor de não superar sua situação subalterna e alcançar sua posição de prestígio social futura são fatores que sublinham o emparelhamento das lembranças do tempo narrado. Como podemos observar, revisitar o passado, sob a ótica narrativa de David, também significa resolver as reminiscências de suas dores e agonias. David não oculta na totalidade os dissabores de seus tempos de infelicidades, mas os sistematiza segundo um arranjo mais harmônico para seu eu presente e apenas deixa frestas que direcionam à verdadeira natureza ressentida de suas lembranças.

É cabível dizer que o que a narrativa passa a estabelecer um vínculo estreito com a figura do narrador, uma vez que passa a depender da sua visão criadora para ser realizada. A partir dessa percepção da não confiabilidade no que está posto pelo narrador, podemos investigar os

motivos que o incentivam a empreender essa ação manipulativa sobre os eventos do passado. O que moveria os narradores rumo a uma reelaboração das memórias, levando-as ao ponto da distorção ou até mesmo da criação de novas para substituí-las? David e Sérgio são narradores que tiveram trajetórias conturbadas em seus passados, tanto nos eixos familiares, quanto nos que vieram a fazer parte de sua vida após sair do ambiente familiar, como é o caso do internato. Tais instituições, família e escola, são fatores que viabilizam uma série de situações, potencialmente traumáticas, na formação da identidade de ambos os narradores. Em vistas disso, refletiremos sobre como o papel da família e da escola, nos moldes oitocentistas, contribuíram de forma negativa para o ressentimento do eu dos narradores, levando-os ao processo de borrar as linhas entre a imaginação e a memória.

## **2.2 Laços e nós: uma análise das relações familiares**

A célula da sociedade é a família. Nela se geram e se criam os sujeitos, as partes do grande mosaico que é a sociedade, cada uma trazendo à tona sua visão própria de interpretar o mundo. Ao retomarmos a concepção do ambiente familiar desde sua transformação, é perceptível o fluxo de mudanças que tem ocorrido aos atores da sociedade. Dito isso, consideramos que a família inglesa é muito similar à brasileira, pois a última vivia em função da imitação da primeira. Divergentes ou não, os retratos familiares tendem a representar uma infinidade de realidades individuais, abrigando sob si uma gama de ideais e valores primados pelo mundo ocidental desde o século XIX de nossa era. Por essa razão, queremos agora suscitar discussões a respeito das representações familiares presentes nos romances com os quais construímos a base de nossa pesquisa.

A estrutura familiar passa a ser delineada gradualmente como um grande divisor de águas entre a vida pública, palco para as relações de trabalho, e a vida privada, seio da domesticidade, onde são configuradas novas regras para proteger a alma das tentações mundanas. Charles Dickens é um grande cronista da vida doméstica vitoriana. O autor compreendia profundamente o valor metafórico de elevar uma casa para o patamar de lar. A ideia de refúgio do mundo exterior, porém, rapidamente se dissolve ao tomarmos a percepção do lar como um verdadeiro ensaio para a vida exterior, esboçando relações de contradições próprias da esfera pública, o que concorda com a proposta de Michelle Perrot (2009, p. 286), na qual a autora afirma que “a residência é moral e política”.

A família é um território fronteiro que une a individualidade ao coletivo. Por meio dela, uma série de valores e princípios são propagados, garantindo a perpetuação de uma ordem comum, que tem sua manutenção monitorada pelas forças do Estado.

O núcleo familiar surge atrelado ao funcionalismo de servir aos interesses externos estruturados no seio da sociedade. A família burguesa, nos seus ideais puritanos e sexistas, pretende, então, homogeneizar a rede de relações sociais legitimada pelos padrões do período oitocentista. Ao tomarmos os romances de Charles Dickens e Raul Pompéia, percebemos como estão dispostos os papéis a serem desempenhados no seio familiar. Sérgio e David são exemplos de indivíduos que não se veem parte de um conjunto de estereótipos sociais, principalmente os que se relacionam aos padrões de masculinidade. Isso se relaciona com o modo que a família passa pelo processo de consolidação do modelo patriarcal, no qual passa a existir o modelo hierárquico dos papéis familiares, centrados na figura masculina do pai, que é detentor de todo o poder.

É interessante pensar que os romances os quais tomamos como base ilustram os modelos familiares de diversas formas. Em *David Copperfield* nos deparamos com vários modelos familiares não hegemônicos o que, em contrapartida, é pouco visto em *O Ateneu*. No texto de Dickens temos contato com o lar em luto, tomado pela morte do pai, o que pode ser lido de diversas maneiras, mas inevitavelmente como um rompimento do equilíbrio familiar, principalmente em função de sua posição central no âmbito doméstico, ou seja, a figura do protetor e também provedor. Em Pompéia, temos acesso à figura estereotípica do pai, caricaturizada em Aristarco, como detentor do poder, o que configura um paradoxo possível por meio das representações dos papéis sociais ilustrados nos romances.

Aristarco reverbera em todos os sentidos o que é descrito por Michelle Perrot (2009, p. 115) como o poder paternal. Essa manifestação da autoridade masculina no ambiente doméstico é “a forma suprema do poder masculino, exercido sobre todos e ainda mais sobre os fracos, dominados e protegidos”. O diretor reúne em si uma gama das características que podem ser apreendidas no modelo patriarcal de organização social. O pai é o responsável pela formação moral de seu sucessor, o que está presente em muitos dos discursos dirigidos ao corpo de alunos do Ateneu. Existe também a questão de o pai ser o elo que une a vida pública à vida privada, o que também pode ser encontrado no dirigente do internato. O discurso de Venâncio no romance pode comprovar a aura que envolvia a imagem do diretor:

O mestre é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentando no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu

auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o Estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco – Deus! Deus tão somente; abaixo de Deus – Aristarco (POMPÉIA, 2015, p. 32).

Dessa maneira, a personagem dirigente envolve-se em uma atmosfera de liderança que detém o poder máximo existente dentro do ambiente institucional, ocupando o lugar que paralelamente, no ambiente doméstico, é desempenhado pelo pai. *O Ateneu* ensaia a rede de relações da esfera pública, ou seja, projeta nos meninos uma série de estereótipos da conduta masculina do período, tomando seu modelo base na figura exímia do líder da instituição.

Percebemos também que a vida pregressa de Sérgio, por exemplo, apresenta uma série de fases já determinadas na trajetória das famílias oitocentistas, que é o abandono precoce do lar pelo filho, principalmente aqueles oriundos da elite. O narrador é levado ao colégio pelo seu pai e esse ato pode trazer múltiplos significados, o principal sendo o de que o destino de Sérgio é seguir as direções de seu pai para que possa desfrutar do seu local sucessório. O papel da criança é tornar-se homem, à imagem e semelhança de seu progenitor. Isso também expressa um encurtamento do sentimento de infância e, conseqüentemente, encerramento da inocência pueril.

No que tange a David, percebemos isso de outra forma, uma vez que os modelos familiares apresentam diferentes arranjos. David é órfão de pai desde o nascimento e essa posição permanece lacunar até o aparecimento da figura do padrasto Mr. Murdstone, este sim, apresentando a autoridade paterna em seus modelos dominantes. David, até o advento do casamento de sua mãe, usufruiu de todas as formas de um lar inundado de afeto. Desde o seu nascimento, sua educação e formação foram tidas com muito cuidado pela figura da mãe e da criada Peggoty, únicos membros dessa disposição familiar. O sentimento de infância inundava o ambiente familiar e o eu criança do narrador ocupava a posição de maior destaque ali.

Porém, o lar feliz viria a ser profanado pela figura do Mr. Murdstone e, a partir disso, a trajetória de David assumiria novos rumos. A violência física e psicológica adentra a residência. Os castigos físicos infligidos a David pelo padrasto são a principal marca do ambiente traumático que antes fora o palco de seu reino sagrado da infância. A atmosfera violenta pode ser percebida em um dos eventos nos quais David é violentado fisicamente pelo padrasto:

Ele me levou para o sótão devagar, com gravidade, tenho certeza de que tinha prazer naquele cotejo formal de execução da justiça, e, quando chegamos lá, de repente torceu minha cabeça debaixo do braço.

– Sr. Murdstone! – exclamei para ele. – Não! Imploro que não me bata! Eu tentei aprender, mas não consigo aprender quando o senhor e a srta. Murdstone estão perto. Não consigo mesmo.

– Não mesmo, David? – ele perguntou.. – Vamos ver isso aqui.

Ele apertou minha cabeça num torno, mas eu girei em volta dele de alguma forma e o detive por um momento, pedindo que não me batesse. Foi apenas por um momento que o detive, porque ele me dominou pesadamente um instante depois e no mesmo instante peguei entre os dentes a mão com que ele tapava minha boca e mordi; sinto meus dentes só de pensar nisso.

Ele então me bateu como se quisesse me espancar até a morte. Por cima de todo barulho que fazíamos, ouvi quando subiam a escada, gritando, ouvi minha mãe gritando, e Peggoty. Então ele saiu e trancou a porta por fora, eu caído, febril, acalorado, e machucado, dolorido, raivoso em minha fragilidade, no chão (DICKENS, 2018, p. 87).

Percebemos a desfiguração do lar da família, ambiente tão festejado por Dickens. Mr. Murdstone figuraria para sempre nos pesadelos do pequeno David, até mesmo quando liberto das correntes de sua autoridade perniciososa. A escrita de Dickens está imbricada de um fenômeno recorrente que fora observado por Raymond Williams (2011) no qual o autor assinala o valor onomástico das personagens dickensianas:

Prática dickensiana de dar aos personagens nomes que evoquem sua dimensão moral: Gradgrind, McChoakumchild, Merdle. Mas está ligada também, de uma maneira menos óbvia, a um tipo de observação que, mais uma vez, tem a ver com a cidade: a percepção, pode-se dizer, de que os habitantes mais visíveis das cidades são os prédios e que há ao mesmo tempo uma conexão e uma confusão entre as formas e aparências dos prédios e as formas e aparências das pessoas que nelas vivem (WILLIAMS, 2011, p. 265).

Kleber Garcia Campos (2001) destrincha a natureza do nome do padrasto sublinhando as palavras *murderer* (assassino) e *stone* (pedra) de sua base. A “pedra assassina” seria um reflexo do caráter moral do padrasto de David. A estrutura da família idealizada como abrigo do mundo exterior passa a ser desintegrada gradualmente nas páginas de denúncia do romance, culminando com a expulsão do menino de seu lar. Percebe-se, com isso, um movimento contrário ao que vinha sendo anunciado pelo avançar do século XIX. Ainda na Idade Média, era natural essa subjugação da figura da criança, tratada apenas como adulto em miniatura até a aurora do século XIX, quando passa a assumir destaque na estrutura familiar, o que se relaciona com uma série de fatores, consideravelmente novos no âmbito social.

As crianças ainda viviam fortemente ligadas à herança deixada pelos séculos passados. Negligenciadas pelas famílias e pelo Estado, muitas delas perdiam-se em meio às ruas escuras e tentavam proteger sua sobrevivência em meio aos perigos e dificuldades da cidade. Resquícios dos séculos anteriores ainda faziam com que as crianças fossem tomadas como adultos e a preocupação em dar-lhes carinho e cuidado ainda se encontrava em seus estágios iniciais dentro das classes abastadas.

Nas camadas mais baixas do corpo social, o estado que as crianças viviam era de luta contra um mundo que não as enxergava e essa transição é possível de ser observada através da obra de Dickens. A maior parte das famílias da classe trabalhadora tinha uma visão particular das crianças como responsáveis por contribuir com a economia familiar. Por essa razão, muitas crianças iam com seus pais integrar o proletariado das grandes fábricas que emergiam no centro de Londres.

As idades da vida não costumavam ocupar um espaço de importância na existência dos indivíduos e durante muito tempo a divisão entre a infância, a juventude e a fase adulta passou despercebida na consciência coletiva das sociedades dos séculos anteriores. A perspectiva da passagem da vida começou a ser construída somente no século XVII e, mesmo assim, a infância não era tida como um período formado por especificidades próprias. As crianças eram vistas apenas como um ser humano mais limitado fisicamente, em função do seu pequeno porte em comparação a uma pessoa adulta. No mais, eram tidos como miniaturas dos mais velhos.

Conforme Philippe Ariès (2017, p. 18), a representação da criança como parte de uma iconografia só viria a se desenvolver de fato a partir do século XII, carregada de estereótipos, na sua maioria sacros. As primeiras figuras infantis estavam relacionadas à representação do anjo, que aparentava uma idade um pouco mais avançada do que a criança pequena, já alcançando a adolescência. Em seguida, surge na criação artística do período, especificamente a partir do século XVI, a imagem do menino Jesus, trazendo uma ideia de infância sagrada. O que seria advento para as representações da Virgem Maria e também dos amigos de Jesus, São João e São Tiago. Porém, mesmo com o avanço desse ideal de representações, a primeira idade da vida continuava um momento ignorado da existência humana.

Na vida adulta, a meninez era tida como um momento pequeno demais da vida de um homem. E nos casos em que a criança morria, era tida como um ser que foi cedo demais desse mundo e que por isso não merecia ser lembrado. Nas palavras do autor: “a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido, fixar na lembrança”. Já em relação às crianças que não vingavam, o autor declara: “[...] não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança” (ARIÈS, 2017, p. 21).

O sentimento de infância passou por uma série de estágios até os séculos XVIII e XIX, quando começam a ser esboçados os traços com que hoje observamos o período da infância. É interessante observar a relação desse processo com uma força motriz originária da construção de uma nova moral religiosa iniciada a partir do século XVIII. Antes desse período, os códigos do pudor e da inocência eram demasiadamente frouxos e muito pouco se restringia a respeito da sexualidade e dos corpos, e isso abrangia o pequeno universo infantil. Ao serem tomados

como adultos, principalmente nas classes mais populares, as crianças eram inseridas em discursos e práticas altamente sexuais, coisa que nos tempos de agora chocaria demasiadamente o corpo social.

Conforme lemos em Philippe Ariès (2017, p. 77), “o respeito devido às crianças era então (no século XVI) algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; elas viam e ouviam tudo”. Descrevendo assim um momento anterior ao que viria a seguir (no século XVIII) com o advento de uma grande reforma moral, de fundo religioso, que trouxe disciplina aos costumes e práticas da sociedade burguesa.

Esse disciplinamento foi motivado principalmente a partir do modelo conjugal gerado pelo casamento da Rainha Vitória com o príncipe Albert. Juntos, eles ilustravam o modelo moral pelo qual a ação religiosa realizava uma renovação da cultura e dos costumes. Por essa razão, as crianças foram sendo retiradas gradualmente do convívio dos adultos e sendo, ao mesmo tempo, inseridas em um novo cenário através do qual suas famílias tornavam-se responsáveis por lhes garantir a sobrevivência, zelo e, mais tarde, a educação necessária para ascender na sociedade inglesa. Ariès (2017) salienta que:

Tratava-se de um sentimento novo: os pais se interessavam pelos estudos dos filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. [...] A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la, ou substituí-la, sem uma enorme dor, que ela não pode ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIES, 2017, p. xii).

Podemos observar assim que, com a valorização da criança, desenvolveu-se o que o autor veio chamar de “paparicação”, esse sentimento voltado ao mimar e cuidar da criança, entendidas nesse período como um bem que seria oferecido à sociedade. Junto com esse sentimento, ocorreu uma onda de diminuição das taxas de natalidade e mortalidade também, uma vez que as famílias voltaram seus esforços para gerar menos crianças e cuidar com mais atenção delas, evitando a sua morte e diminuindo o número de crianças que não conseguiam avançar para além do período da infância. David seria, então, parte numa ilustração polarizada dos modelos de infância vividos no período oitocentista, no qual pode experimentar, mesmo que brevemente, um lar onde se dedicam atenção e cuidados à figura infantil, para depois ser subjugado pelo padrasto e transformado em uma das crianças que veem sua infância roubada.

Com a contínua transformação da visão que se tinha sobre a infância, surgiu a necessidade do cuidado para com a educação, corroborando concomitantemente o surgimento

da educação institucional. O colégio surge como instituição nova e toma para si a função de separar as crianças da sociedade dos adultos. Então, as primeiras escolas passam a resgatar esse ideal de formação moral e intelectual, o que pode ser descrito, segundo Ariès (2017), como um processo de adestramento à nova ordem social.

O ambiente escolar desde seus primórdios caracterizou-se como um lugar para o exercício de enquadramento e vigilância de jovens. Quando a escola se consolidou como instituição formadora, a força geradora que a motivou foi o objetivo de “proteger os estudantes das tentações da vida, [...] desejava-se proteger sua moralidade” (ARIÈS, 2017, p. 111). Sendo assim, percebemos que a escola sempre se considerou no dever de conduzir o caráter dos indivíduos frente à sociedade. Com o passar dos anos, a natureza desse direcionamento passou a assumir aspectos de controle e disciplina dos educandos, tendo em vista uma série de valores morais que começavam a se formar com o fim da Idade Média.

Fazendo um retrospecto, é interessante observar que nos primeiros exercícios do que hoje concebemos como práticas de ensino, não havia demasiada preocupação com a unidade de faixas etárias em ambientes escolares. Crianças, jovens e adultos partilhavam do mesmo espaço de maneira a serem totalmente indiferentes com a variação de idade entre eles. Isso concorre com o cogito de Michel Foucault (1988) citado anteriormente. O filósofo francês fala a respeito do modo como crianças partilhavam facilmente os espaços com os adultos sem que isso despertasse incômodos, escândalos ou estranhamentos. E muito disso se refletiu na transição dos costumes que se deu entre os séculos XIV e XVIII. Como ainda observa Philippe Ariès (2017, p. 109), as crianças, durante muito tempo, ao adentrarem o contexto escolar, passavam a ser consideradas como adultos.

No Brasil, a educação seguia os mesmos passos que o modelo inglês e os primeiros esboços de um sistema educacional surgiam por meio dos internatos. A educação da prole passou a ser vista como investimento para o futuro dos filhos da elite. O filho é a garantia de continuação da família, ele é o herdeiro e, portanto, deve ser preparado para tal tarefa, atribuindo uma natureza dupla aos investimentos familiares, pautados no dispêndio de afeto, mas também de recursos financeiros. Era designada a essas instituições a formação moral e intelectual dos aprendizes.

Mary Del Priore (2013) assinala que os custos educacionais para os filhos dos grandes autócratas da sociedade imperial poderiam alcançar a marca de 150 mil réis trimestrais. Lá, o educando teria acesso à uma formação sólida, complementada pelo ensino das artes, por meio das aulas de piano, canto e desenho, além da possibilidade de ser o ambiente possível para o domínio de uma nova língua, como o inglês ou o francês. A autora destaca que os membros da

elite se tornaram “advogados destacados, médicos distinguidos, engenheiros desbravadores do Império ou ainda políticos republicanos” (PRIORE, 2013, p. 157).

Percebemos, então, que duas instituições sociais assumem destaque na formação dos sujeitos desse período. De um lado, a família, trazendo todo um arcabouço de ensinamentos morais para serem aprendidos dentro do lar. De outro, a escola, ambiente institucional que toma para si a missão de preparar o educando para o mundo. No entanto, o que fica perceptível é a natureza hostil desses dois ambientes sobre a subjetividade. David e Sérgio experimentam situações que colocam à prova a sua resistência diante da avassaladora força da sociedade, abandonando os traços da inocência por meio da experiência, como há muito tempo descreveu o poeta William Blake. Walter Benjamin professoraria a seguinte frase para ilustrar esse momento da formação dos sujeitos: “a máscara do adulto chama-se experiência” (BENJAMIN, 2009, p. 21).

A multiplicação de instituições educacionais que tomavam por modelo de organização o internato reflete a carência que se tinha de ambientes voltados ao processo de formação e educação dos jovens, tanto no Brasil, quanto na Inglaterra. O modelo não era o ideal, mas como descreve o Dr. Cláudio em uma de suas palestras no Ateneu:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? O merecimento não tem cotação, cobrem as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, triunfam as audácias dos nulos? A reclusão exacerba as tendências ingênicas? Tanto melhor: é a escola da sociedade (POMPÉIA, 2015, p. 224).

Podemos observar aqui, a perpetuação de uma visão maniqueísta do ambiente escolar. No próximo capítulo, analisaremos esse valor do ambiente institucional dentro das narrativas de Dickens e Pompéia, cotejando os efeitos possíveis dessa imersão na formação da identidade dos estudantes ali presentes. Até aqui pudemos refletir sobre como a trajetória da infância pode ser redirecionada por meio da família e como a criança vai, aos poucos, sendo retirada do ideal de lar que comumente se constrói nos primeiros anos de sua existência. Em seguida a esse primeiro momento, surge uma nova instituição em sua vida: a escola. Com isso, detalharemos melhor a forma como interpretamos a natureza do ambiente institucional e como ele age na formação dos sujeitos.

### CAPÍTULO III

#### **SONGS OF EXPERIENCE: MORALIDADE E DISCIPLINA NA INSTITUIÇÃO TOTAL**

A escola age na vida dos educandos como parte do processo de formação e preparação para a vida posterior. Sendo assim, ao tomarmos o modelo do internato, comum no período ilustrado por nossos romances, percebemos como ali são dispostas relações que ensaiam a vida em sociedade. O surgimento do colégio está relacionado intimamente à necessidade de se isolar os aprendizes do mundo dos adultos, mas também de prepará-los para assumirem posições nele, no futuro.

No entanto, essa interpretação da escola como ambiente de preparação, muitas das vezes se revela contraditória. A escola acaba reproduzindo o que é a sociedade, não dando possibilidade para aqueles que não estão prontos vencerem essa competição. No internato, os educandos aprendem na prática como a sociedade funciona. O Ateneu é um exercício para o mundo dos homens, assim como Salem House. Ali, os internos se despem de toda a idealização infantil da inocência, afinal, “os fracos perdem-se” (POMPÉIA, 2015, p 54).

Essa natureza do internato corrobora a proposta de Erving Goffman (2010) sobre Instituições Totais. Os ambientes que, segundo o autor, abrigam um número considerável de indivíduos, num regime de estudo ou trabalho, isolado da sociedade, de forma reclusa e controlada podem ser considerados totais. O internato onde os meninos experimentam determinadas situações é regido pelo diretor que representa a voz de autoridade que perpetua uma cadeia de valores morais, com vistas a formar os internos dentro de moldes pré-estabelecidos. Sendo assim, podemos colocar a voz regente das instituições como propagadora dos dispositivos sociais externos ao ambiente de reclusão social.

Conforme podemos ler no excerto a seguir, uma das grandes preocupações de Aristarco, diretor do internato no qual Sérgio residia, era a conduta moral de seus aprendizes:

Um trabalho insano! Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sítios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos de compaixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois... Um labor ingrato, titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã... Ah! meus amigos, concluiu ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade! [...] A imoralidade! (POMPÉIA, 2015, pp. 47-48, grifos do autor).

Sérgio e David chegam às instituições munidos ainda das concepções que lhes foram possíveis dentro do “conchego placentário”<sup>11</sup> e gradualmente vão sendo despidos de suas percepções iniciais por meio do processo educacional em voga no Brasil e na Inglaterra do século XIX. Goffman (2010, p. 24) descreve esse período inicial como processo de mortificação do eu, que pode ser realizado de várias maneiras, a mais usual realizada por meio de castigos físicos, prática comum nos primeiros modelos educacionais.

Uma característica que podemos ver ilustrada no romance de Dickens a respeito das práticas educacionais da época era a medida punitiva que se realizava por meio de castigos físicos e psicológicos. David, ao chegar ao internato, é ordenado a usar uma placa com os dizeres “CUIDADO. ELE MORDE”<sup>12</sup>, punição encomendada pelo padraço após este receber uma mordida de David, que tentava se defender da surra que levava. Ruth Goodman (2015) afirma o seguinte a respeito dessas práticas coercitivas:

Quando não se recorria ao castigo corporal, uma gama de rituais de humilhação pública era frequentemente empregada. Chapéus de burro eram comuns, assim como a prática de fazer uma criança ficar de pé no canto da sala, ou sobre uma cadeira na frente de toda a escola, frequentemente com um quadro pendurado em torno de seu pescoço com sua suposta ofensa escrita a giz. Alguns professores empregaram táticas ainda mais cruéis (GOODMAN, 2015, p. 293).<sup>13</sup>

O sentimento que isso causa em David é traumático. O menino chega ao internato no período de férias e o medo de como será visto pelos alunos causa um terror psicológico enorme nele, ainda mais ao considerar a placa como motivo para sua humilhação diante dos outros estudantes. David narra a experiência da seguinte forma:

O que eu sofri por causa dessa placa ninguém imagina. Quer pudessem me ver ou não, sempre achava que alguém a estava lendo. Não era nenhum alívio me virar e não haver ninguém, pois para onde quer que voltasse as costas, aí imaginava haver sempre alguém. Aquele homem cruel com a perna de pau piorava meus sofrimentos. Ele era o encarregado; e se me via encostado a uma árvore, numa parede, ou na casa, rugia da porta de seu chalé com uma voz estupenda: “Olá, o senhor aí! Você, Copperfield! Mostre bem essa placa senão eu te entrego”. O parque era um pátio de cascalho nu, aberto para toda parte de trás da casa e dos escritórios; e eu sabia que os criados lia, que o açougueiro lia, que o padeiro lia; numa palavra, que todo mundo que vinha à frente ou à parte de trás da casa, de manhã quando me mandavam caminhar por lá, lia que era preciso tomar cuidado comigo, porque eu mordida. Me lembro que comecei a sentir horror de mim mesmo, como uma espécie de garoto selvagem que mordida de fato (DICKENS, 2018, p. 112).

<sup>11</sup> POMPÉIA, op. cit., p. 27.

<sup>12</sup> DICKENS, 2018, p. 111

<sup>13</sup> Tradução nossa do original: When corporal punishment was not resorted to, a range of humiliating public rituals was frequently employed. Dunce caps were common, as was the practice of making a child stand in the corner, or up a chair in front of the whole school, often with a board hanging around their neck with their supposed offence written in chalk upon it. Some teachers employed even crueller tactics.

Sendo assim, percebemos uma das faces do ambiente institucional materializada por meio da violência. Da forma como Michel Foucault menciona (2013, p. 21) que “o castigo, se assim se possa se exprimir, fira mais a alma do que o corpo”. Goffman (2010, p. 59), ao descrever as fases desse processo de adaptação, elenca um conjunto de características que estão presentes na trajetória do internado rumo a sua “carreira moral”.<sup>14</sup> O principal traço que podemos perceber quando tratamos das instituições totais propostas pelo teórico é sua condição de isolamento e independência ao todo da sociedade. Alguns aspectos que são recorrentes nesses ambientes são observados pelo autor. São eles:

- Afastamento da realidade: configura-se como um período de abstenção, geralmente nas fases iniciais da internação, em que o internado se retrai e evita a participação e interação nas atividades da instituição;
- Intransigência: é um estágio no qual se evidencia insubordinação por meio de desobediência frente às normas impostas pelo sistema da equipe dirigente;
- Colonização: caracteriza-se pela aceitação dos ideais propostos pela instituição pelo interno, o qual passa a crer que a vida institucional é a melhor das possibilidades que pode lhe ser oferecida;
- Conversão: O internado se prostra diante da equipe dirigente como um fervoroso acreditador de suas propostas. Aceita-se a disciplina e a norma de seu ambiente institucional como bases para a sua formação;
- “Se virar”: é uma espécie de mescla entre prostrar-se diante da instituição, contudo, mantendo em si uma combinação oportuna de comportamentos disciplinados e intransigência.

É importante salientar que nem sempre a ocorrência de todas essas fases é possível, a depender da adaptação do interno ao ambiente. David, por exemplo, não fica tempo suficiente no internato, o que faz com que sua estada não tenha sido longa o bastante para passar por todas as fases sinalizadas pelo teórico. No entanto, percebemos a ocorrência de alguns pontos na narrativa de Dickens. David, após o período inicial que passara sozinho no internato, alcança uma fase embrionária do processo de “se virar” junto com os outros alunos. Com a proteção de Steerforth, David começa a quebrar algumas regras, como contrabandear alimento para os quartos, onde os meninos realizam reuniões e tomam vinho juntos. Na Salem House encontramos também a prática de castigos físicos, como descreve David no seu primeiro dia de aula:

---

<sup>14</sup> GOFFMAN, 2010, p. 111.

A escola começou de verdade no dia seguinte. Produziu em mim uma profunda impressão, me lembro, quando o rumor de vozes na classe de repente silenciou como a morte quando o sr. Creakle entrou, depois do desjejum, e parou na porta olhando para todos nós, como um gigante do livro de histórias examinando seus prisioneiros. Tungay parado ao lado do sr. Creakle. Pensei que ele não teve ocasião de gritar ferozmente “Silêncio!” porque os meninos estavam todos mudos e imóveis. Via-se que o sr. Creakle estava falando, e em função disso ouvia-se Tungay.

— Agora, meninos, estamos no novo semestre. Cuidado com o que aprontam neste novo semestre. Aconselho que venham dispostos para as lições, porque virei disposto para o castigo. Não vou vacilar. Não vai adiantar se esfregarem que não vão conseguir tirar as marcas que vou lhes deixar. Agora, ao trabalho, todos!

Quando esse exórdio horrendo terminou e Tungay se afastou mancando, o sr. Creakle veio até onde eu sentava e me disse que, se eu era famoso por morder, ele era famoso por morder também. Então me mostrou sua bengala e perguntou o que eu achava daquilo como dente. Seria um dente afiado, hã? Era um dente duplo, hã? Tinha presas grandes, hã? Mordia, hã? Mordia? A cada pergunta, me batia com a bengala, me fazia tremer e assim fui admitido na Salem House (como disse Steerforth) e em lágrimas, claro. Não quero dizer que fossem marcas especiais de distinção que só eu recebia. Ao contrário, a grande maioria dos meninos (principalmente os menores) era brindada com semelhante exemplo de atenção quando o sr. Creakle passava pela classe. Metade do estabelecimento estava tremendo e chorando antes de começar o trabalho do dia, e quantos estavam tremendo e chorando antes de terminar o dia (DICKENS, 2018, p. 126).

Quanto a Sérgio, o Ateneu lhe proporciona uma série de episódios típicos do internato. Logo ao chegar na escola, na companhia de seu pai, Sérgio se retrai e se mantém afastado do corpo de alunos, receoso pelos anúncios de Rabelo sobre as violências ali praticadas entre os alunos. É o que podemos notar no trecho a seguir:

[...] achei-me aí como perdido, em meio dos rapazes. Os conhecidos da aula desapareciam no tumulto que as salas todas despejavam. Nem um só de quem me pudesse aproximar. Rente com a parede, para que me não dessem atenção, insinuei-me até o lugar donde o inspetor Silvino, um grande magro, de avultado nariz e suíças dilaceradas, olhar miúdo e vivo como chispas, em órbitas de antro, fiscalizava o recreio, graduando a folgança, à mercê de um temível canhenho. Sentava-se à entrada do portão do lavatório. Um pouco além da cadeira do Silvino, fiquei a salvo. Do seguro retiro avistava, no terreiro, fresco das largas sombras da hora, o movimento dos colegas. Num ponto e noutro formavam-se pequenos sarilhos, condensando irregularmente a dispersão dos alunos. Eram os pobres novatos que os veteranos sovavam à cacholeta, fraternalmente (POMPÉIA, 2015, p. 56).

Com isso em mente, é perceptível que os internatos agem sobre os meninos da forma que Goffman (2010) propõe. Após isso, nota-se sua intransigência nos momentos em que se desprende do cuidado ao seu desempenho nas avaliações escolares e também quando desafia Aristarco após sua luta com Bento Alves. Aos poucos, observamos a figura de Sérgio ora colonizado, ora convertido, nos momentos em que parece imergir no Ateneu, tomando consciência de sua condição dentro da realidade do internato para, por fim, encontrar maneiras de desviar-se das normas, cuidadosamente, sem comprometer sua integridade. A cumplicidade entre os internos é o maior traço desse último estágio da vida no internato, o que ocorre tanto

no corpo de alunos do Ateneu quando de Salem House, os quais observamos como umas instituições totais, que despojam seus membros das concepções advindas da sociedade externa. Como no pensamento de Philippe Ariès (2017), a criança, ao ingressar na escola, torna-se adulta. Dessa maneira, o internato consolida uma série de desprendimentos da vida exterior. Sérgio e David, ao chegarem ao colégio, se veem despídos de suas idades pueris, de suas condições sociais, da diferença de idade entre eles e seus colegas, colocando-se como parte do corpo disciplinado e unificado do internato.

Desencadeia-se, assim, a carreira moral dos internos. A formação dos sujeitos nesse ambiente, muitas das vezes hostil, tem como consequência uma série de marcas que se perpetuam para além do ambiente institucional. Vemos aqui a principal justificativa que leva os adultos David e Sérgio a manipularem suas memórias em seus retrospectos. Acreditamos que eles, imbuídos das dores que lhes foram causadas física e psicologicamente, valem-se da “crônica de saudades”, do exercício mnemônico, para reconstruir sua trajetória, dando-lhe um aspecto mais palatável para o seu eu presente, ignorando os motivos e sentimentos de seu eu passado.

O ambiente do internato deixa sequelas. Podemos perceber isso em ambos os narradores. O ambiente monossexual é uma característica que desencadeia uma série de transformações no modo como os alunos se relacionam entre si. É possível realizar leituras que dão margem para a emergência de sexualidades divergentes dentro do ambiente institucional e é possível, como acreditamos, observar isso nos romances dos quais estamos tratando.

Na sequência de nosso estudo, voltaremos nosso olhar a esse traço das relações desenvolvidas dentro do internato e como isso ecoa na formação de David e Sérgio. As interações realizadas dentro da instituição perpassam o espectro da homossexualidade, deturpação moral tão abominada pela equipe dirigente.

Apesar de os alunos se verem despídos de suas vidas pregressas, as relações exteriores se emulam na atmosfera institucional. Um ponto que não é excluído são as relações econômicas entre as classes, visto que os sujeitos ali inseridos são oriundos de diversas esferas sociais. Uma vez que existem classes divergentes, logo surgem os embates entre as classes dominantes e as inferiores. Em um episódio no qual se observam esses embates entre as posições sociais é a briga que envolve James Steerforth e o professor Mell, na Salem House. James é um aluno com privilégios dentro do colégio e representa autoridade diante dos outros alunos. Nesse trecho, ao ser repreendido pelo professor, ele o despreza e expõe a sua condição de pobreza, pelo fato de sua mãe vagar pelas ruas de Londres pedindo esmolas:

— Silêncio, sr. Steerforth! — disse o sr. Mell.

— Silêncio você — disse Steerforth, ficando vermelho.  
 — Com quem pensa que está falando?  
 — Sente — disse o sr. Mell.  
 — Sente você — disse Steerforth — e meta-se com a sua vida.  
 — Se você pensa, Steerforth — disse o sr. Mell —, que não sei do poder que pode exercer sobre qualquer mente aqui — inconscientemente, ele pôs a mão em minha cabeça — ou que não vi você, há poucos minutos, incitando seus colegas mais novos a todo tipo de ofensa contra mim, está muito enganado.  
 — Não me dou ao trabalho de pensar nada sobre você — disse Steerforth friamente —, então não estou fazendo nada errado.  
 — E quando faz uso de sua posição de favoritismo aqui — ralhou o sr. Mell, com o lábio inferior tremendo muito — para insultar um cavalheiro...  
 — Um quê? Onde está esse cavalheiro? — disse Steerforth.  
 Então, alguém gritou:  
 — Ao insultar alguém que não teve sorte na vida e que nunca ofendeu o senhor em nada, ao ignorar as muitas razões para não insultar uma pessoa que você tem idade e inteligência suficientes para entender — disse o sr. Mell, com o lábio tremendo cada vez mais —, o senhor pratica um ato baixo e mesquinho. Pode sentar ou ficar em pé como quiser. Copperfield, continue.  
 — Jovem Copperfield — disse Steerforth, avançando pela sala —, pare um pouquinho. Vou dizer uma coisa, sr. Mell, de uma vez por todas. Quando toma a liberdade de me chamar de baixo e mesquinho, ou qualquer outra coisa do gênero, o senhor é um mendigo sem-vergonha. O senhor é sempre um mendigo, sabe disso; mas quando faz isso, é um mendigo sem-vergonha (DICKENS, 2018, p. 135).

Aqui temos acesso a um ensaio de como as relações econômicas exteriores se projetam dentro do internato, arranjando hierarquicamente os sujeitos, de acordo com suas posições externas aquele ambiente. Perceba-se que a posição econômica de James ultrapassa as barreiras hierárquicas do colégio, dando a ele o poder de contrariar e intimidar até mesmo os professores. A leitura que se faz da condição do professor está ligada a imagem de sua mãe, mulher pobre que vive da caridade pública, o que serve de motivo para chamar o professor de mendigo. Em seguida ao confronto, o diretor, Mr. Creakle, aparece e toma a frente da situação, pedindo explicações a ambos. O que se segue é a materialização do favoritismo exposto pelo professor Mell, pois o diretor toma o partido de Steerforth e contraria o professor. Estamos diante de uma questão de honra, valor que entre homens é tido em alta conta. E nessa sociedade, o insulto de ser um mendigo pesa mais do que o de ser um homem vil. Por essa razão, o diretor condena o professor Mell:

— Vamos ver se ele nega — disse Steerforth.  
 — Negar que é um mendigo, Steerforth? — exclamou o sr. Creakle. — Ora, onde ele vai mendigar?  
 — Se ele não é um mendigo, sua parente mais próxima é, sim — disse Steerforth. — É a mesma coisa.  
 — Ora, o senhor ouviu o que disse este cavalheiro, sr. Mell. Tenha a bondade, por favor, de explicar isso diante da classe toda. — Ele tem razão, meu senhor, sem dúvida — respondeu o sr. Mell, em meio a um silêncio mortal — o que ele disse é verdade.  
 — Se assim é, temo — disse o sr. Creakle com as veias mais salientes que nunca — que o senhor esteve sempre em posição equivocada e tomou nossa escola, erroneamente, por uma escola de caridade. Sr. Mell, devemos nos separar, por favor. Quanto antes melhor.

— Nada melhor — respondeu o sr. Mell, levantando-se — que o presente momento (DICKENS, 2018, p. 139).

Da mesma forma ocorre em *O Ateneu*, uma vez que Aristarco seleciona os alunos de acordo com seu poder econômico, privilegiando os mais ricos e desprezando os que tinham pagamentos em atraso. Essa questão econômica também se traduz dentro do filtro moral da instituição, uma vez que os alunos que se envolvem em escândalos não são alvo de retaliações mais severas, pela possibilidade de ferir a fama da instituição e causar a diminuição do corpo discente. É o que ocorre quando se escancara uma relação amorosa entre dois alunos ao serem interceptadas cartas de amor que trocavam um com o outro, um deles usando de um pseudônimo feminino ao assinar as cartas. Conforme podemos ler a seguir:

“Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...” Com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim. “Ah! mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores!” Era uma carta do Cândido, assinada Cândida. “Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca-vergonha! É muito grave o que tenho a fazer. Amanhã é o dia da justiça! Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nesta miséria... tenho a lista dos comprometidos... e que negar espontâneo auxílio ao procedimento da justiça, será reputado cúmplice e como tal: punido!” (POMPEIA, 2015, p. 188).

Após esse episódio, Aristarco se empena em descobrir quem é a “cortesã” e quando descobre, a prometida punição é abrandada. Os alunos são expostos diante da escola, mas a situação não ultrapassa os muros para além do colégio, confirmando que mesmo que a moral fosse o norte para a educação dos rapazes membros da elite brasileira, a reputação da escola, assim como o montante de capital proveniente dos pagamentos não poderia ser posto em risco por conta de um escândalo que mancharia a fama do Ateneu.

Os privilégios dentro do colégio eram orientados segundo esse fator: o dinheiro. Esses arranjos classistas reverberam a ideia do darwinismo-social como fator de orientação da sociedade oitocentista, tanto na Inglaterra, quanto no Brasil. O resultado disso coloca à mostra como os valores econômicos ultrapassam o ensino da moral. Walter Benjamin (2009, p. 15) sinaliza como o ensino moral está intimamente conectado com a supressão da liberdade individual. Entretanto, ao analisarmos as relações de classe dispostas no microcosmo social que é o internato, percebemos como a moral é subjugada diante dos interesses individuais dos sujeitos membros da esfera dominante, o que faz com que a liberdade apontada por Benjamin não seja sacrificada.

Michel Foucault (2013, p. 164) afirma que “a disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objeto e como instrumentos de seu exercício”. São formas menores que vão gradualmente se inscrevendo nos dispositivos maiores. É este o objetivo maior da instituição total: estabelecer disciplina entre os seus internos. Para isso, o teórico elenca os dispositivos dos quais se faz uso para que se alcance o corpo disciplinado e unificado dentro do ambiente institucional. O autor sinaliza como o enclausuramento do corpo discente garante aos mestres o poder de transformar essa massa de alunos em um todo homogêneo. Para que esse processo seja efetivo, os dirigentes podem se valer da vigilância hierárquica, que elege, dentro do corpo discente, representantes modelo para que fiscalizem os demais alunos e sirvam de exemplo de comportamento. O filósofo francês comenta que:

Os “observadores” devem anotar quem sai do banco, quem conversa, quem não tem o terço ou o livro de orações, quem se comporta mal na missa, quem comete alguma imodéstia, conversa ou grita na rua; os “ad-monitores” estão encarregados de “tomar conta dos que falam ou fazem zunzum ao estudar as lições, dos que não escrevem ou brincam”; os “visitadores” vão se informar, nas famílias, sobre os alunos que estiveram ausentes ou cometeram faltas graves. Quanto aos “intendentes”, fiscalizam todos os outros oficiais. Só os “repetidores” têm um papel pedagógico: têm que fazer os alunos ler a dois, em voz baixa” (FOUCAULT, 2013, p. 169).

Dessa maneira, é construída uma teia de apoio ao sistema a partir de dentro do corpo de alunos. Nessa rede, os alunos se veem constantemente vítimas de retaliações em função da falta de obediência às regras. Em contrapartida, faz com que se limpem os espaços que estão à mostra, fazendo com que as práticas que são rejeitadas pelo poder disciplinador se reinscrevam na surdina, onde os olhares dos vigilantes não as alcancem. É o que percebemos entre os alunos do internato, quando alcançam o estágio da cumplicidade coletiva, o que faz com que busquem abrigos nos quais se encontram a salvo das possíveis sanções advindas de seus comportamentos considerados frutos de rebeldia e insubordinação.

É claro que a vigilância não é capaz de inibir todo delito da parte discente. Por essa razão, existem as sanções, uma galeria variada delas. Aqui surge a punição em resposta da realização da transgressão. A punição disciplinar do internato tem a ver com o fruto da inobservância, o que configura a inadequação da regra, os desvios. É o que pode ser observado nos romances dos quais tratamos.

Em primeira análise, Mr. Creakle e Aristarco são imagens opostas, mas que ao mesmo tempo são equivalentes, ambos responsáveis pelo caminho rumo a moral dos alunos. Ambos na posição de fiscais, detetives da ordem e da disciplina institucional. Estão os dois revestidos do poder que sua função de diretor lhes atribui e, em torno disso, gira toda a realização de sua autoridade. A eles é transferido o poder pátrio do ambiente familiar, em David o poder antes

pertencia ao padrasto, que o passa para a responsabilidade ao diretor da Salem House, e em Sérgio passa do pai do menino para Aristarco. Essa transferência de poder sinaliza uma perpetuação do ambiente familiar no âmbito da vida pública, concretizando a ideia de que a família e a escola são, antes de tudo, instituições a serviço da manutenção da ordem. Portanto, percebemos que a posição hierárquica ocupada pelos dirigentes dessas duas instituições os revestem de poder, que é expresso por essas funções que o sistema produz. Como produto desse sistema, a disciplina é colocada como meio e fim desses processos educacionais desses dois países no século XIX.

É observável que nesse período surgem dois grandes eixos sociais no topo do arranjo social. O primeiro formado pelos herdeiros da tradição feudal, donos de grande status e privilégios. Em seguida, temos a burguesia, formada a partir dos frutos que a produção industrial e o comércio tornaram possíveis ascender. No entanto, ambos não se encontram em mesmo nível, sendo o primeiro o dominante em relação ao segundo que, por sua vez, se sobrepõe às outras camadas inferiores formadas pelos indivíduos das classes populares. A escola desse período é um reflexo das relações sociais exteriores. Ela é capaz de emular a organização classista da sociedade oitocentista. Conforme descreve Benelli, no internato (2002):

Encontramos uma sociedade em miniatura. Os fenômenos sociais, em estado nascente, mais ou menos desenvolvidos, podem ali ser apreciados: a circulação da informação, o exercício da autoridade e seus efeitos disciplinares, as pressões, os mecanismos adaptativos dos indivíduos, a tensão entre interesse geral e satisfação de necessidades individuais; o conflito entre as necessidades do estabelecimento e a preservação dos particularismos individuais e da espontaneidade criadora, as normas, os códigos, as crenças, a linguagem comum, a hesitação entre a tolerância e o ostracismo em relação aos desviantes (sobretudo sexuais) e às “panelinhas” que enfraquecem a unidade coletiva, o antagonismo das personalidades dominantes, geralmente reforçados pelos grupos correspondentes, as relações de forças oscilando nos eixos maioria-minoria-unanimidade, os bodes expiatórios, os suspeitos, os heróis, os braços fortes, os subalternos, os delatores, perseguidos e algozes. Nesse microcosmo experimental, poderíamos estudar “in vitro” vários problemas de filosofia política, sociologia dos grupos, história e psicologia social (BENELLI, 2002, p. 28).

A partir disso, temos um roteiro de observação dos episódios de Sérgio e David dentro de seus respectivos colégios. Lá, eles se embrenham em uma teia de relações e jogos de poder que colocam em evidência essa disposição vertical da sociedade na qual estão inseridos e que se projeta dentro daquela instituição. Sérgio e David experimentam essa trajetória dentro do Ateneu e do colégio Salem House, com a ressalva de que David abandona a vida escolar quando começa a trabalhar e viver por conta própria, o que exclui alguns estágios da “carreira moral” descrita por Goffman (2010).

No entanto, é possível que resgatemos dessas narrativas várias manifestações desses fenômenos microssociais descritos pelo teórico. A relação entre o capital e o poder, por exemplo, pode ser ilustrada pela maneira como os alunos do Ateneu são organizados. Após os períodos iniciais, marcados pela adaptação dos internos junto ao sistema autoritário e repressor do colégio, surge na convivência dos alunos o sentimento de solidariedade para uns com os outros, o que faz com que haja proteção mútua entre eles em relação a equipe dirigente. Conhecer as “manhas” para avançar dentro do amadurecimento dentro desse cenário institucional coloca em evidência esse vínculo de cumplicidade entre os membros do corpo discente.

É perceptível que os alunos do Ateneu mantêm em segredo as transgressões contínuas que os colegas cometem, assim como na Salem House, quando se unem para contrabandear guloseimas escondidos para dentro dos dormitórios. É claro que nem toda cumplicidade entre os internos se dá de maneira espontânea. O estudo de Goffman salienta que existem também formas de cooptação, assim como de coerção, que tem por objetivo frear qualquer ação que prime por delatar os delitos praticados em surdina dentro da instituição.

As vivências do ambiente institucional deixam marcas profundas na formação da subjetividade. Tal acepção corrobora a ideia do estigma defendida por Goffman (2010), na qual o autor defende que a vida posterior à vivida dentro do internato não volta à normalidade, uma vez que o conjunto de ideais e valores, assim como as práticas de manutenção do sistema praticado pelas instituições, configuram agências de produção da subjetividade.

A dinâmica das relações que se estabelece entre os membros do corpo discente e aqueles que pertencem a equipe dirigente é capaz de perpetuar uma série de condutas para além do ambiente de formação, cravando cicatrizes profundas na vida futura dos que ali são formados. Ao observamos Sérgio e David sob essa perspectiva, percebemos o quão profundas são as marcas deixadas pelo internato em suas vidas. Ambos narram o período de maneira guiada por certo sentimento de ressentimento e até mágoa, tanto que anos depois, já adultos, ainda são impelidos a escrever sobre o que viveram no passado, David de uma forma mais global e Sérgio de maneira mais restrita ao período que esteve no Ateneu. Nas palavras do autor, o sentimento gerado ao entrar em contato com o mundo exterior pode ser descrito assim:

Um fator que tende a ser mais importante é a desculturação, a perda ou impossibilidade de adquirir os hábitos atualmente exigidos na sociedade mais ampla. Quando o indivíduo adquiriu um baixo status proativo ao tornar-se um internado, tem uma recepção fria no mundo mais amplo - e tende a sentir isso no momento, difícil até para aqueles que não tem um estigma em que precisa candidatar-se a um emprego ou a um lugar para viver. Além disso, a liberação tende a ocorrer exatamente quando o internado finalmente aprendeu a manejar "os fios" no mundo interno, e conseguiu

privilégios que descobriu, dolorosamente, que são muito. Importantes. Em resumo, pode descobrir que a liberação significa passar do topo de um pequeno mundo para o ponto mais baixo de um mundo grande (GOFFMAN, 2010, p. 69).

Ao frisarmos os traços que os narradores apresentam de inadaptação, damos mais profundidade ao modo como as sequelas deixadas pelos episódios traumáticos do internato agiu sobre ambos. É o que podemos notar com mais clareza em Sérgio, que desde o início da sua jornada teve a percepção de que o mundo escolar estava dividido entre aqueles que eram mais fortes e os que a eles eram inferiores. Aqui, podemos elencar a ideia de fraqueza aliada a de que a escola comportava dois sexos, “como se fosse uma escola mista”<sup>15</sup>, o que reverbera a visão de que ali se formariam os grandes homens do Império. A ideia de que os alunos mais fracos eram impelidos a sua condição inferior, assumindo o “sexo da fraqueza”, remonta ao ideal de masculinidade hegemônico dentro daquele ambiente e daquela época. Nas palavras do narrador de Raul Pompeia:

Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores (POMPEIA, 2015, p. 54).

Sendo assim, percebemos como as relações dentro e fora desse ambiente se pautam de acordo com a capacidade de agir sobre o outro, impondo suas vontades às dele. E percebemos tanto em Sérgio quanto em David essa falta de autoridade. Ao pensarmos em David, temos acesso a uma série de situações que deixam em evidência a sua posição de receptor da autoridade do que emissor. Um exemplo disso é quando o personagem de Dickens viaja até Londres e tem reservado para ele o melhor lugar na diligência, mas não consegue impor sua autoridade, decorrente de sua classe, e acaba cedendo o lugar para um homem que o impele a sair e ficar no fundo até o fim da viagem. Leiamos a seguir o episódio:

— Não é o tipo de homem pra sentar na parte de trás da diligência, né? — William falou em meu ouvido, manejando as rédeas. Entendi a frase como indicação de um desejo de tomar o meu lugar, então ruborizado ofereci a troca.

— Bom, se o senhor não liga — disse William —, acho que era mais certo, sim. Sempre considere esse o meu primeiro tombo na vida. Ao reservar meu bilhete na diligência, eu havia escrito no verso do papel “Banco dianteiro”, e dera meia-coroa ao bilheteiro. Vesti um sobretudo especial e cachecol, especialmente para estar de acordo com essa distinção; tinha me orgulhado muito disso e sentido que era uma honra para o cocheiro. E ali, na primeiríssima etapa, era suplantado por um homem malvestido e vesgo, que não tinha outro mérito além do cheiro de estábulo e de ser capaz de passar por cima de mim mais como uma mosca do que como ser humano, com os cavalos a

<sup>15</sup> POMPEIA, 2015, p. 54.

meio galope! Uma insegurança pessoal que sempre me afetou na vida em pequenas ocasiões, quando seria melhor que não aparecesse, com certeza não diminuiu de intensidade com esse pequeno incidente na diligência saindo de Canterbury. Em vão me refugiei na voz áspera. Falei do fundo do peito o resto da viagem, mas me sentia absolutamente derrotado e horrivelmente jovem (DICKENS, 2018, p. 370).

Essas e outras passagens dos romances nos fazem perceber como a sociedade de outrora se orientava de acordo com uma organização vertical, colocando sujeitos hierarquicamente em posição de dominação e submissão em relação aos demais membros da esfera que integravam. David conjuga em si uma série de privilégios em relação aos demais membros da sociedade inglesa daquele tempo. No entanto, percebemos que mesmo que tenha a condição favorecida em função da classe e da raça, ele peca ao não conseguir atender ao padrão de masculinidade esperado para os membros da sua esfera, chegando a ser inferiorizado até por quem não tem as mesmas condições privilegiadas que ele, como foi o caso do criador de cavalos ao qual ele teve de ceder seu lugar na diligência.

Voltando ao ambiente institucional, percebemos como essa teia de relações vai sendo construída a partir do que os internos carregam do mundo exterior. Como já foi dito, todos os alunos carregam consigo a herança do seu ambiente familiar e, agregado a isso, encontramos o conjunto de regalias que são possíveis de serem transferidas para o âmbito escolar de acordo com a posição que era ocupada pelos alunos antes da integração ao internato. Todavia, isso não se coloca como garantia absoluta de protagonismo dentro da atmosfera totalitária da escola, pois se observarmos Sérgio, que comporta privilégios de raça e classe, mas da mesma forma que David, não apresenta a conduta masculina dominante, acaba tendo que recorrer a outros alunos para encontrar proteção. Percebemos, então, que a hierarquia é pautada na conjugação de valores de cunho econômico, de raça e também de gênero.

Aristarco e Mr. Creackle se embrenham na missão de prezar pela formação moral daqueles que se encontram sob sua autoridade, ação que se materializa na vigilância exagerada dos alunos, o que coloca ainda mais evidência que, para além de priorizar o avanço acadêmico dos alunos, o suprasumo da instituição é combater a emergência de qualquer prática que manche no nome da escola com o espectro da imoralidade. No entanto, conforme sinalizado para Rabelo, as relações “perversas” estão ali. O conselho final de Rebelo em relação a não aceitar a proteção de alunos mais velhos revela a natureza e o comum processo de que essas relações adquirem contornos homoeróticos. No que tange a David, do outro lado do oceano, as cores da amizade entre ele James Steerforth são mais brandas, no entanto, a forma com a qual o narrador conduz seu relato de memórias consegue deixar visível uma possível natureza homoerótica na relação ente os dois, uma vez que James segue desde o início como protetor de

David, posição que é recuperada anos depois quando se reencontram na fase adulta. Portanto, é salutar que voltemos nosso olhar a como esses laços se constroem e se desenrolam em função e através do ambiente institucional.

Dessa forma, fica evidente que essas práticas que fogem a moral, escapam aos olhares mais diligentes dos vigilantes, escorrendo para os cantos escuros e dormitórios vazios. Aqui nos deparamos com um ponto de intersecção entre gênero, classe e raça dentro dessas sociedades. Conforme já analisamos até aqui, o Ateneu, assim como Salem House, são exemplares representantes dos primeiros moldes de um sistema educacional ensaiado no período oitocentista. A natureza disciplinar e autoritária dessas instituições caminha de mãos dadas com o Estado em função de preservação e perpetuação dos valores morais que fora dali são tidos como máxima social. Nesse processo, nos deparamos com o grande apelo em função da moralidade e da higienização social no que diz respeito a corpos desviantes.

Por essa razão, a natureza dessa instituição concorda com Gondra (2004), quando afirma que:

O internato é representado como modelo escolar ideal para efetivação do projeto de moralização gestado e legitimado pela ordem médica. Representado como fortaleza, o colégio atuaria como uma verdadeira barreira contra os vícios, desde que se evitasse o contato dos alunos com o mundo exterior às fronteiras do internato, controlando as saídas, comunicações, leituras (GONDRA, 2004, p. 453).

Essa orientação em relação ao papel do internato na condução rumo a vida adulta dos estudantes sinalizava também o cuidado com o fracasso moral e acadêmico dos internos. A falha do sistema educacional, por vezes, representava também a degeneração social, uma vez que o filho passaria a ser um fardo para a família e para a sociedade, por consequência. Diante disso, percebemos como pensamento do darwinismo-social penetra dentro desse ambiente e dessas sociedades, ao percebermos que as esferas física, intelectual e moral são unificadas em razão de formar grandes homens para a sociedade exterior, capazes de comandar os rumos do futuro, sem romper com os valores já arraigados nos ideais sociais daquele tempo.

Em síntese, esses valores são mantidos de acordo com a vigilância e a punição dos ofendedores da ordem. Mais uma vez, deparamo-nos com uma série de relações entre opressor e oprimido, que nasce no âmbito familiar, conforme observamos anteriormente, quando tratamos sobre os papéis sociais dentro da família e que se transfere para a vida pública. Nesse contexto, Aristarco está no topo, representando todo o espectro do ideal masculino da sociedade brasileira, assim como Mr. Creackle, ambos na função de coordenar a edificação dos sucessores e mantenedores da ordem social no futuro. Abaixo deles, temos os alunos, cada um desempenhando um protótipo da vida que irão seguir para além dos muros do internato.

A emulação da realidade exterior perpassa vários pontos dentro do internato, conforme já vimos, criando um emaranhado entre as relações que se estabelecem nos eixos da classe, da raça e do gênero, esse último sobre o qual nos debruçamos agora como ponto final de nossa discussão acerca das sociedades representadas nesses romances.

A seguir, analisaremos como a relação entre os meninos, tanto dentro da sociedade inglesa, quando na que encontramos no Brasil Imperial reflete uma série de paradigmas relacionados aos ideais de masculinidades hegemônicas circunscritas no âmago do mundo ocidental. Para tanto, observaremos os pontos em que se assemelham e se distanciam a dinâmica das relações dos meninos e como a característica do ambiente monossexual contribui para a ocorrência de práticas que desafiam a moral vitoriana, presente tanto na base da sociedade burguesa da Inglaterra quanto no ideal de sociedade europeia nos trópicos que era construído no Brasil.

Charles Dickens e Raul Pompéia são exemplos de autores que mesclam os tecidos da literatura e da história. A validade histórica presente em seus romances é de valor ímpar. Por essa razão, seus romances se colocam como prismas de observação das sociedades nas quais se inseriram. Não é sem motivo que as contribuições de Dickens para a reforma da educação na Inglaterra não são consideradas mínimas.

Da mesma forma, Pompéia é bem-sucedido ao escancarar a natureza violenta e opressora de um sistema educacional em construção em nosso país. Por essa razão, o valor histórico de seus romances fica desvelado, pela observação a partir da literatura. Seguimos agora para analisar como as relações expostas pelos autores são representações de fatos que assumem significados para além do âmbito literário.

### **3.1 David e Sérgio: imagens da masculinidade, intimidade e desejo**

Oliver Buckton (1997) possui um estudo voltado para a análise da obra *David Copperfield*, atentando para os traços do homoerotismo presentes no romance. Para o autor, pode ser feita uma ressignificação da relação de David com o amigo James Steerforth. A aproximação dos meninos acontece após David ser enviado ao internato Salem House, onde permanece até receber a notícia da morte de sua mãe, o que desencadeia outras mudanças em sua vida infantil.

Como podemos ler no trabalho de Campos (2001), Steerforth se posicionou como o protetor de David mediante as medidas coercitivas encomendadas pelo padrasto Mr. Murdstone e realizadas pelo Mr. Creackle, diretor da escola, e seus subordinados. O garoto ouviu o relato

de David a respeito das circunstâncias que o traziam ao internato e o tomou como discípulo. Steerforth era seis anos mais velho que David, que contava apenas oito anos.

Conforme o tempo passou, o laço entre eles se estreitou até ser rompido pela saída de David do internato. Contudo, o ritmo de episódios da narrativa segue para um reencontro dos amigos anos mais tarde. Surge na relação dos meninos, ainda no colégio, um caráter de submissão da parte de David, que passa a ser chamado de “Daisy”, por Steerforth, como uma forma de carinho. O apelido, que em tradução livre para o português remete à “Margarida”, coloca em evidência os traços femininos da aparência de David, sob o olhar do então amigo James.

Essa atitude protetora é encarada por Buckton (1997) como um indicativo do homoerotismo velado que se faz presente na narrativa. Desde muito cedo nos é dito que se esperava que a mãe de David desse à luz uma menina e o fantasma dessa informação percorre alguns momentos do romance. Um dos reflexos disso se dá na relação com Steerforth e, com isso, o menino passa a projetar em David a “memória” de sua irmã. O desejo e curiosidade que Steerforth despeja sobre a irmã inexistente de David pode ser interpretado, na verdade, como uma forma de figurar o desejo pelo próprio protagonista, de forma indireta. Podemos ver no trecho a seguir o momento em que é selado um pacto de irmandade entre os meninos, marcado desde o início pela potencial existência da irmã, como podemos ler:

- Boa noite, jovem Copperfield – disse Steerforth –, vou cuidar de você.
- Você é muito gentil – respondi, agradecido. – Fico muito grato.
- Você não teria uma irmã, teria? – Steerforth perguntou, bocejando.
- Não – respondi.
- Que pena – disse Steerforth. – Se tivesse irmã, acho que ela seria bonita, tímida, pequena, de olhos brilhantes. Gostaria de conhecer alguém assim. Boa noite, jovem Copperfield (DICKENS, 2018. p. 124).

A atribuição de um apelido culturalmente construído como metáfora para características femininas faz com que sejam ressaltados os traços físicos de David que o posicionam como um objeto de desejo que assume aspectos femininos. É possível depreender da perspectiva de David, uma confusão entre admiração e desejo em seu interesse pela proximidade de Steerforth.

Há um episódio na narrativa no qual David observa James durante o sono. Buckton (1997) levanta a discussão da importância do olhar de David sobre Steerforth, o que tal atitude carrega intrinsecamente revela uma admiração idealizada de uma figura masculina de um modo femininamente construído. O autor caracteriza o olhar de David com um ato erótico implícito. Nas suas palavras:

- O que pensou David ao olhar para Steerforth, onde se deitava a luz da lua, com o belo rosto voltado para cima? Contudo, o conteúdo específico dos pensamentos de David

é irrecuperável e, em última análise, não importante: o que importa é o próprio olhar, que evidencia uma feminizada relação de admiração por uma figura masculina idealizada (BUCKTON, 1997, p. 203).<sup>16</sup>

Buckton (1997) faz menção às propostas feitas por Judith Butler, nas quais se posiciona a intimidade entre meninos como um estágio de transição na formação das identidades heterossexuais que acabam por se construir. A autora ainda diz que a relação entre os garotos apresenta um apelo ao desejo pelo mesmo sexo que vem acompanhado da superação desse ponto transitório para a afirmação do processo de identificação com o objeto inicialmente desejado. Há o momento da recusa para, então, a internalização do objeto como um exemplo de alteridade.

No outro eixo de nosso estudo temos Sérgio, personagem construído por Pompéia. No Ateneu, posicionam-se no centro do palco as relações entre os meninos da escola. Sobre a obra paira um ar de denúncia que é materializado pelo tom empregado pelo autor para construir as sexualidades divergentes que eram praticadas pelos internos. A perversão dos alunos é mostrada desde o início.

Ao chegar ao colégio, Sérgio é recepcionado por Rabello, que o adverte dos perigos da escola, especialmente para os mais novos, que eram vistos como os mais fracos, diante dos alunos veteranos. Um dos envoltimentos de Sérgio se dá com Sanches, que se posicionou como protetor do menino após um incidente, possivelmente causado por ele próprio. Ora um dia nas horas livres gastas no tanque, local onde os alunos tinham alguns de seus momentos de lazer, Sanches salva Sérgio de um possível afogamento. A partir de então, os garotos se aproximam e o mais velho se coloca como tutor do mais jovem. No entanto, há interesses outros da parte de Sanches, que presava por ficar a sós com Sérgio, para que pudessem se aproximar intimamente, como vemos no trecho a seguir:

Contudo Sanches, como os mal-intencionados, fugia dos lugares concorridos. Gostava de vaguear comigo, à noite antes da ceia, cruzando cem vezes o pátio de pouca luz, cingindo-me nervosamente, estreitamente até levantar-me do chão. Eu aturava, imaginando em resignado silêncio o sexo artificial da fraqueza que definira Rabelo (POMPÉIA, 2004. p. 47).

Sérgio desenvolve outras relações, sendo a segunda realizada entre ele e Bento Alves. A terceira e última relação de proximidade de Sérgio é com Egbert. Há divergências entre a relação deles e a dos anteriores, Sérgio não o estima femininamente como fez com Bento Alves,

---

<sup>16</sup> No original: “What did think David think of Steerforth as he looked at him where he lay in the moonlight, his handsome face turned up? However, the specific content of David’s thoughts is unrecoverable and, ultimately unimportant: what matters is the gaze itself, which bespeaks a feminized, admiring relation to na idealized masculine figure”.

e não se encontra em posição de inferioridade, como era posto por Sanches. Ao invés disso, há uma perspectiva de igualdade e reciprocidade.

O envolvimento de Sanches é um exemplo de como o narrador organiza sua voz narrativa em função de convencer o leitor de sua inocência em relação ao que acontecia entre ele e o outro interno. Leiamos um trecho para ilustrar a dinâmica dessa relação:

Referi que Sanches me provocava uma repugnância de gosma. Depois do caso da natação, o reconhecimento predominou sobre a repulsa e eu admiti as assiduidades com que de então por diante me quis beneficiar o companheiro. Afinal, porém, tornou-me a aparecer o afastamento instintivo que me separava do rapaz. Descrente da fraternidade do colégio, cuja personificação representava-me o Barbalho, eu temia o alvoroço do recreio. Conservar-me na sala das lições era uma medida de prudência. Estes intervalos regulamentares de descanso aproveitava-os para me adiantar no curso. Pois bem, durante estes momentos de aplicação excepcional em que ficávamos a sós, eu e o grande, definiu-se o fundamento da antipatia pressentida. A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente as expressões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo. Eu deixava tudo, fingindo-me insensível, com um plano de rompimento em ideia, embargado, todavia, pela falta de coragem. Não havia mal naquelas maneiras amigas; achava-as, simplesmente, despropositadas e importunas, máxime não correspondendo a mais insignificante manifestação da minha parte (POMPÉIA, 2004, p. 73).

Percebemos o tom de indiferença com a qual o narrador tenta descrever a relação com Sanches, sempre enfatizando que de sua parte não havia qualquer intenção que não fosse a amizade. No entanto, o próprio caminho que Sérgio constrói na narrativa o faz cair em contradição. Passado algum tempo e após o aprofundamento dos laços com Sanches, Sérgio recebe uma proposta do tutor, a qual ele reage de forma negativa, o narrador teme a partida de Sanches, pois ele é o seu protetor das violências da escola, assim como seu tutor, que guia seus estudos e o ajuda a oferecer bons resultados. Após a briga, Sérgio escreve:

Durante os dias que se seguiram, Sanches esteve frio. Tive medo de perdê-lo. Deu-me as lições sem uma só das intragáveis ternuras. Exprimia-se brevemente, entre enfezado e triste. Suspeitei uma revolução de caráter e julguei ter achado o que me convinha: um amigo moderado, que me livrasse dos vexames da vida colegial dos pequenos (POMPÉIA, 2015, p. 76).

Daqui podemos depreender como o narrador acaba por construir contradições na sua forma de guiar a narrativa. Outro elemento é a forma como o narrador negocia a sua companhia, a intimidade com o outro, em troca de benefícios, a saber, a proteção contra os mais velhos, o auxílio nos estudos etc. Sérgio gradualmente vai se entrelaçando às teias do Ateneu e tomando parte nas relações que ali se desenvolvem, tais quais as que se estabelecem para além dos muros

da escola. Percebemos a maneira como o menino vai se despidendo das cores da infância e sendo tomado pela malícia e corrupção do mundo adulto, mesmo que em pequena escala.

Depois desse rompimento, Sérgio reflete sobre a sua existência na escola, sobre os conselhos dados por Rabelo. É interessante observar como o desenvolvimento dessa relação se dá livremente, sem que a vigilância os alcancem. Em uma série de passagens, Sérgio sinaliza como Sanches estava atento aos controles de disciplina do colégio. Um exemplo é a maneira como o tutor se encontra atento a possível presença dos instrutores na sala de estudos, sempre preparado para se distanciar do protegido caso ocorresse.

Ao ser proposta as intenções de Sanches e a subsequente recusa de Sérgio, é interessante observar como o narrador entrelaça as práticas desviantes do amigo com o seu futuro promissor na sociedade brasileira da época como grande engenheiro. Isso escancara como a sociedade enxergava de maneira irreconciliável a ideia de intimidade entre homens e vida pública bem-sucedida no corpo social. Sérgio, ao mesmo tempo que compreendia a sua caminhada rumo ao “sexo da fraqueza”, se resignava de ocupar tal posição sem, contudo, combatê-la, pois necessitava de proteção em meio ao ambiente hostil, assim como auxílio para avançar nos conteúdos escolares.

De protetor a algoz, Sanches passa a perseguir Sérgio, agindo ele mesmo na função de fazer o narrador passar pelos terrores do internato dos quais antes se via protegido em função da mão do amigo. Sanches passa a agredir e perseguir Sérgio constantemente, até que o menino encontra outro para lhe valer como protetor. Dessa vez, o arranjo do relacionamento assume formas apaixonadas. Bento Alves é o segundo companheiro de Sérgio. O encontro inicial se dá na biblioteca, onde o mais velho atua como bibliotecário, sendo o primeiro contato feito quando Bento dá um livro de presente a Sérgio e, a partir disso, desenvolvem certa intimidade gradualmente. A respeito do envolvimento, o narrador conta:

A amizade do Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos. A primeira vez que me deu um presente, gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge. Aquela timidez, em vez de alertar, enternecia-me, a mim que aliás devia estar prevenido contra escaldos de água fria. [...] Olhava-me e eu o sentia sem levantar a vista, compreendendo no mais fino refolho de ninada vaidade que aquela contemplação traduzia o horror do ridículo, proverbial em Bento Alves, manietando-lhe rijamente uma demonstração efusiva. Não fosse a crítica uma criatura do tempo, eu poderia achar cômica a situação dos personagens desta cena de platonismo. Não havendo a crítica para falsear a psicologia por desdobramento, limitava-me a ser sincero, como o pobre amigo (POMPEIA, 2015, p. 134).

Notamos desde o começo a mudança no tom de Sérgio ao se referir a Bento Alves, a maneira como o mais velho se coloca em função do mais novo, protegendo-o de longe na hora do recreio, ameaçando quem pensasse em agir contra o seu “irmão adotivo”.<sup>17</sup> O relacionamento se dá de maneira constantemente amigável. Bento Alves chega a visitar Sérgio em casa durante as férias do colégio, sempre nessa dinâmica de protetor e protegido. No entanto, o laço entre eles é constantemente estremecido pela atmosfera da escola: pela vigilância, pelas punições prometidas a quem deturpasse a moral daquele ambiente. Após a descoberta do caso envolvendo Cândido e Emílio, o relacionamento de Sérgio e Bento Alves fica abalado e culmina para o fim trágico e violento do envolvimento dos dois, conforme podemos ler a seguir:

Não sei que diabo de expressão notei-lhe no semblante, de ordinário tão bom. Desvairamento completo. Apenas me reconheceu, atirou-se como fizera Rômulo e igualmente brutal. Rolamos ao fundo escuro do vão da escada. Derribado, contundido, espancado, não descurei da defesa. Entrevi na meia obscuridade do recanto um grande sapato embolorado. Lutando na poeira, sob o joelho esmagador do assaltante, ataquei-lhe a cabeça, a cara, a boca, a formidáveis golpes de tacão, apurando a energia de sola ferrada com a onipotência dos extremos. Bento Alves deixou-me bruscamente. Tínhamos lutado em silêncio, sem que nada mais se ouvisse do que os encontrões pelo soalho. No corredor, entretanto, vimos Aristarco que chegava como em socorro (POMPÉIA, 2015, p. 190).

Com isso, fica para trás a cortesia do auxílio nas lições da escola, os ramalhetes de flores entregues em silêncio, assim como o “papalzinho de namorada”.<sup>18</sup> Percebemos como a conduta dos alunos é condicionada aos valores vigentes pela instituição, pois a simples ideia de descoberta e julgamento causa em Bento Alves a repulsa pela relação que mantém com Sérgio, ainda que haja um envolvimento sentimental de ambas as partes.

Após esse fim de relacionamento brusco com Bento Alves, Sérgio empreende em um novo vínculo dentro da escola, dessa vez com Egbert. Essa relação segue uma orientação diferente das outras vividas pelo narrador, uma vez que ele usa da palavra mutualidade para descrever a amizade que se estabelece entre os dois. Na visão e nas palavras de Sérgio, fica evidente sua parcialidade ao descrever de forma distinta a natureza dessa nova relação em paralelo as anteriores. Nas palavras dele:

Eu admirava-o, desde o coração, até a cor da pele e a correção das formas. A água azul fugia-lhe diante em marulho, ou subia-lhe aos ombros banhando de um lustre de marfim polido a brancura do corpo. Dizia as lições com calma, dificilmente às vezes, embaraçado por aspirações ansiosas de asfixia. Eu mais o prezava nos acessos doentios da angústia. Sonhava que ele tinha morrido, que deixara bruscamente o Ateneu; o sonho despertava-me em susto, e eu, com alívio, avistava-o tranquilo, na cama próxima, uma das mãos sob a face, compassando a respiração ciciante. No

---

<sup>17</sup> POMPEIA, 2015, p. 134.

<sup>18</sup> POMPÉIA, 2015, p. 189.

recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência. Eu lamentava que uma ocorrência terrível não viesse de qualquer modo ameaçar o amigo, para fazer valer a coragem do sacrifício, trocar-me por ele no perigo, perder-me por uma pessoa de quem nada absolutamente desejava. Vinham-me reminiscências dos exemplos históricos de amizade; a comparação pagava bem (POMPÉIA, 2015, p. 199).

Assim se constrói, ou melhor, é construída a teia de relações afetivas de Sérgio do Ateneu. Cada uma delas, na visão do narrador, apresentando uma natureza diferente das outras. Em relação a Sanches, Sérgio diz que sentia como se fosse um elo de escravidão e também de inexperiência; com Bento Alves, amizade verdadeira, mas que da parte dele havia apenas o sentimento de gratidão; com Egbert tudo muda, nosso narrador conhece verdadeiramente a amizade, colocando o fluxo de sentimentos em igual proporção de ambas as partes dessa relação. É interessante observar como a posição de Sérgio se transforma desde a sua entrada na escola até o momento em que se envolve com o terceiro amigo.

Passados dois anos, Sérgio já integra por completo o corpo do Ateneu, tomando parte no processo sinalizado por Goffman (2010) como se virar. Nesse ponto da narrativa, ele não é mais o menino novo e ingênuo que chegou às portas do Ateneu. Agora se mostra muito menos vulnerável e mais habituado as práticas e manhas que ali descobriu serem possíveis, apesar da vigilância e a promessa da punição.

Do outro lado do oceano, alguns pontos da trajetória de David podem ser vistos e analisados de maneiras análogas às experiências de Sérgio. A relação de James com David, iniciada no internato Salem House e continuada anos depois, após a saída do narrador do colégio, assume pontos que podemos perceber as mesmas cores das relações que Sérgio vivencia dentro do Ateneu. Ao prosseguirmos nas páginas do romance de Dickens, nos deparamos com o reencontro de David e James, anos mais tarde da estada de ambos no internato.

O que percebemos após esse episódio é que o laço entre eles se torna ainda mais estreito, fazendo com que ocorram na narrativa cenas de extrema intimidade masculina. Exemplo disso é o trecho em que estão ambos em Londres e David está em um restaurante quando James chega juntamente com seus colegas de Oxford. Nesse momento, David se coloca em segundo plano e não se junta ao grupo, o que pode ser questionado, pois esse aspecto da relação com James põe em evidência certa posição de submissão do narrador em relação ao amigo. A cena continua com David ficando extremamente bêbado e falha em manter a disciplina que vem mostrando na construção da narrativa e permite que uma mostra exagerada de afeto venha à superfície. A

situação causada pela exclusão se desenvolve de maneira que David faz o possível para chamar a atenção de James até que ocorre a cena a seguir:

Passava o vinho mais e mais depressa, continuamente usando o saca-rolhas para abrir mais vinho muito antes de ser necessário. Propus um brinde a Steerforth. Disse que era meu melhor amigo, protetor da minha infância e companheiro de minha juventude. Disse que estava muito feliz de brindar a ele. Disse que devia a ele mais obrigações do que jamais conseguiria pagar e que tinha por ele admiração maior do que jamais poderia expressar. “Um brinde a Steerforth! Deus te abençoe! Viva!” Brindamos três vezes, e mais uma, e uma última para encerrar. Quebrei meu cálice ao contornar a mesa para apertar a mão dele e disse (em poucas palavras): “Steerforth, você é a estrela guia de minha existência” (DICKENS, 2018, p. 463).

A cena ilustra como o sentimento de devoção de David em relação a James é de grande proporção. Em outros pontos do romance, o narrador descreve o quanto admira o amigo e o quanto estar perto dele é satisfatório. Outro ponto a ser colocado em relação a declaração de David é como que a posição ocupada por James é muito superior a de Agnes ou Dora, que são as figuras femininas com quem o narrador se relaciona. Mais adiante, o romance caminha para o momento de extrema intimidade masculina entre David e James, logo após a ocorrência de certo conflito com Agnes, conforme lemos a seguir:

Ela me havia feito melhorar tanto, naquele momento, que, embora estivesse zangado com ela, senti vergonha e com um breve “Bnoite!” (que pretendia ser “boa-noite!”) me levantei e saí. Eles vieram atrás de mim e passei diretamente da porta do camarote para o meu quarto, onde apenas Steerforth estava comigo, me ajudando a tirar a roupa e onde eu dizia a ele que Agnes era minha irmã e em seguida pedia que trouxesse o saca-rolhas para eu abrir mais uma garrafa de vinho (DICKENS, 2018, p. 467).

A partir desse ponto, é importante notar como David, no meio de sua embriaguez, consegue dar atenção a informação de que Agnes ocupa a posição de irmã em sua vida, o que faz ecoar na narrativa o diálogo inicial entre os amigos, ainda no internato, quando se questionou sobre a irmã de David. É possível atribuir a essa afirmação de David uma forma de reiterar sua disponibilidade, uma vez que falar que Agnes é sua irmã a exclui da posição de companheira amorosa, o que reflete ainda mais o tom homoerótico presente na relação de David e James.

A partir desse panorama das relações vividas por Sérgio e David, dentro e fora do internato, podemos depreender a natureza homoerótica presente dentro dos romances e como esses pontos se entrelaçam à maneira com a qual os dois narradores conduzem as páginas das narrativas. As motivações pelas quais os narradores orientam os textos coloca à mostra como os estereótipos de masculinidade hegemônica se constroem em ambas as sociedades.

A seguir desses episódios mostrados até aqui, percebemos que ambos os romances empreendem em cenas de rituais de purificação. A de Sérgio, após conhecer as seduções de D. Ângela, e a de David, após o amigo seduzir a pequena Emily, parte da querida família de pescadores tão importante na sua infância. É interessante observar a lacuna possível de interpretação desses aspectos narrativos; como o Ateneu se incendia após Sérgio se dar conta do que as relações que ali viveu representavam no mundo exterior, da mesma forma que o romance de Dickens caminha para a tempestade, momento no qual James é morto por um naufrágio. De certa maneira, é possível entender que os romances excluem os pontos que ultrapassaram os limites da ordem em vigor.

Conforme nos diz Campos (2001), o incêndio do Ateneu representou muito mais do que a destruição do espaço físico do internato onde Sérgio viveu inúmeros episódios traumáticos. A queima pode ser vista como a vontade do próprio autor do romance se materializando. Nas palavras do autor:

Não é sem motivo que Raul Pompéia usa o fogo para destruir seu bem construído Ateneu. Aquelas labaredas devoraram, de um só golpe, a prepotência de Aristarco e de sua equipe de auxiliares, e a violência perpetrada contra crianças indefesas. Reduziram a cinzas todas as “seduções perversas” de quem muitos inocentes jovens tinham sido vítimas dentro daquelas muralhas. O prédio, porém, foi apenas um símbolo de um sistema que o autor queria ver destruído. É o que o texto parece sugerir quando fala dos “fragmentos de pedagogia sapecada”. Quem sabe, daquelas mesmas cinzas haveria de renascer a educação, como se fosse uma nova Fênix, positivamente diversa da aberração que o fogo devorou (CAMPOS, 2001, p. 164).

Ao mesmo tempo, podemos atribuir o incêndio à vontade de Sérgio, que logo após se render às carícias de D. Ângela, encaminha a narrativa para o seu desfecho trágico, desvelando mais uma vez a sua possível intenção narrativa para com a sua “crônica de saudades”. Da mesma forma que ocorre no romance de Pompéia, David narra certa ruptura da amizade depois de determinado acontecimento.

James Steerforth representava a figura do homem ideal na sociedade inglesa, regado de inúmeros privilégios e ocupava o topo da hierarquia social. Do outro lado desse cenário, encontramos a família Peggotty, que representa a classe inferior. Desde o primeiro contato realizado entre as figuras de ambas as esferas, existiu cortesia e promessa de estreitamento de laços. É dessa maneira que James se aproxima da pequena Em'ly, o primeiro amor de David, vivido ainda na infância. A “sedução perversa” realizada pelo agora adulto James é, então, o motivo de distanciamento entre os amigos. Não obstante a isso, a narrativa caminha para uma punição maior, quase que divina.

Leiamos o trecho a seguir que narra a cena do naufrágio que encerrou a vida de James Steerforth:

Chego agora a um momento de minha vida tão indelével, tão horrível, tão pleno de uma infinita variedade de ligações com tudo o que o precedeu nestas páginas que, desde o começo de minha narrativa, vi que ia ficando maior e maior enquanto avançava, como uma grande torre numa planície, projetando sua sombra mesmo sobre os incidentes de meus tempos de criança. Anos depois do acontecido, eu sonhava muitas vezes com ele. Acordava tão vivamente impressionado que sua fúria ainda parecia estar presente no quarto silencioso, na calada da noite. Ainda sonho com ele às vezes, porém a intervalos longos e incertos, até hoje. Faço uma associação entre esse acontecimento e um vento tempestuoso, ou à mais leve menção de uma praia, tão forte como qualquer outra de que minha mente tenha consciência. Com a mesma clareza com que vi as coisas acontecerem, tentarei narrá-las. Não me lembro delas, mas as vejo presentes, pois acontecem de novo, na minha frente (DICKENS, 2018, p. 1002).

Dessa forma se encerra a amizade entre David e James. É interessante pensar na maneira trágica que acomete esse aspecto da vida dos narradores, assim como é revigorante verificar como podem se relacionar a desilusão vivida por ambos e como a narrativa passa a ser orientada por esse elemento. Ao que parece e pode ser confirmado pelas observações feitas até aqui sobre os romances, é que David e Sérgio brincam de deus em relação ao seu passado, revive-lo para reconstruí-lo, reorganizá-lo e, por fim, ressignificá-lo por meio do novo arranjo.

David e Sérgio estão conscientes de toda a sua trajetória e os dois escolhem levantar a cortina que cobre seu passado, não na intenção única de expor o ambiente dessacralizado da escola, mas, principalmente, perdoar a si mesmos pelas vivências tão violentas de uma sociedade machista, classista e branca. Os relatos de David e Sérgio permanecem válidos, ainda que com suas segundas intenções narrativas, mostrando-nos um sistema educacional embrionário e falho, assim como o homem.

Dickens e Pompéia relegam, assim, duas obras de valor ímpar e que nos permitiram uma nova leitura através dessa pesquisa. Em suas obras podemos encontrar lições das sociedades de outrora e, a partir delas, enxergarmos o reflexo do que somos hoje. Assim como a escola para Pompéia, a literatura se coloca aqui como o próprio “espelho da sociedade”.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> POMPÉIA, 2015, p. 224.

## CONCLUSÃO

*O Ateneu*, bem como o romance *David Copperfield*, configuram obras literárias de valor único para a literatura nacional dos países dos quais fazem parte. Acessá-las é empreender em um resgate histórico detalhado de como já fomos e onde já estivemos enquanto sociedades ocidentais e muito nos mostra como somos constantes reflexos um do outro.

Observamos que o Brasil Imperial emula, de diversas formas, a Inglaterra Vitoriana e Industrial: a organização vertical da sociedade, a pureza racial e a diferença entre os gêneros. Assim como lemos na obra de Pompéia, *O Ateneu*, realmente nos permite encontrar o mundo e toda a galeria de atores que tomam parte nesse espetáculo que é a sociedade. De forma análoga, David nos guia pelas ruas de Londres, a cidade industrial que foi o berço do modo de vida moderno que temos hoje. É com inúmeras razões estéticas e temáticas que as páginas desses romances se abrem para que possamos observar com novos olhos o nosso passado.

David e Sérgio nos transportam para dentro de seu passado e nos fazem caminhar os passos que deram na sua vida, ainda na infância. Sérgio nos guia até certo ponto, sem que nos apresente o adulto que veio a se formar, o que transborda pelas entrelinhas do romance. David reconstrói sua vida inteira nas páginas que escreve e nos transmite uma visão detalhada do que foi ser uma criança inglesa no século XIX.

A narrativa em primeira pessoa construída pelos narradores levanta questões sobre suas intenções e coloca em cheque sua credibilidade, uma vez que fica evidenciada a parcialidade e a maneira tendenciosa de narrar os acontecimentos mostrados no romance. Além disso, os narradores narram períodos altamente remotos de sua vida em detalhes, o que, por si só, já inviabiliza que confiemos cem por cento em seus relatos.

Para além disso, os romances se revelam como registros históricos grandiosos sobre os esboços das instituições da família e da escola, as duas colocadas como grandes expoentes na formação da identidade, transmitindo valores e consolidando ideais de uma sociedade conservadora e implacável. Nossos narradores empreendem uma luta contra o status quo da sociedade em que vivem, sendo muitas vezes violentados pelas regras e punições de seu sistema.

Por fim, entendemos que o exercício memorialístico de Sérgio e David busca retornar ao passado para reorganizá-lo e ressignificá-lo e, com isso, lidar melhor com os estigmas associados às suas vivências tão duras e violentas durante a infância, alcançando, dessa maneira, uma versão menos dolorosa de suas vidas. Dickens e Pompéia relegam, assim, dois grandes

volumes à posteridade, obras capazes de trazer constantemente novos significados ao nosso passado.

Nosso trabalho se construiu com vistas a aproximar esses romances em suas nuances e, com isso, colocar em evidência uma série de temáticas por muito ignoradas pela crítica literária. A homossexualidade como possibilidade de leitura desses romances traz à tona uma questão muito atual, no entanto, que já acompanha a sociedade desde os primórdios. David e Sérgio coloca-se aqui como sujeitos homoeróticos que constroem suas sexualidades em um contexto atípico que é o internato. Fazendo um compilado breve de nosso trabalho, temos no primeiro momento a revisitação de seus contextos de produção e os momentos de entrelace e distanciamento entre as figuras dos autores com suas respectivas obras. Percebemos como as obras são reflexos das sociedades nas quais estão inseridas, e como essa mesma sociedade consome tais textos sem, no entanto, se reconhecer em ambos, mesmo que a crítica esteja ali de forma tão evidente aos olhos do leitor.

Em seguida, ao adentrarmos o âmbito da inocência da infância e da pureza do ambiente familiar, temos a atmosfera inicial dos romances como ponto de partida. Assim como no poema de William Blake, o mundo natal segura consigo a experiência da infância a salvo das corrupções do mundo exterior. Porém, com um olhar mais diligente, é possível perceber que as relações externas se embrenham no lar familiar e ali já ensaiam as relações de hierarquia e poder do mundo exterior, conforme pudemos observar nas páginas do segundo capítulo dessa dissertação.

Por fim, chegamos ao nosso destino final. Os olhos da experiência se abrem e aqui os jogos de poder entre as relações se tornam mais óbvios e mais implacáveis. Uma série de episódios e personagens contracenam em busca de se valer diante dos outros, de mostrar sua autoridade e impor disciplina. Percebemos como uma série de padrões e papéis sociais se moldam e se perpetuam nas páginas desses romances, que mostram como as instituições bases da sociedade se configuram desde séculos atrás.

David e Sérgio, assim como Dickens e Pompeia relegaram à posteridade um rico registro de práticas e valores ainda em construção no período oitocentista, mas que chegaram até nós ainda bem sólidos. Nosso trabalho buscou elucidar os pontos em que esses romances se aproximam enquanto obras da literatura mundial, mas também como reflexo dessas sociedades que, embora distantes geográfica e temporalmente, apresentam tanto de si uma na outra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mario de. O Ateneu. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Raul Pompeia**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2016, p. 214-223.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **A pedagogia do sexo em O Ateneu: o dispositivo de sexualidade do internato da “fina flor da mocidade brasileira”**. Dissertação (Sociologia – Centro de Educação e Ciências Humanas), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaio Reunidos (1942 – 1978)**. Volume I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- CLASTRES, Pierre. O Arco e o Cesto. In: **A Sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. Págs. 71-89.
- COLONNA, Vincent. Tipologia da Autoficção. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014, p. 39-66.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira 2: Império**. São Paulo: LeYa, 2016.
- DICKENS, Charles. **David Copperfield**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.
- FERRAZ, Carlos. O 31º Aniversário de sua morte. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Raul Pompeia**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2016, p. 44-50.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – História da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- GASPARINI, Phelippe. Autoficção é o nome de quê?. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014, p. 181-221.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GONDRA, J. G. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- GOODMAN, Ruth. **How to be victorian – A Down-to-Dusk guide to Victorian Life**. Nova Iorque: Liveright Publishing Corporation, 2015.

- HALL, Catherine. **Sweet Home**. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 47-76.
- HOBBSBAWN, Eric J. **A Era do Capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- MARQUES, Ivan. O Ateneu: romance de formação e destruição. In: POMPEIA, Raul. **O ateneu**. Rio de Janeiro, Editora Zahar: 2015, p. 7-23.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Anablume, 2012.
- MORAIS, Flávia Domitila Costa. **A evolução da modernidade na filosofia e na literatura: A literatura vitoriana como tradução moralizante no Ensino de uma época**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade
- PERROT, Michele. À margem: solteiros e solitários. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada IV: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 268-301.
- PERROT, Michele. Figuras e papéis. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada IV: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 107-168.
- PERROT, Michele. Funções da família. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 91-106.
- PERROT, Michele. Outrora, em outro lugar. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada IV: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 14-17.
- PIGENET, Michel. Virilidades operárias. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da Virilidade – Volume 2: O triunfo da virilidade. O século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 249-301.
- POMPEIA, Raul. **O ateneu: crônica de saudades**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2015.
- PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo**. Tese (Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH-USP), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SANDANELLO, Franco Baptista. **O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d’o ateneu, de Raul Pompeia**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2015.
- SANTIAGO, SILVIANO. Contradições e Perquirições. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Raul Pompeia**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2016, p. 251-281.
- SILVA, V. L. **O norte impossível: ficção, memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2012.
- SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- TOLSTOI, Leo. **Anna Karenina**. Reino Unido: Oxford University Press, 2014.
- TOMALIN, Claire. **Charles Dickens: a life**. New York: Penguin Books, 2012.

